



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS**

DENISE CRISTINA FERREIRA

**O *ETHOS* DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CAMPINA
GRANDE – PB NA CONTEMPORANEIDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL DE 2020**

DENISE CRISTINA FERREIRA

**O *ETHOS* DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CAMPINA
GRANDE – PB NA CONTEMPORANEIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do título de doutora em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Vanderlan Francisco da Silva

CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL DE 2020

F383e

Ferreira, Denise Cristina.

O ethos do professor da educação básica em Campina Grande - PB na contemporaneidade / Denise Cristina Ferreira. - Campina Grande, 2020. 177f. : il. Color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2020. "Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva". Referências.

1. Educação Básica. Educação - Campina Grande. 3. Professor. 4. Profissão. 5. Trabalho. I. Silva, Vanderlan Francisco da Silva. II. Título.

CDU 373.3(813.3)(043)

DENISE CRISTINA FERREIRA

**O *ETHOS* DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CAMPINA
GRANDE – PB NA CONTEMPORANEIDADE**

Aprovada em: 03 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Vanderlan Francisco da Silva (PPGCS/UFCG - Orientador)

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino, de Sales Júnior (PPGCS/UFCG - Examinador Interno)

Prof. Dr. Mário Landosky (PPGCS/UFCG - Examinador Interno)

Profa. Dra. Alessa Cristina Pereira de Souza (PPGS/UFPB- Examinadora Externa)

Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Bélens (UEPB – Examinadora Externa)

CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL DE 2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS

Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429- 900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE DOUTORA EM CIÊNCIAS,
REALIZADA EM 03 DE ABRIL DE 2020

CANDIDATA: **Denise Cristina Ferreira**. COMISSÃO EXAMINADORA: Vanderlan Francisco da Silva, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão, Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno, Mário Henrique Guedes Ladosky, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno, Jussara Natália Moreira Bélen, Doutora, UEPB, Examinadora Externa, Alessa Cristina Pereira de Souza, UFPB, Examinadora Externa. TÍTULO DA TESE: "*O ETHOS DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CAMPINA GRANDE-PB NA CONTEMPORANEIDADE*". ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 14h00 – LOCAL: **Sala Virtual, em virtude da suspensão de atividades na UFCG decorrente do corona vírus**. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização, no tema de sua tese, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Doutora em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 03 de Abril de 2020.

Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário

VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, Doutor, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientador

RONALDO LAURENTINO DE SALES JÚNIOR, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

MÁRIO HENRIQUE GUEDES LADOSKY, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BÉLENS, Doutora, UEPB

Examinadora Externa

ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA, Doutora, UFPB

Examinadora Externa

DENISE CRISTINA FERREIRA

Candidata

2 APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Tese de Doutorado da candidata **DENISE CRISTINA FERREIRA**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.

Documento assinado eletronicamente por **VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, PROFESSOR**, em 25/08/2020, às 12:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **Denise Cristina Ferreira, Usuário Externo**, em 26/08/2020, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/08/2020, às 20:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 08/09/2020, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **MARIO HENRIQUE GUEDES LADOSKY, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/09/2020, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BELENS, Usuário Externo**, em 25/09/2020, às 19:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **Alessa Cristina Pereira de Souza, Usuário Externo**, em 26/09/2020, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **0972364** e o código CRC **DB9154BD**.



Dedico esta tese com sentimento de amor e gratidão intenso e exclusivo ao meu amado PAI **Daniel Ferreira de Maria** (*in memoriam*) e a minha filha que chega como Luz, Kaliane Ferreira. Foi sempre para vocês e por vocês. Meu muito obrigada PAI, te amo sempre e para todo sempre!

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos aqueles que pensam e vivem com ousadia, superando e lutando contra os erros, as limitações e as dificuldades que às vezes parecem intransponíveis. Agradeço, antes de tudo, a um ser o qual chamo de **Deus** que me guia, me ilumina e me ajuda a seguir.

Um trabalho como este é fruto de um longo esforço em que muitas pessoas são como molas propulsoras para que se conquiste e alcance grandes objetivos e sonhos. Escrever um trabalho científico, seja ele em qualquer magnitude, é sempre um desafio repleto de dificuldades que, aos poucos, vamos ultrapassando, com a colaboração de muitos sujeitos. Desse modo, digo que aqui estou como sobrevivente de uma longa batalha, que já era um sonho desde a graduação e para que esse desejo se tornasse realidade foi preciso encontrar muitos anjos pelo caminho, uns vistos na sua materialidade e outros sentidos. A todos esses seres visíveis e invisíveis, minha profunda e inteira gratidão.

Agradeço a realização deste trabalho a pessoas que, de fato estão em meu coração e sem as quais nada disso seria possível:

Primeiramente, ao meu Pai, **Daniel Ferreira** (*in memoriam*) que foi e é uma das pessoas que mais me incentivou e conversou comigo sobre educação ainda em vida e que está a todo o momento comigo, sinto seu cheiro Pai, intensamente. Meu amado Pai, muito obrigada, por cumprir com o nosso trato, de nunca, sob nenhuma circunstância, mesmo depois da morte, me abandonar, um sonho nosso que se concretiza na realização desse trabalho;

Ao meu companheiro **Kaio Diniz**, por confiar e acreditar nos meus sonhos e objetivos, mesmo com tantas dificuldades e emoções partilhadas;

À minha mãe, **Josefa Ferreira**, e aos meus irmãos, **Dennis Ferreira** e **Danilo Ferreira** por serem minha primeira família. Às primas **Mariana Souza** e **Cristina Souza** que, mesmo distante, se fazem perto, com tantas palavras de carinho e intenso apoio. Querida, obrigada de coração;

Ao meu orientador, professor **Dr. Vanderlan Silva**, que aceitou minha temática e conduziu a orientação com maestria, mesmo com os inúmeros percalços enfrentados, sobrevivemos, agradeço imensamente pela força e condução;

Aos professores da Graduação em Ciências Sociais - UFCG, em especial aos que, de alguma forma, encaminharam-me para iniciação à pesquisa científica como: **Dr.**

Lemuel Guerra, no PIBIC-JUNIOR (2004); a professora **Dr^a. Mércia Rangel**, pelas orientações nas monitorias e pela generosidade em me apoiar e se preocupar nos intensos momentos de pânico e sofrimento vividos por mim nas internações do meu pai, sou grata a professores como vocês;

Ao ilustre professor **Dr. Rogério Nascimento**, que foi como uma luz no meu caminhar na graduação, me apresentando um mundo de leituras libertárias, as quais mudaram minha vida para sempre, só posso dizer meu muito obrigada querido, por também confiar no meu trabalho e ter sido ponte para a minha carreira acadêmica;

Ao Programa de **Pós-Graduação em Ciências Sociais** da UFCG e aos professores, pelas leituras e orientações na construção de um trabalho científico;

Aos professores **Dr^a. Jussara Beléns** e **Dr. Ronaldo Sales**, pelo acompanhamento e pelas magníficas dicas e contribuições para a escrita desse trabalho, ao professor **Dr. André Augusto**, por também indicar leituras interessantes e inspiradoras, minha profunda gratidão;

Aos meus amigos de Graduação: **Carlos Joseph** e **Wilton Freitas** pela força, carinho e amizade que se faz já em longas datas. As minhas amigas de Pós-Graduação, em especial, **Patrícia Santana** pelo apoio e pelas leituras partilhadas, Paty você foi um dos grandes presentes que a pós me proporcionou, tanto para a vida acadêmica, como para a pessoal, muito obrigada por tudo. Também a **Mariana Cavalcanti**, pelos diálogos e pela força para a conclusão desse trabalho. Gratidão a vocês meninas fortes, extraordinárias e lindas;

As minhas amigas, companheiras que nunca largaram a minha amizade mesmo com toda minha ausência por longos anos e datas, **Geysa**, **Mona**, **Gabi**, **Nildinha**, **Juliana Diniz** e a **Claúdia Cavalcanti (Kaka)**, minha amiga irmã de infância, que mesmo a quilômetros de distância participa intensamente das minhas escolhas, conquistas e tomadas de decisão, muito grata a todas vocês;

Ao meu querido terapeuta **Stefano Farias**, que, sem ele, os dias ficam muito mais emaranhados, obrigada por desatar os nós e apontar caminhos, você é demais.

As minhas colegas de trabalho, professoras que se tornaram para mim grandes amigas como: **Janine Cardoso**, não somente pelas indicações de materiais científicos, mas também pela força positiva que se manifesta na sua forma de falar e ser amiga com tanta positividade, querida, meu muito obrigada; a **Valeska Lucena**, **Giseli Lucy**, **Patrícia Martins** e **Myrtis**, sem vocês os dias seriam muito mais difíceis.

Aos **meus alunos** do Ensino Médio e do Ensino Superior que dão sentido a minha docência e ao meu esforço para o desenvolvimento desse trabalho.

Em especial, agradeço **aos professores da Rede Pública Estadual de Educação** da Paraíba que participaram da pesquisa, pela confiança depositada em mim na realização desse trabalho e pelos laços de amizade estabelecidos, sem os quais não seria possível essa investigação;

E, por fim, agradeço de coração a todos que, de forma direta e indireta, fizeram parte da construção da minha vida como professora e pesquisadora. Assim como **a todos professores e educadores** apaixonados pelo que fazem e por muitos que se dedicam com tanto carinho à educação, promovendo a diferença e transformando a vida de milhares de indivíduos na sociedade, mesmo diante de tantas dificuldades, a todos os citados e não citados, sintam-se acarinhados.

RESUMO

O objetivo desta tese é analisar as narrativas do ser professor da educação básica na rede pública de ensino de Campina Grande - PB. A partir dos relatos sobre a escolha da profissão docente, o trabalho com os alunos e as peculiaridades do ser professor da rede pública estadual, procuramos traçar um quadro sobre experiências docentes na contemporaneidade. Dentro desse desenho, foi preciso conhecer algumas pesquisas que estão em pauta no que diz respeito aos temas que tratam sobre o trabalho docente, tanto discussões em nível nacional, como internacional. A perspectiva teórica da presente investigação situa-se no universo das pesquisas que refletem sobre o trabalho docente no Brasil, levando em consideração aspectos sobre profissão, formação e seu ofício. Como referencial teórico, contemplamos uma variedade de campos de saberes, dando ênfase a uma visão multidisciplinar do tema. Dessa forma, procuramos dar ao trabalho docente uma contextualização que perpassou desde a Sociologia, Antropologia, Pedagogia, Filosofia e a Psicologia, tendo como referência as leituras de Bourdieu (2013), Codo (1999), Canário (2005), Dubet (1997), Tarfid e Lessard (2014), entre outros. A escolha pelas escolas pesquisadas deu-se a partir de um viés geográfico da cidade para apresentar um panorama amplo e peculiar do que é ser professor na educação básica da rede pública. Como percurso metodológico, foram desenvolvidas entrevistas, seguidas da observação participante e do uso da etnografia, a fim de perceber como os professores constroem suas experiências e como se configuram as sociabilidades presentes no cotidiano escolar. Dessa forma, refletir sobre cotidiano escolar e os sentidos que os professores dão a sua prática docente associada aos relatos da sua trajetória enquanto professores nos permite alcançar dados fundamentais para se pensar nas particularidades dos professores na cidade de Campina Grande-PB. Através da contribuição da etnografia, é possível identificar traços culturais e sociais que são fundamentais para o entendimento das vivências e experiências do ser professor.

Palavras Chave: Professor. Escola. Educação. Profissão. Trabalho.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyze the narratives of being a teacher of basic education in the public-school system of Campina Grande - PB. From the reports on teaching career's choice, the work with students and the peculiarities of being a teacher in the state public-school, we seek to obtain a picture about contemporary teaching experiences. Within this layout, it was necessary to realize some researches that are on the agenda regarding the themes that deal with teaching work, both discussions at national and international level. The theoretical standpoint of the present investigation is in the research universe that reflects on teaching work in Brazil, considering aspects about profession, training and their work. As a theoretical framework, we contemplate a variety of knowledge fields, emphasizing a theme's multidisciplinary view. In this approach, we try to contextualize the teaching work spanned from Sociology, Anthropology, Pedagogy, Philosophy and Psychology, come up with as reference the readings of Bourdieu (2013), Codo (1999), Canário (2005), Dubet (1997), Tarfid and Lessard (2014), along with others. The researched schools' choice was based on a geographical perspective of the city to present a broad and peculiar panorama of what it means to be a teacher in basic education in the public system. As a methodological path, interviews were developed, followed by participant observation and the use of ethnography, with the intention of understand how teachers construct their experiences and how the sociability present in daily life school is arranged. Thus, reflecting on school routine and the meanings that teachers give to their teaching practice associated to their trajectory reports as teachers allows us to reach fundamental data to think about the teachers' particularities in the city of Campina Grande-PB. Through ethnography contribution, it is possible to identify cultural and social features that are fundamental for understanding the experiences of being a teacher.

Keywords: Teacher. School. Education. Carrer. Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização de Campina Grande na Paraíba.....	46
Figura 2 - Zonas e Bairros de Campina Grande.....	51
Figura 3 - Imagem aérea de uma Escola Pública.....	52
Quadro 1 - Perfis dos entrevistados.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE -	Conselho Nacional de Educação
CEENSI -	Comissão Especial destinada a promover estudos e proposições para a reformulação do Ensino Médio
CNTE -	Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação
EPTNM -	Educação Profissional Técnica de Nível Médio
INEP -	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC -	Ministério da Educação
PL -	Projeto de Lei
PNDE -	Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação
SINTEP -	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação
PROMEB -	Programa de Melhoria da Educação Básica

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
	Encontro com o tema de pesquisa.....	16
	Proposta de estudo.....	19
1	CULTURA ESCOLAR E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE ASPECTOS CULTURAIS DA ESCOLA.....	22
1.1	Breves discussões sobre conceitos de Cultura nas Ciências Sociais.....	22
1.2	Relação entre Educação, Escola e Cultura escolar.....	26
1.3	Entre o ser e o fazer: o professor da educação básica na escola pública.....	31
1.3.1	Ser professor: “Você trabalha ou é só professor?”.....	31
1.3.2	A prática docente: entre o “Bom” e o “Mau” professor.....	35
2	PERCURSO METODOLÓGICO: POR QUE ESSE TEMA? ENTRADA NO CAMPO E COLETA DE DADOS.....	38
2.1	Entre o passado e o presente: trajetória e escolha do tema.....	38
2.2	A entrada no campo: a sala dos professores e os sujeitos da pesquisa... 	43
2.3	Caracterização geográfica e socioeducacional da cidade de Campina Grande – PB.....	46
2.4	O cenário da pesquisa: caracterização dos professores e as escolas visitadas.....	48
2.5	Procedimentos de coleta dos dados.....	50
2.6	Procedimentos de análise dos dados.....	53
3	BREVES DISCUSSÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE NO BRASIL.....	56
3.1	O trabalho docente no Brasil: entre tensões e conflitos	56
3.1.2	Sendo professor na atualidade: entre limites e possibilidades.....	60
3.2	Educar em tempos de incertezas.....	66
3.2.1	Discussões sobre o contexto atual da escola e o trabalho docente.....	68
3.2.2	O professor, seu trabalho e o uso das novas tecnologias na escola.....	70
3.2.3	Ser Professor: a docência no magistério brasileiro.....	75
4	COM QUEM O PROFESSOR TRABALHA? JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA DOCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	79
4.1	Entre a experiência e a narrativa: ser professor na contemporaneidade.....	80
4.2	Definições sobre o que é juventude.....	84
4.3	Escola e juventude: relações de interação com o professorado.....	86
4.3.1	A escola no Brasil: narrativas sobre a docência no cotidiano escolar.....	91
5	SER PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO DA REDE PÚBLICA EM CAMPINA GRANDE-PB.....	93
5.1	Análises das entrevistas com professores.....	93
5.1.1	Entrevista com o professor Jean, da disciplina Biologia: “Sempre gostei das coisas relacionadas à Natureza”.....	93

5.1.2	Entrevista com o professor Miguel, da disciplina Física: “Ser professor está no sangue”.....	96
5.1.3	Entrevista com o professor Erick, da disciplina História: “Quero Manter o Espírito livre”.....	98
5.1.4	Entrevista com o professor Marcelo, da disciplina Matemática: “Ser Professor alimenta o ego”.....	100
5.1.5	Entrevista da professora Amanda, da disciplina Língua Portuguesa: “Ser professor é vivenciar na prática”.....	102
5.1.6	Entrevista com a professora Maria, da disciplina Biologia: “Ser professor foi por falta de opção, eu queria mesmo era medicina”.....	104
5.1.7	A entrevista com a professora Eva, da disciplina Língua Inglesa: “Me tornei professora de Inglês por ser uma língua que comecei a aprender desde os seis anos”.....	106
5.1.8	Entrevista com a professora Mariele, da disciplina Sociologia: “A licenciatura foi a única opção, eu não tinha escolha”.....	107
5.1.9	Entrevista com o professor Walter, da disciplina Sociologia: “Ser professor é ter mil e uma utilidades”.....	109
5.1.10	Entrevista com o professor Nelson, da disciplina Educação Física: “Servi ao exército e gostei das questões relacionadas ao corpo”.....	110
5.2	Cotidiano escolar, relacionamento e ser professor da rede pública: entre dificuldades e alegrias.....	113
6	COTIDIANO, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIA DOCENTE NA REDE PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE –PB.....	115
6.1	Relacionamento na escola com os colegas de trabalho, direção, alunos e funcionários.....	115
6.2	Preparação das aulas e o trabalho docente.....	128
6.3	Principais dificuldades do trabalho docente.....	135
6.4	O lazer e as atividades fora da escola.....	150
6.5	Alegria de ser professor na contemporaneidade.....	158
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
	REFERÊNCIAS.....	171
	APÊNDICE – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	177

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, intensificaram-se ainda mais inúmeras discussões em torno no trabalho docente. Multiplica-se, em diversos campos dos saberes, como a Psicologia, Sociologia, Antropologia e Política, a discussão sobre escola, educação e o ser professor. São congressos, seminários, mesas-redondas, fóruns e publicações sobre a temática. A partir disso, podemos supor que são muitas as inquietações que movem essas pesquisas.

Em consequência, podemos afirmar, então, que a educação no Brasil, ao longo dos anos, vem sendo pensada por especialistas das mais diversas áreas: sociólogos, psicólogos, filósofos, historiadores, pedagogos, enfim, profissionais dos mais diversos campos do saber preocupados em tecer diálogos e análises acerca da educação e do contexto escolar.

No que se refere à educação escolar no Brasil, desde sua instauração até agora, ela sofreu inúmeras reformas e transformações políticas, sempre com a preocupação de atender a um projeto específico de cidadão, pautado num discurso de melhoria e de superação dos dilemas enfrentados pela escola. Dilemas esses que são retratados cotidianamente e propalados por meio da mídia como violência, agressões entre alunos e professores, *bullying*, indisciplina, entre outros, assim como refletidos nos baixos índices de notas avaliativas, que indicam o que muitos especialistas chamam de “fracasso escolar”.

No epicentro dessas discussões, estão os professores, que são vistos e apresentados em reportagens midiáticas como “premiados” pelo seu trabalho, em situação de precariedade e de resistência às dificuldades enfrentadas cotidianamente ou como responsáveis pelas mazelas enfrentadas na escola, pelo seu descompromisso e pela péssima formação. Nessa dicotomia em que se encontram os professores, ora vistos como heróis, ora como vilões, nós somos convidados a refletir sobre a profissão docente como um caminho contraditório e desafiador a ser tencionado pelo campo ciências sociais.

Sabemos que a sociedade, nas últimas décadas, vem passando por inúmeras mudanças que alteram nossos hábitos de vida, assim como modificam as relações culturais e sociais, as formas de trabalho ou de se trabalhar. A escola e a educação são fruto de uma historicidade social que, de certa forma, influencia nos estilos de vida do ser professor na atualidade. Uma vez que as transformações tecnológicas têm oferecido novidades cotidianamente. Nessa lógica, a todo o momento, configuram-se novas transformações que afetam as relações de trabalho e o cotidiano escolar tem sido

constantemente atravessado por essas modificações, que se refletem diretamente no seu dia a dia e, conseqüentemente, no trabalho docente. Essas transformações implementadas pela tecnologia e pelas mudanças rápidas na conjuntura social geram nos indivíduos uma série de sentimentos e comportamentos. Como muitas vezes esses “não sabem” lidar com tais mudanças, isso pode afetar o desempenho do seu trabalho, causando resistências, afastamentos e até o adoecimento do professor.

Desse modo, consideramos o trabalho de ser professor uma atividade complexa quando a associamos ao ato de ensinar. Assim, o termo “profissão professor” insere-se num novo contexto que está diretamente relacionado ao advento da modernidade¹.

A partir do século XIX, a escola passa a ser uma instituição oficial e legítima com regras, disciplinas, leis e onde quase todos são obrigados a frequentar, desde a infância até a vida adulta, sendo por vezes, obrigatória. Quando a educação é institucionalizada, em local próprio a ser executada, passamos a entender esse processo e o papel do professor como um profissional que tem um exercício organizado e legitimado através do desenvolvimento do conhecimento e do saber.

Nesse contexto, temos, no espaço escolar, uma variedade de relações e interações humanas que aglutinam muitas questões, que perpassam desde a constituição histórica e política, que influenciou diretamente a formação do contexto escolar no Brasil, até mesmo na formação e desempenho da profissão docente. Diante dessas considerações, é importante ressaltar que ser professor no contexto atual tem sido um desafio para muitos que se dedicam à profissão, uma vez que são muitos os dilemas que atravessam a escola na atualidade.

Dessa forma, pensando a partir da experiência empírica, esse trabalho foi aos poucos estruturando-se, a fim de (re)pensarmos o ser professor da rede pública no contexto atual. Tomando como ponto de partida uma variedade de leituras que perpassam de modo multidisciplinar a condição da escola, da educação e do trabalho docente, fomos, aos poucos, problematizando o contexto de inserção desse professor na contemporaneidade e o desempenho do trabalho docente da rede pública na cidade de Campina Grande - PB, levando em consideração o trabalho do professor, seu cotidiano escolar, suas trajetórias sociais e culturais.

¹ O conceito de modernidade aqui apresentado, atrelado ao processo de educação, vem para mostrar que, nos últimos séculos, a escola tem se deparado com profundas alterações que reverberam no trabalho docente, o qual passa cada vez mais um sistema rígido e hierárquico de vigilância a partir dos parâmetros educacionais que devem ser seguidos por meio de uma vigilância. Sempre indicando o que, como e de que maneira devemos ministrar o conteúdo.

Pensando assim, entendemos que nem só de amarguras e tristezas é feita a profissão e nem somente de alegrias, então, procuramos evidenciar o cotidiano desses profissionais na escola através de um olhar que busca compreender as entrelinhas das narrativas e o sentido de ser professor da rede pública estadual de Campina Grande - PB nos dias atuais.

Entendendo que a sociedade brasileira, nas últimas décadas, vem sofrendo inúmeras transformações políticas, sociais e econômicas, como já mencionado, como fruto de uma conjuntura neoliberal pautada em valores econômicos e tecnológicos, essas questões vêm afetando as instituições sociais e, entre elas, a escola e o trabalho docente. Desse modo, a educação, a escola e o trabalho docente estruturam-se frente às novas configurações sociais.

As exigências para que os professores cumpram um papel que vai além da sua formação transforma o ato de educar num conjunto de atividades que parecem impossíveis de exercer em sua plenitude, por terem que assumir uma série de papéis na escola. Desse modo, devido ao aumento das exigências decorrentes de um modelo de sociedade, o professor se vê com diversas responsabilidades e com uma carga de trabalho exaustiva, além da necessidade cada vez maior da sua atualização no campo da educação.

As reformas educacionais nas últimas décadas, mesmo tendo melhorado a educação em certos pontos, parecem não ter conseguido respostas suficientes aos problemas recorrentes do contexto escolar brasileiro. Um sentimento quase que generalizado e difuso de mal-estar docente e insatisfação com a profissão, também denominada de “crise mundial da educação”, tem rondado as escolas do nosso país. No centro dessa crise e de todos os dilemas da escola, encontram-se os professores, cuja identidade profissional foi abalada devido a esses contornos que a educação tem tomado (CANÁRIO, 2005).

Diante disso, podemos pensar sobre as inúmeras questões que permeiam a escola, a educação e as relações de trabalho dos professores nos seus contextos cotidianos para, assim, melhor descrever e compreender as particularidades da atividade docente na atualidade: as dificuldades e pontos fortes dessa prática.

Encontro com o tema de pesquisa

A escolha do objeto de estudo, por vezes, está associada às curiosidades, expectativas, anseios, desejos do pesquisador. Refletir sobre as tessituras que permeiam

a escola e a educação sempre foram temas que marcaram a minha trajetória. Ainda na graduação, as leituras pedagógicas me colocavam no centro de uma discussão que sempre faziam pensar sobre a prática e a teoria. E foi ainda na graduação que despertei para a possibilidade de pensar, refletir e desenvolver algumas pesquisas que tinham como base o contexto escolar e que, por fim, encaminhavam-me também para a escolha da profissão. A partir das leituras no campo das Ciências Sociais, as reflexões em torno do universo educacional intensificavam-se, a escola, às vezes, surgia como uma instituição disciplinadora dos corpos, fruto de uma modernidade (FOUCAULT, 1986) ou com a função de manter a moral e educar as gerações das crianças por meio dos adultos (DURKHEIM, 2002), ou ainda como um espaço de reprodução das desigualdades sociais (BOURDIEU, 2008). Foi a partir dessas e outras leituras que a docência parecia-me um campo de atuação curioso e fascinante. Temas como escola, educação, professor, aluno, sempre foram indicando caminhos que, por fim, fizeram-me chegar ao desenho dessa pesquisa.

O interesse por esse campo de estudo, como já mencionado, não surgiu de um momento para o outro, trata-se de uma trajetória com longas perguntas, observações e leituras que, aos poucos, foram favorecendo escolhas e direcionando “olhares”. A docência como profissão e a entrada numa escola pública como professora da disciplina de Sociologia fizeram-me mergulhar num mundo “familiar”, seja por meio das experiências anteriores, como aluna da rede pública por toda vida estudantil, seja pelas leituras das teorias pedagógicas. E, tendo como base, agora, a experiência da leitura nas Ciências Sociais, foi possível “estranhar” o que parecia “familiar”. A escola como um universo de interações e relações repleto de falas carregadas de afetos, sentimentos e comportamentos que fazem desse espaço social um lugar singular, com sujeitos variados, gostos, estilos de vida e trajetórias particulares que merecem ser mais bem analisados. Durante encontros com os sujeitos da pesquisa, foi possível problematizar algumas falas que foram fundamentais para a elaboração final dessa tese.

Diante disso, ao assumir o cargo de professora da educação básica do Ensino Médio, na rede pública, em 2012, foram muitas as questões levantadas. Ao ser direcionada para uma escola estadual de Ensino Médio, deparei-me com um antigo professor que me recebeu e expressou, naquele momento, suas angústias e lamentações sobre a docência. No nosso encontro, ele lamentou minha entrada nessa carreira, por acreditar que eu merecia uma “profissão melhor”, uma vez que, segundo ele, as condições de ser professor não eram boas. Disse: “- Eu confiava em você e esperava mais. O que

fazes aqui? Você ainda tem chance, é jovem, procure outras coisas para fazer”. Talvez essa tenha sido uma das frases mais emblemáticas e difíceis de serem aceitas naquele momento. No entanto, no primeiro instante, achei ter sido uma leitura de mundo particular daquele professor, mas, com o passar dos dias e anos, fui tentando compreender o universo escolar e os discursos de negação da profissão docente, que estavam por trás da fala do antigo professor e agora colega de trabalho.

Além disso, outras figuras que faziam parte do ambiente também foram me ajudando a compor os questionamentos da pesquisa. Como professores que inicialmente ministravam disciplinas que não eram das suas formações específicas, mas se esforçavam para dar uma boa aula. Outros professores conhecidos e nomeados pelos alunos como “professauros” (ANTUNES, 2013), que seriam os docentes mais antigos da escola. Entre esses últimos, alguns também eram até chamados de “múmias”. Entre um intervalo e outro, as conversas recorrentes na sala dos professores marcadas pela lamentação e a acusação contra os alunos eram recorrentes entre alguns professores, às vezes seguidas de humor e piadas relacionadas ao cotidiano escolar. Era possível notar as reduzidas formas de comunicação entre aluno e professor que culminavam, por vezes, em conflitos. Outro grupo de docentes ficava sentado nos sofás falando sobre a greve sindical e pedindo apoio para encorpar o movimento, muitos deles culpando os professores que não eram efetivos pelo enfraquecimento político da categoria. Era recorrente também ver professores gritando com os alunos, falando sobre eles com outros professores e, muitas vezes, criando estereótipos, estigmas como espécie de *bullying*. Era possível também perceber o mesmo por parte de alguns alunos para com os docentes. Nesse ambiente, era possível notar ainda um grupo de professores conhecido como “camelôs”, vendendo produtos diversos (de catálogos a joias ou confecções) com o intuito de complementar suas rendas.

Esse cenário descrito acima e os perfis dos professores mencionados fazem parte de um universo escolar que possui um emaranhado de relações e interações a serem analisados pela observação participante e pelas pesquisas das Ciências Sociais.

Portanto, é notório que são várias são as performances dos professores que se configuram no contexto escolar. Desde aquele que é considerado como o “melhor” professor pela direção escolar, sempre pronto a ajudar, participar dos planejamentos e dos eventos da escola, até aqueles considerados “ruins” por irem de encontro à gestão escolar ou, até mesmo, por darem um jeito de não ir à escola, colocando atestado médico na rede

pública, mas frequentando outra escola privada e/ou outro expediente fazendo qualquer outra atividade sem se dedicar às questões da escola pública, de fato.

Dentro desse universo da experiência empírica é que procuramos problematizar e compreender as narrativas que fazem do espaço escolar um lugar de contradições. Portanto, foi possível perceber que são constantes as faltas dos professores, apresentações de atestados médicos e também ausências inesperadas resultantes, muitas vezes, de um quadro considerado de depressão do professor. Portanto, a breve descrição desse cenário foi palco de intensos questionamentos por parte do pesquisador ao perceber a escola como um campo intenso, composto por representações sociais que merecem ser observadas e analisadas a partir do viés das Ciências Sociais.

A instituição escolar, por representar um espaço composto por professores, alunos, merendeiras, bibliotecários, supervisores, inspetores compõem um ambiente dinâmico, heterogêneo e imprevisível. Foi a partir disso que essa tese de doutorado foi sendo elaborada, tendo como principal preocupação entender as narrativas dos professores em ser professor, assim como o papel da escola e daqueles que a compõem a partir das interações dos sujeitos envolvidos nesse espaço.

Proposta de estudo

Diante de tudo que foi explanado, podemos inferir que o trabalho docente retoma em si inúmeras preocupações de natureza diversa. Por se tratar de um trabalho permeado por trocas, diálogos e interações sociais, a profissão passa a ser compreendida como complexa. Essa complexidade tem como referência, em especial, as relações com os alunos e com os colegas docentes, assim como as dificuldades diárias para se ministrar os conteúdos.

Nesse contexto, o conceito de *Ethos*, por vezes usado nesse texto, refere-se ao fato de, no interior dos processos de interação vividos pelos professores no cotidiano escolar, o ser professor estar associado a comportamentos sociais e culturais imersos em valores, crenças e costumes que perfazem a instituição escolar. As performances descritas, os costumes e o cotidiano escolar em si estão diretamente relacionados a um *Ethos* como um “estilo” do ser professor.

Apesar de a escola pública no Brasil ter apresentado melhorias quanto à estrutura e recursos didáticos, ainda permanecem problemas antigos que fazem parte do cotidiano escolar e do trabalho docente como: desânimo, desmotivação, abandono escolar, violência,

bullying, indisciplina, entre outros. Portanto, o contexto escolar nos traz inúmeros questionamentos que precisam e merecem ser analisados a partir do viés das Ciências Sociais, tais como: O que é ser professor da educação básica do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Campina Grande-PB, no contexto atual? Quais as experiências e narrativas vividas pelos professores em seu cotidiano escolar?

Desse modo, procuramos através do objetivo geral compreender as narrativas do ser professor da rede Pública Estadual na cidade de Campina Grande-PB. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- i) Avaliar aspectos culturais e sociais os quais os professores da rede básica pública estão inseridos;
- ii) Analisar a maneira como os professores lidam com o cotidiano escolar;
- iii) Entender a maneira como os professores significam a profissão no contexto atual.

Entendemos que o contexto social vigente impõe à escola e aos professores papéis diferenciados dos previstos tradicionalmente. Nesse sentido, inúmeros são os reflexos dessa conjectura no trabalho docente que, muitas vezes, deixa a cargo do professor tarefas que se acumulam, o que o leva a desenvolver trabalho que perpassa sua dedicação afetuosa para com o cotidiano dos alunos, até mesmo a preocupação com o ensino e a aprendizagem. Imerso nesse contexto, o trabalho do professor vai sendo considerado complexo por lidar com muitos dilemas que envolvem a escola e ainda por ser um exercício que exige cada vez mais habilidades cognitivas, emocionais e práticas.

Para atingir os objetivos propostos para a investigação dessa conjuntura, o presente estudo encontra-se estruturado em seis momentos: no primeiro capítulo, são apresentadas discussões sobre o conceito de cultura escolar como fundamental para repensar a cultura desenvolvida por cada escola; o segundo capítulo procuramos evidenciar o percurso metodológico da tese, levando em consideração a escolha do tema, os sujeitos da pesquisa e as análises e procedimentos para o desenvolvimento do estudo; no terceiro capítulo, retomamos aspectos relevantes sobre o trabalho docente a fim de apresentar questões históricas que envolvem a escola e o trabalho docente no Brasil; o quarto capítulo aborda questões sobre a juventude, problematizando a importância da compreensão por parte do corpo docente sobre esse período chamado juventude e a boa relação que deve existir entre os que compõem a escola; o quinto capítulo trata das análises dos perfis dos sujeitos entrevistados como forma de melhor situar os sujeitos, disciplinas e algumas questões mais gerais sobre a docência; no sexto e último capítulo

da tese estão postas as categorias sobre o ser professor da rede pública, procurando apresentar o cotidiano e as questões colocadas por cada um dos entrevistados.

Por fim, esse trabalho procurou evidenciar um contexto que pode ser compreendido a partir de uma microssociologia para se pensar num contexto macrossociológico, no que concerne ao ser professor e ao conjunto de experiências narradas pelos professores da Campina Grande - PB. Procuramos, assim, através dessa pesquisa de campo nas escolas e com os professores, apresentar, com suas próprias palavras, a prática docente cotidiana, levando em consideração o que fazem, como fazem e como se sentem enquanto professores na contemporaneidade que, por si só, já está situada num contexto atravessado por questões políticas sociais e econômicas.

1 CULTURA ESCOLAR E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE ASPECTOS CULTURAIS DA ESCOLA

Este capítulo nos reporta às reflexões que perpassam o conceito de cultura, tendo como preocupação o espaço escolar. O tema cultura escolar, segundo Oliveira (2003), foi trazido para a área de educação no Brasil somente a partir da década de 1970, tendo como objetivo pensar sobre a organização escolar a partir de uma perspectiva político-cultural. Para esse autor, pensar a cultura escolar nos remete à ideia de se compreender o papel da escola e do trabalho docente também sob o viés cultural, político e econômico que o atravessa.

A escola, em sua dinamicidade, representa um espaço que pode parecer homogêneo pelas regras, avaliações e disciplina por parte dos mecanismos institucionais, mas que, ao mesmo tempo, é diversificado e repleto de emoções, interesses e trajetórias que perfazem o seu cotidiano. Portanto, conhecer as relações, interações e costumes que são vivenciados na escola é importante para que se possa compreender o contexto escolar. Ainda para Oliveira (2003, p. 296), “a escola é um espaço de cruzamento de culturas” e, por ser esse espaço em que perpassam muitas culturas, é que devemos perceber as influências da cultura escolar no trabalho docente e nas sociabilidades do cotidiano escolar.

1.1 Breves discussões sobre conceitos de Cultura nas Ciências Sociais

Estudar a cultura é uma discussão que tem complexidade, uma vez que pode essa ser analisada a partir de diferentes campos de saberes e conhecimentos e até mesmo por distintos pontos de vista. Seja por meio das definições sociológicas, antropológicas, psicológicas, a cultura pode ser considerada dinâmica e complexa na sua definição.

Na tentativa de definir cultura, dada a sua complexidade, iniciaremos a partir da definição etimológica do termo, sabendo que sua conceituação pode ter variações e derivações. O termo “cultura”, que se origina do latim *colere*, significa “cuidar de plantas” e também pode ser associado ao cultivo, às expressões artísticas de um povo ou sociedade, ter estreita relação com a ideia de homem culto ou mesmo educado, que possui formação. Assim, as conceituações em torno da cultura são polissêmicas e nos permitem transitar por diversas questões que envolvem a sociabilidade humana. Para Eagleton (2005, p.9, grifo do autor) “cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – “natureza” - é

comumente conferida à honra de ser mais complexo de todos”. Para o autor, a cultura é um dos termos mais complexos da nossa língua devido à variedade de significações que encerra, somente mais complexo que o termo “cultura” é o termo “natureza” que é o seu oposto. Entretanto, algumas definições são fundamentais para o entendimento da temática aqui estudada, que é a cultura escolar.

Quando Laraia (1997, p. 29) afirma que “O homem é o único ser possuidor de cultura”, ele nos remete a pensar que a ideia de cultura é exclusivamente uma prática humana, que transita em diversos campos de saberes e que tem como curiosidade o comportamento humano (Antropologia, Sociologia e Psicologia). No campo da Antropologia, de forma mais intensa, o conceito de cultura é considerado elemento chave para dialogar e explicar questões que estão relacionadas à dicotomia entre natureza e cultura.

A categoria cultura, no campo da Antropologia, tem explicações variadas, sendo usada muitas vezes como elemento comparativo para o entendimento das sociedades consideradas “primitivas” ou “civilizadas”. A partir desse viés é que poderia se medir o grau de evolução da sociedade tomando como ponto de partida elementos culturais. A cultura como expressão artística também pode servir de parâmetro para as sociedades que têm elevado conceito no que diz respeito ao uso das artes. O conceito de cultura ainda foi usado como uma das atribuições para poder considerar as sociedades com aspectos de “superioridade” ou “inferioridade”, que justificou o domínio de uma sociedade sobre as outras.

Uma das maneiras de se compreender essa discussão é pensar ainda sobre algumas implicações sobre a derivação do termo cultura, “Uma forma de se perceber isso encontra-se na dicotomia cunhada pelos pensadores alemães: *Kultur versus* civilização. A *Kultur* corresponderia à esfera mais “elevada” da razão e do espírito; nela o indivíduo, o “ser humano”, se realizaria por inteiro” (ORTIZ, 2002, p. 20). A partir dessa definição de Ortiz (2002), entendemos o termo cultura como uma das esferas elevadas no que diz respeito ao indivíduo que a possui.

O termo cultura adquiriu outros nomes e sentidos o longo da história social. Sobre isso, Salvador (1976) nos afirma que,

Os gregos mais efetivos à vida social e política, em lugar do conceito de “cultura animi” possuíam o de “politéia”, adquirida através da “paidéia”, isto é, educação da polidez e da nobreza para a vida social da pólis. A este conceito, os romanos denominaram, mais tarde, de “civilitas”, civilidade, donde se originou “civilização”, educação

aprimorada para a vidade cidade. Com a renascença, a aspiração máxima dos governantes era a de atingir o progresso das “nações civilizadas”. Hoje no século XX, fala-se em nações desenvolvidas e nações subdesenvolvidas, mais em termos de progresso técnico e econômico (SALVADOR, 1976, p. 10-11).

Como percebemos, a conotação do termo cultura vai também variando de acordo com o contexto social e cultural. Sobre as definições de cultura, daremos um passo mais adiante para refletir sobre alguns autores que contribuíram para seu estudo a partir de um viés socioantropológico.

Primeiramente, faz-se necessário pensar sobre o comportamento humano que, segundo Salvador (1976), pode ser compreendido de dois tipos: o simbólico e não simbólico, já que o homem é dotado de animalidade e racionalidade.

Enquanto animal reage aos signos, como os outros animais; enquanto racional reage aos símbolos. Quando boceja, espreguiça-se, grita se sente dor, encolhe-se com medo, arrepia-se com raiva, etc., tem comportamento não simbólico. Tais atos são respostas cujo significado é apreensível pelos sentidos, isto é, seu significado pode ser compreendido pela simples análise de sua forma física. Mas o homem pode comunicar-se pela palavra, usa amuletos, confessa faltas, faz lei, observa códigos de etiqueta, expõe sonhos, classifica seus parentes em categorias distintas, etc. Tais comportamentos são simbólicos. O significado de tais atos não pode ser apreendido pela simples análise de sua forma física. Deve ser dito ou comunicado pela linguagem, já que são atribuídos e determinados por aqueles que os usam. Como animal o homem sente dor; como racional o homem sofre. O significado do sofrimento varia de cultura em cultura, de indivíduo a indivíduo, pois o sofrimento depende daquele que sofre. Sua intensidade e seu sentido precisa ser dito ou comunicado para ser entendido. O comportamento cultural é essencialmente comportamento simbólico. E todo comportamento simbólico é comportamento cultural (SALVADOR, 1976, p. 34).

De acordo com o autor, o comportamento humano pode ser compreendido a partir de dois pontos que transitam entre atos que são próprios do homem e outros que são simbólicos, como resposta ao aparato cultural do indivíduo, que remete aos significados que compartilha.

No campo da Antropologia, o termo cultura faz parte de categorias fundamentais para se analisar as sociedades consideradas diferentes. Um dos primeiros a pensar sobre o conceito de cultura foi o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), na sua famosa obra “Primitive Culture”, de 1871, em que mencionou a primeira definição de cultura no sentido contemporâneo. Sua definição de cultura se preocupava em pensar nas questões comportamentais, espirituais e materiais da vida social e humana.

Segundo Tylor, a cultura pode ser considerada como todo comportamento aprendido e que não pode ser associado à transmissão genética ou reduzido a uma ação biológica. Para ele, a cultura seria considerada uma totalidade complexa que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Já o antropólogo Franz Boas (1858-1942) vai dizer que a cultura inclui as manifestações dos hábitos sociais do grupo em que vive e está inserido e a atividade humana é determinada pelo hábito. “A cultura não é hereditária, mas adquirida pelo homem a partir do mundo que o rodeia” (SALVADOR, 1976, 58).

O antropólogo americano Raph Linton (1893-1953), nas suas discussões sobre personalidade, apresenta a seguinte definição de cultura, “a cultura é a configuração de conduta apreendida e resultado da conduta cujos elementos componentes são partilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade particular” (LINTON, 1967, p. 43 *apud* SALVADOR, 1976, p. 59).

Para o antropólogo Clifford Gertz (1926-2006), o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano, portanto, outras ciências podem também perseguir esse tema. O que torna a antropologia uma ciência particular é a sua preocupação com a cultura. Por isso, o autor compreende o conceito de cultura como uma teia de significados criada pelo homem e afirma que, como

[...] sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível—isto é, descritos com densidade. [...] Compreender a cultura de um povo expõe sua normalidade sem reduzir sua particularidade. (Quanto mais eu tento seguir o que fazem os marroquinos, mais lógicos e singulares eles me parecem.) Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade (GERTZ, 1989, p. 10).

O sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), mesmo não tendo usado o termo propriamente, menciona o fato social e, a partir desse conceito, compreende que os modos coletivos de atuar, pensar e agir são próprios e tem uma realidade que independe das vontades individuais e acabam se adaptando.

De acordo com Salvador (1976, p. 84), os psicólogos e se deram conta de eu a partir do conceito de cultura, uma vez que consideram que o homem deve ser analisado

não isoladamente, mas como “situado e datado”, isto é, num contexto que engloba o físico, social e o cultural.

A cultura é, de fato, expressão objetiva de mundividências subjetivas. A abordagem psicológica quer explicar as expressões objetivas da cultura partindo da análise das vivências subjetivas. Mas parte do pressuposto de que existe um “caráter Nacional”, é um ser do Brasil, uma vez por todas” (SALVADOR, 1976, p.105).

De acordo com o autor, o comportamento brasileiro é fruto de práticas que se inserem no aparato contextual e cultural, que definem tipos de comportamentos que são característicos e próprios da sua nacionalidade.

1.2 Relação entre Educação, Escola e Cultura escolar

Existe uma relação entre cultura e educação que é fundamental para pensarmos sobre o contexto escolar, uma vez que o trabalho do professor está envolvido pelas dimensões sociais e culturais por ser um ofício que exige trocas e interações sociais. Por isso, a docência pode ser considerada uma profissão a ser também compreendida a partir do viés cultural. Enquanto que outras profissões desenvolvem seu trabalho de modo mais individualizado, o professor trabalha com um coletivo que exige certas responsabilidades e habilidades para que, dentro de um sistema homogeneizador, possa trabalhar as particularidades de cada indivíduo.

A educação não pode ser pensada fora de uma totalidade global que envolve o fenômeno social, pois a instituição escolar está diretamente inserida numa sociedade que tem seus interesses e, conseqüentemente, deposita na escola e no professor suas expectativas. Segundo Salvador (1976, p. 05), “O conhecimento da cultura de um país é um pressuposto necessário à reflexão pedagógica adequada e a atuação educacionais eficaz nesse país”.

De acordo com Silva (2006), as discussões sobre cultura da escola surgiram a partir da década de 1980, mas, de fato, fortaleceram-se na década de 1990. A escola, o professor e a educação têm se tornado um campo de estudo com enfoques cada vez mais variados. Mas, quando falamos da escola enquanto instituição, faz-se necessário o reconhecimento de uma cultura própria. “Cultura que conforma de uma maneira muito particular, com uma prática social própria e única” (SILVA, 2006, p. 202).

Quando a escola é objeto de estudo, podemos dizer que existe uma infinidade de temas que se aproximam das investigações, porém, temos também outra gama de discussões que os diferenciam.

No entanto, parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo) (SILVA, 2006, p. 202).

Segundo o autor, os indivíduos e suas práticas como: formas, discursos, comunicações, linguagens que se fazem presentes no cotidiano escolar, constituem um aspecto fundamental de sua cultura. A escola é compreendida como uma instituição ímpar, que se estrutura sobre processos, normas, valores, significados, rituais, formas de pensamento, constituidores da própria cultura, que não é monolítica, nem estática, nem repetível (SILVA, 2006, p. 205).

De acordo com o sociólogo Antônio Candido (1979), a escola pode ser considerada como um grupo social. Segundo ele, para poder falar em escola e no trabalho do educador é preciso compreender que a escola faz parte de uma estrutura organizacional composta, não apenas de regras burocráticas, mas de uma ampla formação de sociabilidade humana e cultural.

A estrutura administrativa de uma escola exprime a sua organização no plano consciente, e corresponde a uma ordenação racional, deliberada pelo poder público. A estrutura total de uma escola é todavia algo mais amplo, compreendendo não apenas as relações ordenadas conscientemente mas, ainda, todas as que derivam da sua existência enquanto grupo social. Isto vale dizer que, ao lado das relações oficialmente previstas (que o legislador toma em consideração para estabelecer normas administrativas), há outras que escapam à sua previsão, pois nascem da própria dinâmica do grupo escolar. Deste modo, se há uma organização administrativa igual para todas as escolas de determinado tipo, pode-se dizer que cada uma delas é diferente da outra, por apresentar características devidas à sua sociabilidade própria (CANDIDO, 1979, p. 107).

De acordo com o autor, inferimos que a escola é um espaço que possui sua cultura própria e que, mesmo tendo as regras de uniformização e legislação que definem um padrão, não podemos esperar comportamentos iguais nesse ambiente, já que se diversificam por existir uma sociabilidade própria.

A escola possui um sistema de normas e finalidades, que são próprios de cada instituição. Segundo Candido (1979), é preciso compreender a vida interna da escola, a cultura própria da escola, para que, assim, possamos entender sua dinâmica social e o comportamento dos indivíduos que compõem a instituição.

Ainda de acordo com o sociólogo Jean Claude Forquin, é preciso distinguir o conceito de “cultura da escola” e “cultura escolar”, ou seja, trata-se de um conjunto de saberes que uma vez organizado, “didatizado”, que compõe a base de conhecimento sobre a qual trabalham professores e alunos (FORQUIN, 1993, p. 168).

Para Forquin (1993), trata-se de um mundo social da escola, ou seja, o conjunto de “características de vida próprias, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos” (FORQUIN, 1993, p. 167).

No campo da historiografia, a escola passa a ser compreendida como uma instituição como as outras as quais conhecemos e que são fruto da modernidade. Diante disso, a cultura escolar evidencia que a escola não se reduz à transmissão de conhecimento, mas, principalmente, é um ambiente de inculcação de valores, comportamentos e de hábitos.

Para Julia (2001), a cultura escolar é vista como objeto histórico, fruto dos contextos históricos que encontram resistências e conflitos com outras culturas as quais podemos chamar de externas. Dessa forma, a autora afirma que

[...] esta cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p.10).

A cultura escolar, segundo o autor, passa por um processo que representa cada época, período e interesses sociais, políticos e econômicos, então, é necessário estudar tal temática levando em consideração o contexto de interesses de cada momento histórico.

A partir dessa discussão podemos também apresentar a contribuição de Bourdieu e Passeron (2013) que nos ajuda a compreender a escola enquanto uma instituição que tem o papel da produção e reprodução cultural e social.

Para Bourdieu (2013), a escola é tida como instituição formadora de hábitos, submetida a esquemas particulares de pensamento que são reproduzidos socialmente no contexto escolar. Nesse sentido, podemos inferir que existe toda uma lógica do espaço escolar que define seus aspectos culturais e juntamente àqueles que fazem parte da instituição. Isso porque o espaço escolar é constituído a partir de uma perspectiva histórica e cultural, se a observarmos numa perspectiva da microfísica e das influências arquitetônicas (FOUCAULT, 1982).

Temos, então, o espaço escolar como aquele em que é dotado de dispositivos disciplinadores que definem os comportamentos tornando seus corpos dóceis e suas consciências. Quando mencionamos a condição estética e estrutural da escola, falamos dos muros, das salas de aula fechadas e de um lugar dotado de intenções, valores e discursos próprios de uma tradição cultural.

Portanto, a escola trata-se de uma instituição com cultura própria que pode ser entendida como um espaço de interações sociais, dinâmico e repleto de idiosincrasias que o compõem. Seja mediante análise a partir do viés da Sociologia, da Antropologia ou mesmo da Psicologia, é preciso compreender esses campos de saberes como intrínsecos quando o que queremos observar na escola é o ambiente e o trabalho do educador que se faz presente nesse espaço. É preciso compreender os comportamentos dos indivíduos que os compõem e os sentidos que esses dão ao seu trabalho e as relações que são instauradas cotidianamente na escola, que são a representação de uma cultura escolar.

Para começar, podemos afirmar que a exploração das mudanças nas relações sociais que afetam as escolas compreendendo, por um lado, *subjetividades* e identidades construídas por parte dos sujeitos que as habitam e as novas reconfigurações culturais que as estão envolvendo e, por outro lado, os discursos públicos construídos e as “narrativas sobrepostas” sobre a infância, os jovens, as agendas e os mandatos subjacentes, parecem ser percursos metodológicos inquestionáveis. [...] as *subjetividades*, assuntos e investimentos dos atores, professores, gestores e alunos com necessidades especiais na escola, deparamos com a necessária pergunta: quem são os atores que estão a construir a cultura escolar? Esta pergunta remete-nos para noções de espaço, tempo, discursos e (des) encontros culturais, não apenas de diferentes classes sociais, mas também de diferentes *habitus* e práticas (SILVA, 2006, p. 2014, grifo nosso).

Uma questão que ainda deve ser pensada está relacionada aos aspectos sociais e culturais nos quais os professores no Brasil estão inseridos. Tal consideração é importante para direcionar questões relacionadas à realidade docente. De acordo com a pesquisa de

Emílio Tenti Fanfani (2005), sobre uma perspectiva comparativa entre as condições da educação na Argentina, Brasil e Peru, conclui-se que a educação tem passado por inúmeras transformações em nível social, cultural e político e deve ser melhor analisada pelos cientistas sociais. Segundo Fanfani (2005), não se trata apenas de se exigir mais professores, mais matrículas e mais escolas, é preciso compreender as demandas educativas que estão além dessas questões.

Por un lado, hoy no se trata sólo de dar más educación, es decir, de hacer más de lo mismo (más escuelas, más maestros, más matrículas) Hoy las demandas y necesidades educativas de la población son diferentes. Las diferencias de todo tipo (étnicas, culturales, sociales, de género, etc.). Tienden a afirmarse y considerarse como legítimas, y las distintas aspiraciones no pueden ser satisfechas mediante una simple expansión de la oferta educativa clásica. Distintos son los conocimientos y valores que se necesitan para formar personas aptas para tomar parte de manera activa, tanto de la vida productiva como en la vida social en general. **Los desafíos de la actualidad son más complejos: hoy es preciso desarrollar competencias básicas de nuevo cuño** (FANFANI, 2005, p.20, grifo nosso).

De acordo com o autor, é preciso refletir sobre as demandas educacionais da atualidade que requer muito mais discussões em torno das questões culturais, sociais e de gênero que atravessam a escola e a prática docente. Outra questão que o autor retoma é o fato dos docentes do Brasil, principalmente no setor público, serem, em sua grande maioria, oriundos da classe menos favorecida socialmente.

Por último, em Brasil y Perú la pertinência a la clase media baja y baja es más frecuente entre los docentes del sector público. Los datos indican que las autorrepresentaciones de clase, consus variaciones y particularidades, reproducen una imagen ampliamente compartida en nuestras sociedades respecto de la posición social de los docentes. Em efecto, esta categoría social tende a ser presentada como un caso paradigmático de "clase media". Sin embargo, observamos que proporciones significativas optan por auto definirse como de clase media baja, em especial em Brasil y la Argentina (FANFANI, 2005, p.52).

Outra questão importante é que, quando são questionados sobre as expectativas sociais do futuro, segundo o autor, os brasileiros encaram com mais otimismo o futuro social, porém, esse discurso tende a variar de acordo com o gênero do sujeito e a idade,

Las respuestas obtenidas indican que los brasileños son los más optimistas, en la medida en que una mayoría de 41,4% piensa que su situación futura será mejor que la presente y que sólo una minoría del 16,1% cree que su situación va a empeorar. En cambio, en la Argentina

sucede exactamente lo contrario, ya que la mayoría es más bien pesimista respecto del futuro que le espera. Todo parece indicar que en ambos casos los docentes tienden a proyectar hacia el futuro el signo de la trayectoria experimentada en el pasado (FANFANI, 2005, p.58).

Por fim, pensar sobre as subjetividades é tentar captar comportamentos daqueles que constroem a cultura escolar e expressam, por vezes, comportamentos os mais variados, que refletem em alegrias, angústias, afirmações e até negações acerca do trabalho docente.

1.3 Entre o ser e o fazer: o professor da educação básica na escola pública

Esse tópico procura apresentar um enfoque teórico que tem como intuito (re) pensar a prática docente em um contexto de muitas variações de comportamentos. Assim, talvez ele possa representar um particular dessa tese por evidenciar aspectos de resistências, discursos e comportamentos simbólicos que atravessam o fazer docente nas escolas públicas no Brasil e que merecem ser evidenciados.

Até esse momento procuramos fundamentar teoricamente discussões que perpassam a academia e que colocam o professor como categoria chave para se pensar nas sociabilidades humanas presentes nas escolas, assim como procurando entender que, além da formação escolar e educacional no Brasil ser fruto de uma perspectiva historicista com traços tradicionais, temos também um aluno jovem que está numa geração de intensas mudanças fisiológicas, sentimentais e numa sociedade da tecnologia que precisam ser mencionados. Além disso, os aspectos culturais que atravessam o contexto escolar também são fundamentais para se pensar na formação das identidades e subjetividades da profissão docente. Portanto, trataremos de algumas questões que perfazem o cotidiano docente e que merecem ser questionadas.

1.3.1 Ser professor: “Você trabalha ou é só professor?”

Essa breve pergunta “Você trabalha ou é só professor” marca muito a profissão docente, já que o professor, por vezes, é visto como um profissional cumprindo uma missão e não profissão. A expressão “Você só ensina” remete a um contexto no qual a sociedade, vindo de fora, acredita ser a docência uma tarefa de simples desempenho, no entanto, tem seus dilemas.

O ato de ensinar é antigo, porém, a figura do professor enquanto profissional na escola tem assumido diversas formas. O professor é considerado uma das figuras

principais da escola, geralmente, tanto o aluno como a sociedade de modo geral, depositam confiança, credibilidade e até mesmo apego ao docente. A partir disso, podemos inferir que a maneira como o professor se comporta e assume suas responsabilidades por meio da sua conduta ética, afeta também a postura do público discente. Essa postura do professor pode ser exercida de diversas maneiras. Às vezes, um professor pode representar uma inspiração com sua postura, conduta e didática. Mas também, nos deparamos com professores que negam a docência, desmotivados e que reproduzem discursos de uma escola pública ruim, violenta, desagradável, cheia de “maconheiros” e “vagabundos”. Esses termos de estereótipos e estigmas acabam reproduzindo uma visão negativa tanto dos alunos como da escola o que de certo modo influencia o contexto escolar como um todo. Além disso, essa postura profissional merece reflexão, pois o professor e a escola são categorias imbricadas e não podem ser pensadas em separado. Portanto, sabe-se que o contexto escolar associado aos dilemas da violência e indisciplina que estão relacionados à classe social e ao contexto próprio da escola pública, é como se tal escola estivesse mais sujeita a essas questões por ser pública.

No entanto, é fundamental (re) pensar a prática docente, como uma resposta a essas questões. Uma vez que esses discursos podem estar relacionados ao comportamento dos professores no que diz respeito ao descaso e desencanto docente que passam a ser reproduzidos culturalmente.

Diante dessas considerações, é preciso refletir sobre a maneira ou o “jeitinho” com o qual alguns professores têm representado seu trabalho e a prática docente nas escolas públicas. Tendo em vista que atitudes docentes, como faltar dias de trabalho, não ministrar o conteúdo, levar artigos para vender na escola ou até mesmo fazer propaganda de outro meio de trabalho, acabam rechaçando a ideia de que a escola pública é ruim e o ensino é de péssima qualidade.

Em escolas de interior, ainda é possível encontrar professores que acabam lançando sua candidatura na cidade por se tornarem populares e fazerem disso uma profissão. Assim, a escola como um local que aglutina um conjunto de indivíduos, pode ser pensada simbolicamente a partir dos conceitos trabalhados por Da Matta (1991) quando se refere entre “a casa” e a “rua”, onde a casa e a rua se opõem entre o que é privado e público, sendo assim, os comportamentos se diferem. De acordo com o autor, temos as seguintes interpretações,

Somos rigorosamente “subcidadãos”, e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na *rua* e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra é igualmente negativo. Jogamos o lixo em nossa calçada pelas portas e janelas; não obedecemos às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele celebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora de nossa casa é um “problema do governo”! Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado. Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo... Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar (DA MATTA, 1991, p. 27).

Na citação do autor, notamos que, muitas, vezes o espaço público é tratado com desprezo por ser associado a “coisa pública” ou de ninguém. Essa postura reflete um pouco, tanto nas falas dos professores da rede pública, como também nos diversos comportamentos. Quando os professores alegam que mesmo não fazendo distinção das aulas, prepara primeiro a aula da escola privada e a mesma leva para ministrar na escola pública, nunca se referindo o contrário.

Sobre essas questões, podemos partir ainda da leitura da lei nº 9.394/96, que institui as diretrizes e bases da educação nacional, a qual apresenta o direito à educação e reafirma a devida postura do professor, afirmando que toda ambiência escolar deve acontecer em instituição própria, devendo vincular-se ao mundo do trabalho e às práticas sociais. Dando continuidade, o art. 13 da LDB, mencionado nos PCNs (Parâmetros curriculares Nacionais) do Ensino Médio tem como título “Da organização da Educação Nacional”, trata sobre as funções do professor,

- I. Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II. Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III. Zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV. Estabelecer estratégias de recuperação dos alunos de menor rendimento;
- V. Ministrare os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI. Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL, 1996).

Como vimos, de acordo com a perspectiva da LDB (1996), o papel do professor é muito mais do que somente transmitir informações, ficando a cargo do docente participar da gestão e da elaboração do projeto pedagógico da escola, como também

estabelecer metas e objetivos para o cumprimento do conteúdo. Cabe ao professor conhecer seu aluno e seu processo de aprendizagem. A partir disso, entendemos que o professor não pode ser omissivo às questões que envolvem a escola e a condição de vida do alunado. Mas, não é o que temos visto em relação à postura e conduta do professor da rede pública. Essa constatação se justifica nas inúmeras queixas e lamúrias ouvidas que refletem as dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas como: falta de professores, aulas vagas, descompromisso, entre outros.

Todas essas questões mencionadas afetam a qualidade de ensino e, diante disso é fundamental entender a postura dos professores, pois tais práticas podem intensificar a visão negativa da escola pública, quando os professores assumam comportamentos que não condizem com a ética do profissional docente. O professor desinteressado, descompromissado e indiferente com a escola e com os alunos, torna-se um indivíduo sem atitude crítica, sem ideias e isso, conseqüentemente, de alguma forma, pode refletir na permanência ou não do alunado na escola e essas questões também devemos olhar com o pensamento crítico e analítico sobre essa questão.

Professores que não prepararam suas aulas com antecedência, ou por falta de empenho ou por pura negligência e que desenvolvem formas de autoritarismo em sala de aula acabam por gerar uma ambiência de resistência e desconforto. Além disso, a pouca ou nenhuma criatividade que estimule a inovação do indivíduo transforma o ambiente escolar em um lugar ruim e de negação.

No contexto escolar, é possível se deparar com muitos perfis de professores, são sujeitos diversos. Desse modo, existem muitas falas que se apresentaram no cotidiano empírico e que merecem ser mencionadas, no decorrer do texto, como por exemplo um professor que compara a escola a um curral de animais e se expressa da seguinte maneira com os alunos “desce rebanho, vão para as salas”, ou mesmo usando termos pejorativos para falar com os jovens ao se referir a fase da puberdade, “bando de cadela no cio, vão descendo para as salas de aula”. Tais comportamentos reproduzidos por alguns professores refletem um certo descaso com os alunos da escola pública. É importante ainda frisarmos que não são todos os professores e nem em todas as escolas, uma vez que, as escolas possuem sua cultura que é própria e que tem suas particularidades, mas que não deixa de ser um comportamento indesejado para um ambiente educacional.

Assim, a escola se torna um espaço que compõe um aglomerado de indivíduos em que cada um vai dando (positiva ou negativamente) sentido ao seu cotidiano. Nesse sentido, é possível resgatar aqui inúmeras figuras que são bem marcantes no contexto

escolar investigado, como a professora Helena², a qual, com uma idade que ultrapassava o momento da aposentadoria, sempre convidava os alunos a empurrar suas costas de forma carinhosa até a sala de aula, essa era uma maneira de “ajudá-la” a chegar na sala para ministrar sua aula de Língua Portuguesa. Alguns alunos se referiam a professora como “acabada”, se divertiam empurrando-a para dar uma certa “forcinha” até a chegada à sala. Certa vez, sendo questionada sobre a possibilidade da sua aposentadoria, ela disse que não podia se aposentar, pois perderia as gratificações e ficaria impossibilitada de garantir a compra dos remédios.

Um outro fato relevante a ser trazido à baila remete a um encontro com uma professora da escola que sempre apresentava muitos atestados médicos. Ao lhe encontrar numa clínica de estética, a mesma me solicitou: “Por favor, não diga a ninguém que você me encontrou aqui”. Na mesma hora, fiquei pensativa e questionando o motivo da sua preocupação, já que estávamos fora do horário de trabalho. No entanto, essa era uma das professoras consideradas mais antigas da escola e sobre a qual os alunos criavam muitos estigmas e estereótipos alegando que ela queria ser sempre “menininha”. Os alunos se referem a professora desta maneira por alegaram que ela vai para escola com maquiagem forte e usando roupas de jovens, o que de algum modo demonstra por parte dos alunos, um certo preconceito e bullying com a professora.

Esses breves registros nos ajudam a refletir sobre o ser e o fazer docente, assim como as interpelações que envolvem tanto o contexto escolar, como também o comportamento dos professores que são marcas de um cotidiano não visto ou mesmo não apresentado.

1.3.2 A prática docente: entre o “Bom” e o “Mau” professor

Sobre o “Bom” e “Mau” professor é importante contextualizar as discussões no que se refere à qualidade do ensino e ao prazer de estar na sala de aula, já que estes são fatores que podem afetar também a postura do alunado.

Como vimos anteriormente, o relato da professora que diz não pedir aposentaria para não ter o salário rebaixado pode ser considerado também um desânimo, tanto da parte do professor, que acaba não querendo aproveitar um direito, como também dos

² Nome fictício utilizado a fim de não expor os sujeitos mencionados, mantendo a integridade e a ética da pesquisa e informações.

alunos que, como consequência, podem se sentir desestimulados por ter um professor desanimado.

Diante disso, Abramovay *et al.* (2002), na sua pesquisa, questiona os alunos sobre os motivos pelos quais muitos pararam de estudar. Entre as mais variadas respostas, estão os conflitos entre alunos e professores e com os demais funcionários da escola.

Mudanças de escola, violências nas escolas, problemas com professores, influências negativas de colegas, abandono, volta à escola, transferência e repetência são discutidas. Abandono ou ter parado de estudar é tema que preocupa a comunidade no campo da educação. [...] Repetência, abandono e transferência são referidos como associados a dimensões que jogam com a subjetividade, com a falta de interesse e com o apelo de outros estímulos. Têm, contudo, bases materializadas em críticas sobre **a qualidade do clima escolar, das relações com os professores e diretores e em imposições** que se referem a uma micropolítica de necessidades, como o ter que trabalhar, ter constituído uma família, não poder bem conciliar trabalho e escola, mas que, muitas vezes, são assumidas como culpas próprias (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 75, grifo nosso).

De acordo com a autora, o clima escolar e as dificuldades na relação entre os seus pares, professores e diretores são pontos que fazem com que os alunos desistam de estudar. Professores com conhecimentos limitados, má vontade e desânimo, também são pontuados nos discursos dos jovens, o que ocasiona o desânimo e desestímulo na escola. Ao serem questionados pelo uso do livro didático, estes não fizeram menção, dando ênfase principal à postura do professor como um dos elementos para a permanência ou desistência da escola.

No entanto, professores que desempenham suas funções com descaso, descompromissos, não preparam aulas, não continuam estudando e levam a profissão como segunda opção, podem também representar um grande problema para a escola pública no Brasil. Uma vez que o perfil desse docente é aquele que não se preocupa com o ato de educar, não se importa com o desenvolvimento social, cultural e nem político do seu aluno.

Portanto, refletir sobre essas posturas profissionais é importante, pois nos ajuda a compreender de forma crítica as relações sociais e humanas que são instauradas no espaço escolar.

Levando em consideração o ser e o fazer docente que é permeado por uma série de valores e ideologias que definem o comportamento humano. Nada mais inconsequente e irresponsável do que um processo educacional, como menciona Werneck (1993),

pautado no “você finge que ensina, que eu finjo que aprendo”, e que, de alguma maneira, tem atravessado o cotidiano das escolas públicas no Brasil.

Diante dessas considerações teóricas mais iniciais que abordaram brevemente o ser e o fazer docente, apresentaremos a seguir os motivos da escolha do tema e ainda o perfil dos entrevistados, procurando nortear o leitor na compreensão da tese.

2 PERCURSO METODOLÓGICO: POR QUE ESSE TEMA? ENTRADA NO CAMPO E COLETA DE DADOS

Este capítulo abordará os caminhos que foram adotados para a realização dessa pesquisa uma vez que, num processo de investigação, deve-se explicitar detalhadamente a maneira como o cientista procedeu na tentativa de alcançar seus objetivos. Por isso, esse capítulo foi estruturado, primeiramente, para apresentar o delineamento da escolha do tema, a entrada no campo e o desenvolvimento da pesquisa, em seguida, a definição dos sujeitos, escolhas dos entrevistados e cenário da pesquisa e, por fim, os procedimentos de coleta de dados e de análise.

2.1 Entre o passado e o presente: trajetória e escolha do tema

Toda pesquisa tem um interesse subjetivo por parte do pesquisador, já nos colocava esse pensamento de forma sutil um dos clássicos da sociologia: Max Weber (1964-1920). Talvez o pesquisador arraigado a sua trajetória de vida ou mesmo curiosidades que vão se configurando ao longo das experiências vividas. Diante disso, entendemos que toda pesquisa é fruto de um longo esforço de pensamento, questionamento, reflexões e leituras sobre o tema e com essa investigação não foi diferente, suspeito até que a escolha do tema dessa tese tenha sido realizada mesmo antes de entrar nas Ciências Sociais. Já que sempre fui compreendida pelos que me acompanham como uma constante questionadora e curiosa sobre a vida humana. Sempre perguntando e questionando, nunca me conformei de perceber a vida social como ela aparenta ser e nem naturalizar os comportamentos de forma geral. Talvez essa postura já dizia algo sobre minha futura profissão. Em especial, os temas escola, educação, sociedade e professor sempre me fascinaram e me encantaram.

A partir de agora, começo a delinear o nascimento dessa pesquisa como fruto de uma longa trajetória de perguntas e reflexões. Como qualquer indivíduo que pertence a uma sociedade de cultura ocidental, frequentar todos os dias a escola me parecia algo normal ou natural, todos faziam isso e eu também. Até porque passamos longos anos e tempo da nossa vida sentados em cadeiras nas escolas em buscar de um “futuro melhor”. É assim que aprendemos desde criança que ficar fora da escola é um crime; pois é na escola que toda criança deve estar. Como afirma o sociólogo Peter Berger, a família é uma das primeiras formas de socialização, nosso primeiro contato com as regras e com

as normas. Porém, é na socialização secundária, através da escola que vamos entrar em contato com as regras da sociedade e com toda uma cultura que, aos poucos, vai definindo nosso comportamento e, assim, vai direcionando nossos papéis sociais e também nossas escolhas para a vida (BERGER; LUCKMANN, 1973).

De fato, a escola está presente na vida de muitos sujeitos, quase todos já passaram ou vão passar por essa instituição. E meu interesse de pesquisa sobre a docência vem desde inúmeros momentos que marcaram minha infância e adolescência, que se trata dos intensos diálogos sobre o papel da escola e do professor nas narrativas do meu pai, sempre depois que eu chegava da escola, nos finais de tarde. Sentada em uma cadeira de balanço branca ao lado do meu pai, eu ouvia longas histórias sobre a escola, sobre ser professor. Ele apresentava uma escola a qual ele frequentou com marcas de um lugar de muita disciplina, com regras, mas uma professora que transformava o ensino e o aprendizado num momento de esperança e uma pessoa que ele muito admirava por esse motivo. Mesmo eu, naquele momento, de forma imatura, não podendo perceber as contribuições de uma narrativa que trazia em si uma época, um contexto social e político ficou na minha memória subjetiva: traços e elementos fundamentais para que eu compreendesse hoje, enquanto pesquisadora, as inúmeras problematizações sobre a sociedade, a escola e a condição de ser professor.

A figura da professora tecida por ele era de uma profissional afetuosa, dedicada e feliz. Aspectos de um perfil de professora que via na docência o caminho da transformação. Na sua descrição, era uma escola de estrutura humilde com pouco ou quase nenhum recurso para a professora, mas que nem por isso ela era considerada menos atrativa. Sua professora parecia ser uma mulher de meia idade, vestida com uma saia azul e uma blusa branca, com cabelos pretos, e que via no seu trabalho docente a força propulsora para um futuro melhor ao ser apresentado para o conhecimento por intermédio daquela professora e que repetia sempre: “a gente nunca perde com a leitura”. Que fins de tardes fascinantes e cheios de nostalgias. Eu lembro hoje como meu pai descrevia aspectos particulares, mas, ao mesmo tempo, gerais, sobre uma época e uma professora em especial. Então, minhas reflexões partem desse ser professor construído através de um olhar que relatava por meio do reconhecimento e a admiração pelo trabalho desempenhado pela professora, e que, segundo ele, tinha no seu aluno a maior razão para o seu trabalho.

A docência e a experiência particular descrita por ele me fez compreender hoje a relação entre uma professora preocupada com os alunos e disposta a transformar a vida deles, em contrapartida aos perfis dos professores que fui encontrando ao longo dos anos.

Desse modo, foi entre uma descrição e outra que muitos elementos foram se formando naqueles fins de tarde ao pôr do sol, elementos que ainda hoje permeiam a escola que eu apresento nessa pesquisa, como o controle, a vigilância e, acima de qualquer coisa, a exigência do rigor e da disciplina na escola. Tudo isso se fazia presente na sua fala. Uma escola que parecia ser vigiada o tempo inteiro e regulada por direção autoritária, mas, dentro desse contexto que parecia o lado ruim da escola, a professora era a razão principal para sua permanência na escola.

Portanto, na descrição do meu pai, a professora era feliz e tinha um sorriso acolhedor; brava quando necessário, mas o seu desejo de transformar a realidade daqueles sujeitos era a sua principal motivação, segundo seus relatos. Fascinada pela história que ele me contava, tal como a leitura de um livro literário, sentada na varanda, se iniciava naquele momento a escolha da minha profissão e as inúmeras problematizações no decorrer da minha vida e trajetória acadêmica. Esse talvez tenha sido um dos momentos marcantes que atravessa minha subjetividade, enquanto pesquisadora.

Esse recorte que trago, nesse momento da tese, não poderia ficar de fora, já que conta o início de tudo, frente ao pé de castanhola, em um terraço simples com uma cadeira branca de balanço e com descrições que hoje posso retomá-las para dialogar cientificamente. Essa breve apresentação das tardes de um pôr do sol quase que rosado, ouvindo e prestando bem a atenção no conceito e significado de escola que meu pai atribuía foi o que julgo ter sido fundamental para a escolha desse tema e das temáticas que estiveram sempre presentes nos meus interesses de pesquisa.

Da mais tenra infância para a trajetória de estudante e pesquisadora, a escola, a sociedade, a educação e o ser professor sempre atravessaram minha vida. Assim foi, de fato, durante minha trajetória estudantil, quando me encontrei com professores excelentes e outros, nem tanto, mas o que me motivava a já observar a escola e a condição do ser professor era o interesse de que a sociedade, assim como a história descrita anteriormente, pudesse conhecer uma escola com uma professora transformadora. A partir daí, a escolha pelas Ciências Sociais se fez no período ainda do Ensino Médio, quando, na oportunidade, na escola pública na qual estudava, fui selecionada por ter boas médias globais para me iniciar na pesquisa e receber uma bolsa como ajuda de custo. Tal projeto era direcionado para alunos de escolas públicas e intitulava-se PIBIC-JÚNIOR. Então, escolhendo apenas

a área, o aluno seria sorteado a participar de pesquisas junto aos professores tutores e, a partir disso, escolhi as ciências humanas e fui sorteada para o centro de humanidades da UFCG, com um professor do departamento de ciências sociais. Ao passar um ano de iniciação à pesquisa, com a orientação de um professor tutor, logo chegou o dia do vestibular e a escolha não poderia ser outra, já que também me encantava pelo mundo da curiosidade, dos porquês que as ciências sociais nos permitem mergulhar.

Trazendo nas minhas memórias a professora admirada pelo meu pai, eu buscava construí-la e não seria diferente na minha trajetória acadêmica. Durante o curso nas ciências sociais a escolha pela licenciatura foi à primeira coisa que fiz. Entre o bacharelado e a licenciatura, a força que me movia era o caminho da docência. Logo, fui me interessando pelas leituras que tinha como epicentro as discussões sobre o papel da Escola na sociedade e o lugar do professor. Diante disso, tive também a oportunidade de desenvolver junto com um professor do curso, pesquisas do PIBIC que tinham também como discussão central a educação, a sociedade e, por fim, a figura do professor que sempre me acompanhou.

A primeira pesquisa foi sugerida pelo professor e prontamente aceita por mim, que era analisar e discutir sobre a biografia de uma escritora anarquista nascida em Barbacena, Minas Gerais, que também teria sido professora e militante do movimento anarquista no Brasil, Maria Lacerda de Moura (1887-1984). Mergulhei intensamente em muitas leituras sobre conceito de escola para o pensamento oficial e também para o anarquismo. Leituras clássicas e contemporâneas de grande envergadura no pensamento anarquista foram fundamentais para a elaboração das reflexões acerca da função da escola e do papel do professor, tais como: Bakunin (2001), Kropotkin (1989), Max Stiner (2003), e outros. Assim como as leituras de Moura (1925), Jomini (1990), Kassick (2000), Leite (1984), Nascimento (2006), e dos clássicos da sociologia como: Emile Durkheim (2002), Pierre Bourdieu (2007) e outros, foram como uma ponte para novas inquietações e reflexões sobre a educação.

Ao concluir a graduação, em 2009, tinha certeza que queria ser professora, agora mais madura e com um pouco do arcabouçado adquirido. Ser professora era um desafio a ser enfrentado, talvez como resposta à admiração do meu pai, mas também, como fruto das inúmeras inquietações que me foram surgindo ao longo da graduação, sobre a docência, a escola e a sociedade. Já em 2009, prestei meu primeiro concurso para professora de Sociologia da rede pública estadual e, sendo aprovada, me preparei para ser professora da rede pública.

Durante o período que marca o fim da graduação e entrada no trabalho como professora do Estado, ingressei no Mestrado, tendo como tema central analisar o pensamento de Maria Lacerda de Moura em “Lições de Pedagogia” (1925), obra de relevância da autora para a reflexão sobre educação e o ser professor. Uma obra que representa um verdadeiro manual sobre educação pedagógica e de grande relevância para se pensar a educação no Brasil em inícios do século XX (FERREIRA, 2012). Através do olhar de Moura (1925) foi possível perceber, de modo geral, que o ser professor atravessa as fronteiras e limites de uma instituição escolar. Ser professor, segundo a autora, é compreender o sujeito a partir de uma visão holística, o que, para sua época, a escolarização oficial não permitia, como de algum modo percebemos até hoje. Portanto, foi possível ainda compreender que através do pensamento da autora o ser professor era visto como uma função de muita responsabilidade, atenção, dedicação e de transformação das mentalidades.

Por fim, a chegada à escola, a qual fui nomeada, os encontros inusitados com as inúmeras performances dos professores. Primeiramente não poderia deixar de registrar dois momentos marcantes, em especial com duas figuras que foram fundamentais para as inquietações da tese. Primeiro, foi o encontro com um antigo professor de História, o qual eu admiro profundamente. Ao encontrá-lo e com muito entusiasmo conto que me tornei professora da disciplina de Sociologia da rede pública de ensino e ele, com um grande desânimo, me diz: “não acredito, o que você está fazendo aqui, você sempre foi uma aluna boa, eu acreditava tanto em você, aqui não é lugar para você”. Naquele momento, aquelas palavras me atravessaram, já que imaginava sua fala de outra forma, mas já foi para mim um ponto de partida para uma das primeiras problematizações do tema da tese. Por que ele se refere à docência dessa forma? Essa fala remete a minha escolha ou a escolha dele? Então, enquanto curiosa das questões sobre educação e sociedade, minhas perguntas não cessaram. Outro momento, ao qual atribuo como fundamental para as inúmeras inquietações foi o encontro com uma figura irreverente da escola a qual eu fazia parte como docente. No meu primeiro dia de trabalho, percebo uma figura transitando entre o pátio da Escola com uma imagem não muito formal para a ideia de professor, com a camisa aberta até a região do peitoral, uma medalha de prata e botinas de vaqueiro. O professor chamava os alunos para a sala como se tivesse “aboiando gados”.

Passei mais de semanas observando esse professor, tanto nos corredores da escola, como nas portas das salas e até mesmo na sala dos professores. Depois me indagou se eu era novata e resolveu me dar algumas dicas de como lidar com os alunos, que, segundo

ele, eram umas “pestes”. Durante essa conversa perguntei qual era a disciplina que ele ministrava e, prontamente, ele falou e disse que era formado numa disciplina, mas que ministrava aula em outra, no entanto, estava chateado ao afirmar que o Estado estava cobrando que os professores ministrassem suas disciplinas nas suas formações específicas, o que me parecia o correto, mas o professor alegou que há mais de quinze anos não ministrava a disciplina para a qual ele tinha formação, o que para mim pareceu, no mínimo, estranho.

Além desses dois professores que foram importantes para tantos questionamentos, outras performances também se faziam, principalmente na sala dos professores. O professor que era vereador e sempre chegava atrasado por estar em compromissos com o legislativo; a professora “sacoleira” que trazia muitos artefatos para a venda na mesa da sala dos professores, outra com uma bolsa cheia de remédios alegando não se aposentar por não poder perder a gratificação que era dedicada a compras dos medicamentos; a professora faltante que deixava os atestados no ponto dos professores, sempre doente e indisposta, enfim, essas e outras performances foram fundamentais para se refletir sobre o ser Professor da rede pública Estadual.

Assim, no próximo tópico, descrevo a entrada no campo, as visitas às escolas e as escolhas dos informantes que deram origem a essa tese.

2.2 A entrada no campo: a sala dos professores e os sujeitos da pesquisa

Como todo aquele que já esteve em pesquisa de campo, seja um iniciante ou experiente, sabe o quanto é um exercício arriscado e desafiador por nos colocar à vista um oceano repleto de imprevisibilidades. A pesquisa de campo pode ser comparada ainda à apresentação em um palco no qual não sabemos quem está por trás das cortinas a nos esperar. O primeiro contato com o campo para a escolha da pesquisa é o lugar onde sabemos chegar e levar as técnicas, instrumentos e até mesmo acrescido por um arcabouço teórico que foi usado como bússola para se chegar, negociar e fazer os devidos acordos entre o pesquisador e o que se é pesquisado. No entanto, nem sempre parece ser uma tarefa fácil, já que muitas são as questões que atravessam a pesquisa como já mencionado anteriormente. Para que a pesquisa seja bem-sucedida, é importante que o pesquisador tenha paciência, equilíbrio e ética. Trabalhos de alguns autores importantes no campo da Antropologia como Bronisław Malinowski (1984), Clifford Geertz (1989), White (2005), Evans-Pritchard (1993), entre outros, descrevem em suas obras os

inúmeros momentos de imprevisibilidade na pesquisa de campo, assim como a antropóloga brasileira Miriam Goldemberg relata em suas pesquisas, os imprevistos na coleta de dados são fatores aos quais precisamos também estar atentos. Em uma das suas obras, a autora registra um encontro com uma informante no qual ela marcou um horário e ficou por duas horas à espera da informante, que, ao chegar, começou a falar sobre a vida pessoal como desabafo, por mais duas horas e a pesquisadora o ouviu atentamente, sem ter nenhuma abertura para fazer os questionamentos pertinentes à pesquisa (GOLDENBERG, 2006).

Desse modo, compreendemos o quanto as pesquisas de campo e de cunho qualitativo são desafiadoras, já que, segundo Goldenberg (2015, p. 19), nas ciências sociais lidamos com “emoções, valores e subjetividades”, assim, compete ao pesquisador, cautela para poder captar as impressões e colher os dados necessários. Para Cover (2017), quando o pesquisador vai a campo, é preciso se apropriar dos métodos, técnicas, registros, fazer entrevistas e transcrições. No entanto, mesmo munido dos instrumentos necessários, é preciso negociar sua entrada e permanência no campo para se obter informações peculiares sobre o objeto de estudo. Ele afirma:

Em alguns casos a entrada nas relações do “mundo do nativo” é dificultada pelo fato de existirem espaços vigiados pelas regras sociais locais, sejam normas de empresas que impedem o contato com os trabalhadores, seja por normas sociais internas dos próprios grupos (COVER, 2017, p. 36, grifo do autor).

Quando o campo de pesquisa é a escola que, para muitos, parece ser um lugar tranquilo, sem muitos problemas, para o pesquisador, é importante compreender que se trata de uma instituição em constante vigilância. Essa vigilância pode ser compreendida através do controle do acesso, dias, horários e ainda pelo controle sobre quem chega à escola. De acordo com Silva (2017), ao apresentar as dificuldades em relação à entrada na pesquisa de campo, o qual relata dois momentos de pesquisa, um no sistema penitenciário, e outro em visitas a escolas, o processo de negociação nas escolas se faz com certa facilidade, já na penitenciária os desafios foram maiores por ter que negociar com vários sujeitos e ainda pelo risco iminente que o próprio campo representa.

A realização de ambas apresentou desafios e exigiu posturas distintas frente às instituições que lidam com sujeitos sociais diferentes, têm práticas e objetivos diversos, muito embora mantenham princípios de controle e punição semelhantes. [...] o das escolas, embora se trate de uma instituição que tem no controle e na punição alguns dos seus

sustentáculos, obviamente não se trata de uma instituição no mesmo molde da penitenciária, embora os muros altos, grades, cercas elétricas, guardas e o controle da circulação de alunos indiquem que elas partilham de algumas práticas comuns com a penitenciária no seu cotidiano (SILVA, 2017, p. 47).

A partir disso, compreendemos que, mesmo sendo a escola um lugar de mais “fácil” acesso, é preciso saber negociar para poder coletar os dados necessários para a pesquisa. Já que, o tempo inteiro, o controle por parte da direção da escola também é feito sendo ela geralmente o primeiro contato para tentar inserir-se na instituição. Além dessa colocação do autor, outro momento da sua pesquisa também foi fundamental para que essa investigação tomasse seu desenho. Segundo Silva (2017), no transcorrer da sua pesquisa em escolas, os professores relatam questões sobre o cotidiano escolar e convidam o pesquisador para, numa futura pesquisa, investigar a “realidade” deles.

Os professores, por sua vez, depois de várias conversas explicativas, tinham como preocupação central saber os objetivos e destino da pesquisa. Entretanto, não foram poucas às vezes em que durante a aplicação dos questionários nas salas de aula, junto aos estudantes, muitos professores nos auxiliaram fornecendo informações sobre o cotidiano da escola e sobre o comportamento dos alunos. **Outros, aproveitavam a ocasião para solicitar que fizéssemos algo para mudar a realidade das escolas públicas, enquanto outros reclamavam que já havia muitos estudos sobre os alunos e que seria necessário estudar os professores, segundo eles, “cansados e maltratados”, inclusive pelos alunos, que por vezes, praticavam bullying contra eles (SILVA, 2017, p.50, grifo nosso).**

A colocação dos professores, um tanto quanto apelativa para o pesquisador, remete ao pedido de que muitas pesquisas estavam direcionadas aos alunos e que eles precisavam também de pesquisas sobre os professores que se sentiam maltratados e cansados. Todas essas leituras e análises foram fundamentais para a estruturação da pesquisa. Portanto, priorizamos analisar o cenário do estudo a partir de breves incursões etnográficas, nos valendo de estratégias da etnografia para poder descrever e analisar aspectos que são importantes na pesquisa e que não conseguem ser obtidos somente por meio das entrevistas. Dessa forma, foi possível visitar cerca de dez escolas a fim de anotar, observar e compreender o cotidiano dos atores sociais que compõem a instituição escolar. A seguir, situaremos a cidade da pesquisa e as escolhas das escolas visitadas.

2.3 Caracterização geográfica e socioeducacional da cidade de Campina Grande – PB

A pesquisa foi realizada na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, faz parte da mesorregião do agreste Paraibano e é o segundo município mais populoso do estado, possuindo cerca de 410.332 habitantes, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), conforme apresentado na Figura 1. É considerada uma das cidades pólo industrial e tecnológico da Região Nordeste do Brasil. Tem destaque nas áreas de informática, serviços (saúde e educação), comércio e na indústria, principalmente indústria de calçados e têxtil.

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DE CAMPINA GRANDE NA PARAÍBA



Fonte: Campina Grande (2019).

Com ênfase na educação, a cidade é destaque, no que diz respeito ao aglomerado de instituições de ensino públicas e privadas, sendo uma das cidades que mais recebe público estudantil. Em relação à educação básica, a cidade de Campina Grande-PB possui cerca de 74 (setenta e quatro) escolas públicas estaduais. Essas estão divididas entre as tradicionais (meio período) e as de tempo integral. As tradicionais são as escolas que funcionam em turnos (manhã, tarde, noite). Já as escolas de tempo integral funcionam o dia inteiro. O trabalho docente nas escolas tradicionais é dividido pela carga horária exigida com as respectivas disciplinas. Já as escolas de tempo integral, chamadas na Paraíba de “Escolas cidadãs ou Integrais” trazem a proposta da integralização do tempo

para alunos e professores, os quais cumprem uma carga horária de quarenta horas semanais.

O modelo de educação pública da Paraíba vem sofrendo alterações nos últimos anos, assim como nas escolas públicas de todo o Brasil. Segundos dados do Ministério da Educação (MEC), deverão ser implantadas em grande parte das cidades do país, as escolas em tempo integral. O programa da Educação Integral é uma proposta do Governo Federal que, através do Ministério da Educação, visa solucionar problemas que atravessam a educação brasileira. A educação integral tem como proposta integralizar os conhecimentos para a formação do indivíduo e as implantadas na Paraíba estão fundamentadas pelo ICE (Instituto de Corresponsabilidade da Educação). Sua implementação está alinhada com a universalização progressiva do Ensino Médio, que constitui uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (2009).

Na Paraíba, como mencionado, vem sendo integrado ao Ensino Médio, ao longo dos anos, as escolas em tempo integral. Em 2014, contamos cerca de 48 escolas em 38 municípios com mais de 15 mil estudantes. Além disso, o governo tem investido numa série de programas em apoio à educação básica, como PROMEB (Programa de Melhoria da Educação Básica)³; ACESSA UNI⁴; Se Sabe de Repente⁵; Realização de Pesquisa⁶; Orçamento democrático escolar⁷.

Além desses programas, que são voltados à educação básica para o Ensino Médio, existem outros incentivos e formação para os profissionais como: a realização de curso de especialização em educação e direitos humanos, na modalidade a distância, para os profissionais da educação exercitarem em suas práticas educativas a cultura da Paz e dos Direitos Humanos nas escolas da rede pública estadual, em consonância com as diretrizes Nacionais da Educação em Direitos Humanos. Esses programas têm tentando melhorar a qualidade do ensino das escolas públicas no Estado, no entanto, têm escolas e professores que sequer conhecem algum desses programas.

3 Desenvolvido em parceria com a Universidade Federal da Paraíba - UFPB, desde julho de 2013, envolvendo 49 escolas de Ensino Médio, do município de João Pessoa, com aproximadamente 36.204 estudantes, com o objetivo de contribuir com a melhoria da qualidade da educação básica e superior.

4 Trata-se de um programa de bolsas de Estudos para alunos da Rede Pública Estadual ingressarem na Universidade, em parceria com a UNIPÊ.

5 Projeto que visa fortalecer a participação dos jovens e de elevar a sua autoestima.

6 Com alunos do Ensino Médio para conhecer melhor nosso aluno, suas expectativas e sua opinião sobre a escola.

7 Refere-se ao estímulo e à participação cidadã dos alunos nas plenárias de decisões sobre orçamento da escola.

2.4 O cenário da pesquisa: caracterização dos professores e as escolas visitadas

O cenário da pesquisa constituiu-se de dez escolas públicas estaduais, visitadas entre os anos de 2018 e 2019, sendo que em cinco delas tivemos informantes para a realização das entrevistas. Embora não conseguindo informantes em metade das escolas visitadas, todas as visitas foram devidamente registradas por meio de um diário de campo que captou as primeiras impressões das escolas, com as incursões etnográficas. Algumas das escolas visitadas são de Ensino Médio e outras de Ensino Médio e Fundamental, o que se chama respectivamente de Educação Básica I e II.

Além disso, achamos conveniente, nesse momento, apresentar a seguir um quadro (Quadro 1), elaborado a partir dos perfis dos entrevistados que serão melhor apresentados no capítulo 5 da tese, como forma de melhor situar o leitor sobre os professores entrevistados, abordando categorias como: sexo, nome, tempo de sala de aula na rede pública, localização geográfica das escolas e ainda as datas das entrevistas, assim fica didaticamente mais fácil de situar cada professor e cada fala, vejamos:

QUADRO 1 – PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Professor	Gênero	Nome	Disciplina	Tempo de Magistério	Zonas	Datas das Entrevistas
Prof.1	Mas.	Jean	Biologia	9 anos	Oeste	18/10/2018
Prof.2	Mas.	Miguel	Física	23 anos	Norte	19/10/2018
Prof.3	Mas.	Erick	História	30 anos	Oeste	05/11/2018
Prof.4	Mas.	Marcelo	Matemática	20 anos	Oeste	04/11/2018
Prof.5	Fem.	Amanda	Língua Portuguesa	6 anos	Sul	19/03/2018
Prof.6	Fem.	Maria	Biologia	9 anos	Oeste	18/03/2018
Prof.7	Fem.	Eva	Inglês	6 anos	Oeste	26/04/2019
Prof.8	Fem.	Mariele	Sociologia	6 anos	Sul	26/05/2019
Prof.9	Mas.	Walter	Sociologia	6 anos	Leste	27/05/2019
Prof.10	Mas.	Nelson	Educação Física	10 anos	Sul	30/06/2019

Fonte: Elaboração própria (2018-2019).

Em relação à estrutura física, todas as escolas mantinham portões, muros altos e vigilância, em três delas, o acesso também poderia ser feito de outras formas, como descreveram os professores em relação à insegurança. Alguns dos professores relataram inclusive que outras pessoas que não eram da escola, ou seja, da comunidade, tinham acesso à quadra poliesportiva pulando o muro. Esse registro foi feito por professores das escolas situadas na zona leste e oeste, também consideradas como zonas de risco.

Como havia apresentado, toda entrada no campo é repleta de imprevistos, tensões, conflitos e negociações. Nessa pesquisa, acreditei que por ser “uma deles” enquanto professora da rede pública do Estado a acessibilidade aos informantes e à escola seria mais “fácil”, porém fui surpreendida pelos olhares, por muitas perguntas e até mesmo algumas críticas veladas, sobre a pesquisa de doutorado. Isso de alguma forma foi um momento para que eu entendesse que, ao me tornar ou me colocar como pesquisadora, mesmo tendo a identidade de professora, naquele momento, não era vista como “nativa” e sim como pesquisadora e/ou estranha, embora que a apresentação na escola me deixava mais à vontade para poder dizer que também era uma deles.

Assim, foi possível marcar alguns encontros que foram fundamentais para essas reflexões e para também desnaturalizar a entrada na escola que, de algum modo, parece tão natural. Em uma das visitas, o primeiro momento é sempre o contato com a pessoa que toma conta do portão, podendo ser de fato a pessoa a qual os alunos chamam de vigia ou mesmo alguma funcionária, como inspetora, que pode ter a guarda das chaves do portão. A partir daí, o visitante se apresenta e pede para falar com a diretora da escola, a responsável principal da negociação que dá a permissão para que se possa transitar na instituição, no caso, “quem passa as regras”. Então, a entrada na escola não sendo diferente de outros espaços de pesquisa é sempre o local onde os olhares se voltam para aqueles que parecem “estranhos” e, assim, percebi que, ao adentrar alguém assim na escola, a diretora, que geralmente fica numa sala a qual poderíamos chamar de “pan-óptico”, logo é informada. Uma vez que as pessoas estranhas que visitam a escola podem ser recorrentemente confundidas com funcionários enviados pela regional de ensino de surpresa para saber como está o andamento das questões da escola. Logo, fui confundida em três das escolas visitadas pelo nome de “funcionária espiã da regional”. É assim que alguns funcionários da escola, gestores, coordenadores, inspetores e professores referem-se aos sujeitos da regional que chegam de surpresa para supervisionar as escolas.

Além desse momento, é possível ainda registrar alguns outros de negociação com a direção da escola, a qual, depois de uma longa explicação sobre o interesse do estudo, indicava os informantes, alegando que alguns não dariam a contribuição necessária para a pesquisa. Assim, o tempo inteiro, na sala dos professores, local escolhido para as entrevistas, a vigilância era constante, talvez a mando da direção que não saia em nenhum momento da porta até que a entrevista fosse concluída.

Desse modo, a sala dos professores é considerada um ambiente crucial para compreender muitas particularidades sobre o cotidiano escolar. Já que podemos entendê-

la como uma ambiência cheia de significados. Tal sala representa um espaço que aglutina interações sociais e é restrito apenas aos professores. Nele, são estabelecidos momentos de “distração” para tomar o café e vivenciar as rotinas da sala do cotidiano escolar, por vezes, compartilhando as alegrias e tristezas da docência. Notamos uns reclamando dos alunos, os quais nomeiam como indisciplinados ou com termos pejorativos, outros reclamando para que os alunos não adentrassem à sala dos professores, por ser um espaço em que aluno algum pode entrar. Já que, segundo eles, é um espaço reservado à “paz”, em que a presença dos alunos incomoda, irrita e causa transtornos. Nesse sentido, a ambiência escolar é vista como um espaço que contempla muitas descobertas, emoções e paixões. Segundo Tardif e Lessard (2014), trata-se de um espaço de interações sociais em que o professor, por trabalhar com outros indivíduos, afeta e acaba sendo afetado no exercício do seu trabalho.

2.5 Procedimentos de coleta dos dados

Para a coleta de dados desse estudo, foram visitadas dez escolas, situadas entre as zonas norte, sul, leste e oeste, de acordo com o que apresenta a Figura 2. A escolha dessas escolas deu-se a partir das localizações das zonas geográficas distintas, como forma de apresentar um estudo que represente um panorama da cidade de Campina Grande – PB. Tendo em vista as condições sociais, culturais e econômicas que cada zona pode representar, o interesse era analisar as diferentes narrativas dos professores de diferentes escolas e regiões. Assim como aparece na figura abaixo, a coleta de dados se deu por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, com uso de estratégias etnográficas, sendo, por fim, os dados verificados a partir da análise de conteúdo de Bardin (1977).

Das dez entrevistas, seis foram professores do sexo masculino e quatro do sexo feminino. A escolha pelo gênero não foi prioridade na pesquisa, no entanto, foi possível tentar abarcar os dois gêneros para uma possível comparação das falas. A única prioridade da pesquisa foi o tempo de magistério estabelecido para os informantes, sendo todos com cinco ou mais de trabalho na Rede Pública Estadual de Ensino. Nossa intenção foi situar as narrativas a partir dos discursos das escolas que, em cada zona da cidade, tendo em vista que muitas escolas são consideradas como situadas “em zona de risco”, devido às condições econômicas e financeiras e de violência da comunidade em que estão inseridas.

futuro ser professor da rede pública estadual e fazer doutorado para continuar como professor do Ensino Médio na rede pública”. Talvez a fala do professor nos condicione a perceber certo desestímulo acerca da continuação dos estudos acadêmicos para continuar como professor da rede pública estadual. Essa é uma questão que deve ser devidamente problematizada no decorrer da análise da entrevista desse professor, pois nos parece contraditório pensar sobre tal recusa para quem escolhe a docência como profissão. No fundo, ele está valorizando o doutorado e condenando o fato de se querer continuar como professor de educação básica.

Em relação ao aspecto estrutural, na ocasião da coleta de dados, a escola estava passando por uma reforma e alguns professores pareciam bem esperançosos com a nova estrutura. Diante disso, é importante refletir sobre a estrutura de uma escola pública que sempre tem as mesmas características estruturais, como vemos na Figura 3 abaixo. Cercada por muros altos, com um único portão de entrada, as salas de aulas ao meio da localização da imagem, junto a uma quadra poliesportiva.

FIGURA 3 – IMAGEM AÉREA DE ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL



Fonte: Google Street View (2019).

Como percebemos na imagem aérea, além das Escolas possuírem as mesmas estruturas em termos físicos, também há câmeras no pátio e na entrada, o que demarca a ideia de “segurança” ou “controle” para a escola. Como apareceu na fala de um dos professores sobre a vigilância constante dos horários dos professores na escola, deixando

assim transparecer que, segundo esse professor, existe relação arbitrária entre a diretora e alguns professores da escola que descumprem as regras.

A Figura 3, acima, também demonstra espaços que são fundamentais e que remetem aos encontros entre os alunos da escola: a quadra poliesportiva (ginásio) e o pátio. Segundo a fala de alguns alunos, trata-se do local que remete a lazer, interação e divertimento, o lugar onde se pode estar “fora das regras”. Algumas escolas pesquisadas, em que o muro da escola não é tão cercado, fazem do ginásio um ponto de encontro entre aqueles que pertencem à escola e os que são da comunidade e que, vez ou outra, aparecem na escola para “conversar” e interagir sobre diversas formas. Em um momento bem particular de uma entrevista com um professor de uma dessas escolas, ele deixa claro que alguns alunos saem da sala para fumar (ao fazer o relato, o professor não pronuncia a palavra em si, mas faz o gesto de segurar o cigarro).

Na sequência, apresentamos os procedimentos de análises das entrevistas dos professores.

2.6 Procedimentos de análise dos dados

Inicialmente, foram entrevistados dez professores em escolas situadas nas zonas mencionadas na Figura 2. A escolha dos sujeitos foi realizada de forma mais ou menos aleatória, já que existiu a primeira visita na escola com o intuito de observar, ir até a sala dos professores, participar um pouco do momento, até a chegada a algum professor que tenha sido apresentado por algum outro colega de profissão e que teria a disponibilidade de horário para a entrevista na escola.

Entre essas dez entrevistas, quatro foram realizadas com mulheres e seis com homens, todos eles com mais de cinco anos de magistério. As entrevistas tiveram tempo de duração que varia entre vinte minutos a uma hora e meia de conversa. Todas as entrevistas concedidas pelos sujeitos serão apresentadas com pseudônimo para que não sejam identificados nem os sujeitos das pesquisas, nem as escolas, a fim de resguardar a identidade de cada um deles e nenhum dos nomes que esses possam ter mencionado durante as entrevistas. Como apresenta mais à frente o Quadro 1, de forma ilustrativa, para situar melhor o entendimento dos sujeitos e dos seus respectivos anos de magistério, já com seus respectivos pseudônimos.

Desse modo, as entrevistas foram realizadas de forma individual, tanto na sala dos professores, como também em salas de aulas a partir da escolha e preferência do entrevistado.

A análise dos dados que segue foi realizada a partir de um viés qualitativo, a partir da contribuição da análise de conteúdo prevista por Bardin (1977), tendo em vista a categorização de cada variável, analisando as falas coletadas, extraindo, assim, sua essência a partir de cada enunciado, conforme as temáticas estudadas que são interesses dessa tese.

De acordo com Bardin (1977) análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações com a intenção de obter, por meios sistematizados e objetivos, a descrição dos conteúdos das mensagens. Dentre as diversas formas de análise de conteúdo, escolheu-se especificamente a categorização.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1977, p. 117).

Afirma ainda a autora,

Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento, é parte comum existente entre eles. É possível, contudo, que outros critérios insistam noutros aspectos de analogia, talvez modificando consideravelmente a repartição anterior (BARDIN, 1977, p. 118).

A partir da leitura e análise dos conteúdos a partir de Bardin (1977), foi possível categorizar cada mensagem e permitir as aproximações e distanciamentos de temáticas que foram em comum entre as falas dos entrevistados. Além disso, é preciso ainda que o pesquisador estivesse atento ao que é dito, mas também ao que não é dito entre os sujeitos, levando em consideração o objetivo da pesquisa.

Sendo assim, serão apresentadas no capítulo 5 da tese as devidas categorias e suas respectivas análises de conteúdos extraídas a partir da contribuição de Bardin (1977) que foram elencadas, levando em consideração as falas dos professores, as temáticas correspondentes e os objetivos da pesquisa, assim como as repetições dos assuntos que

foram mais importantes nos discursos dos professores. Desse modo, os procedimentos de análise fazem parte do escopo principal da tese, tendo em vista análise e discussão de cada categoria em questão.

3 BREVES DISCUSSÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE NO BRASIL

Este capítulo irá direcionar o leitor para algumas questões que envolvem a profissão docente em termos históricos, políticos e sociais. Uma vez que, o ser professor na contemporaneidade está associado às questões que marcam toda a conjuntura da formação da escola público e da profissão professor no Brasil. Problematicando ainda algumas leituras que abordam a ideia de trabalho, controle e vigilância que a escola vai construindo ao longo da sua formação institucional.

3.1 O trabalho docente no Brasil: entre tensões e conflitos

O trabalho docente foi, ao longo da formação histórica, política e social no Brasil marcado pelo autoritarismo, e mencionar a escola, a educação sem se referir ao papel da prática docente como instrumento principal dessa conjuntura parece incoerente, uma vez que, até aqui, entendemos que os processos históricos e políticos estão diretamente associados à formação do trabalho do professor na atualidade.

A educação escolar se faz mediante um conjunto de determinações impostas e formalizadas que compõem o significado e intenção dessa instituição. A partir disso, podemos pensar na condição do trabalho docente na atualidade. Com uma escola sob os ditames de uma sociedade cada vez mais tecnológica, os professores se veem com uma missão cada vez mais ampliada e desempenhando papéis cada vez mais complexos durante seu trabalho. Portanto, quando pensamos em compreender as interações sociais na escola e refletir sobre o trabalho docente, procurando entender como o professor se sente, é que podemos compreender as condições do ser professor da rede pública na atualidade.

Uma vez que estamos vivendo momentos atravessados pela globalização, pela comunicação e pelo acesso instantâneo às informações, o professor não é mais o único que detém o saber e o conhecimento como se acreditava em outrora. Sendo assim, são inúmeros os conflitos, as tensões vividas pelo professor na contemporaneidade, as quais se revelam na fala de um dos professores quando menciona as dificuldades enfrentadas por ele na relação diária com os alunos:

“os alunos em sala de aula parecem um monte de ‘selvagens’ escrever no quadro ou passar uma atividade não parece mais importantes para eles que estão sempre conectados ao celular. Ser professor na atualidade

parece um desafio muito maior do que se fala na tv ou se escreve por aí, a vivencia cotidiana é muito mais complexa, as vezes de fato não sabemos como lidar com tal situação” (JEAN⁸).

Essa fala do professor nos faz refletir sobre a ideia de trabalho. Conforme alguns autores, o trabalho tem sido, ao longo do tempo, associado ao sacrificio e ao sofrimento (o termo trabalho tem origem no termo latino *tripalium*, cuja tradução equivale a “instrumento de tortura”). Sendo assim, a ideia de trabalho também vai se alterando com passar dos anos. Se, desde o início a utilização desse vocábulo esteve ligada ao sofrimento, depois, foi sendo alterada para ideia da labuta, da necessidade e da “dignificação do homem”, passando a ser associado também ao sentido da existência humana.

O ato de educar, por sua vez, que foi reconhecido por muitos como uma missão que deve ser pensada como “vocação” ou mesmo “paixão”. Entretanto, como a profissionalização docente passa a ser desempenhada como um trabalho assalariado, ganha status de profissão, como qualquer outra, que precisa ser desempenhada de forma bem-sucedida no seu dia a dia. Desse modo, o profissional professor sempre enfrentou questões, limites e experiências diferentes, uma série de dificuldades que precisam ser atravessadas, mas que também significam e resignificam a sua prática docente. Desse modo, ao falarmos nas dificuldades do trabalho docente, estamos, ao mesmo tempo, compreendendo, a partir da fala do professor mencionado, que ele atravessa em seu cotidiano momentos que são de exaustão, desgaste, desalento provocado pelo cotidiano escolar. Mas, também de luta resistência e ressignificação da docência.

A partir disso, podemos pensar a partir do viés Marxista no século XIX, em que o trabalho representa condição essencial para a existência humana. Marx (1989) fala do trabalho a partir de uma perspectiva transformadora, uma vez que, é através dele que o homem transforma a natureza e a si mesmo. Assim como é no mundo do trabalho, de forma geral, o trabalho docente também sofre modificações e pode transformar-se a si mesmo, nesse processo de reciprocidade.

O processo de globalização e neoliberalismo pelos quais a escola e a profissão estão atravessadas faz com que os professores vivenciem um parcelamento do saber e das atividades, que também é reflexo dessa chamada crise do trabalho docente (ESTEVE, 1999). Segundo Antunes (2003), as atividades parceladas, as fragmentações no mundo do

8 O nome dado ao professor, sujeito da pesquisa, é fictício sendo apenas a inicial da letra compatível com o entrevistado, essa é uma forma adotada para manter o sigilo da identidade dos informantes.

trabalho, com o advento do fordismo e dos modelos flexíveis do exercício do trabalho, afetaram de forma direta a sociedade e demais instituições. Assim, o trabalhador passou a exercer uma atividade em que se faz de forma programada, organizada e medida. Esse modelo de trabalho não somente modificou os campos da economia, da política, mas também a maneira como se organiza a educação e o trabalho docente. Portanto, o modo como a escola foi se estruturando com o advento da modernidade também foi tomando conotações diferenciadas pautadas nas exigências da sociedade. A escola pública, espaço dessa pesquisa, também tem sua formação em meio a intensas transformações e, no epicentro dessa escola, o professor se vê inserido num contexto de mudança no ambiente de trabalho.

Diante disso, o trabalho do professor da rede pública estadual passa por um processo de mudança constante que é condicionado pelas reformas curriculares, pelos modelos de escola que são estabelecidos e pelas formas de trabalho que são cada vez mais exigidas envolvendo o uso da tecnologia e entre outros.

A reforma implantada na década de 1990, como foi mencionada gerou uma série de mudanças na forma de expandir o ensino, mas também na maneira de ensinar e avaliar.

Desta maneira, podemos perceber que o movimento de reformas que toma corpo nos países da América Latina nos anos de 1990, demarcando uma nova regulação das políticas educacionais, traz consequências significativas para a organização e a gestão escolares, resultando em uma reestruturação do trabalho docente, podendo alterar, inclusive, sua natureza e definição. O trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação (OLIVEIRA, 2004, p. 1132).

Diante do que foi exposto, o trabalho docente intensificou-se, exigindo mais tempo de trabalho do professor e transformando o exercício docente num processo intenso e burocrático de avaliações, números e “medições” do ensino-aprendizagem.

Desse modo, o trabalho no Brasil e o processo educacional caminham juntos e estão envolvidos reciprocamente. As mudanças na sociedade e no mercado com cobranças cada vez mais exigentes e avançadas refletem diretamente na educação e no trabalho do professor. Uma vez que as transformações científicas, tecnológicas e econômicas também perpassam nas formas de constituição da escola, o trabalho docente passa por processos de modificações que se intensificam com o uso das chamadas novas tecnologias e impõem ao professor o desempenho de funções as quais ele não sabe

executar. Portanto, quando falamos no trabalho docente, é importante situarmos e contextualizarmos essa concepção.

O conceito de trabalho, enquanto categoria sociológica, pode ser compreendido a partir de uma série de questões que o envolvem, passando pelos aspectos culturais e sociais relacionados a cada época. Dependendo do contexto histórico e da sociedade vigente, as definições da ideia de trabalho podem ser vistas como polissêmicas. Sendo compreendidas como uma atividade que pode ser vista para suprir as necessidades dos indivíduos ou pode ser entendida como algo cansativo, repetitivo, enfadonho e fruto de exploração. Nesse sentido, os termos “trabalho” e “trabalhador” já remetem a uma série de questionamentos que retomam discussões como remuneração, condições de trabalho, entre outros. Esse debate sobre relações trabalho não é recente, Karl Marx, em 1867, pensou nas condições de trabalho dos operários, logo no período inicial da industrialização capitalista, já propondo observar as condições de trabalho e a existência dos indivíduos diante do exercício do seu ofício.

A categoria trabalho remete à compreensão de esforços, jornadas de trabalho associada ao tempo, ao desgaste e à fadiga. Segundo o autor,

O trabalho supõe tendência para um fim e esforço. Para alguns, trabalho, este esforço será preponderante físico; para outros, preponderantemente intelectual. Contudo, parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal. A maioria dos esforços intelectuais se faz acompanhar de esforço corporal; uso minhas mãos e os músculos e do braço enquanto datilografo estas páginas, que vou pensando. E o pedreiro usa sua inteligência ao empilhar com equilíbrio os tijolos sobre o cimento ainda não solidificado (ALBORNOZ, 1986, p.11).

Dependendo de como o trabalho é desempenhado ou visto, ele pode também tomar contornos pejorativos que remetem à fadiga e ao desgaste físico e mental. O século XIX, com os reflexos do advento da industrialização, marcou intensos debates no que diz respeito ao papel do trabalho. Alguns autores vinculados ao movimento anarquista problematizam a junção entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Segundo alguns pensadores da época, a disjunção entre estes dois tipos de trabalho colocava em pauta a separação daquilo que poderia ser fundamental que é a junção entre o trabalho e o significado do seu trabalho. Uma vez que essa separação reflete no processo do trabalho docente e na escola. As implicações dessa separação fazem com que o conteúdo e a escola apareçam de forma desinteressante para o aluno.

“Muitas vezes me sinto cansado, pois fico apenas na teoria e percebo o total desinteresse do meu aluno com a disciplina que fica somente na discussão e o laboratório não funciona e nem a data –show para poder mostrar na prática e fazer com que o aluno de fato experimente o que tem estudado” (JEAN).

Portanto, o que podemos perceber atualmente é um professor que tem desenvolvido um trabalho assalariado em que o sentido da docência é comprometido, tornando assim o trabalho mais manual do que intelectual, o que, de algum modo, afeta o trabalho do professor. Nesse sentido, o trabalho docente ocupa um papel apenas de reprodução de conteúdos já prontos para o desempenho de atividades já premeditadas, o que pode colocar em risco o clima escolar como um lugar cansativo e repetitivo, já que temos uma hierarquia que pensa e propõe tal educação, que passa a ser para o “outro” e não do “outro”, ou seja, uma educação que, por vezes, está fora do cotidiano escolar e dos interesses, tanto dos alunos, como dos professores (CANÁRIO, 2005). Desse modo, apresentaremos a seguir questões relacionadas à condição do ser professor na contemporaneidade que transita entre o chamado mal-estar docente, mas também com aspectos que ainda os fazem manterem-se em sala de aula como possibilidade.

3.1.2 Sendo professor na atualidade: entre limites e possibilidades

Ser professor na atualidade não parece ser uma tarefa fácil e simples, uma vez que, são muitas as sociabilidades humanas que envolvem o contexto escolar como: conflitos de gerações por envolver várias gerações, funcionários com interesses diversos, relações políticas e entre outros.

De acordo com Candau (2014), estamos inseridos numa sociedade de intensas transformações que afeta a escola e, conseqüentemente, o desempenho do trabalho docente. O mal-estar escolar, segundo a autora, deve ser observado de forma mais aprofundada e menos paliativa, como é o caso das intensas reformas em que a escola vem passando nas últimas décadas. E, a partir disso, a autora atenta para a importância do professor lidar com as mudanças e com a diversidade.

Partimos do ponto de vista de que não se pode desvincular as questões relativas ao trabalho docente e à formação de professores do contexto sociocultural em que estamos imersos e da própria problemática da escola hoje. Em uma época de crise generalizada, em que emergem novos paradigmas, tanto do ponto de vista político-social, como científico, cultural e ético, o sentido da educação precisa ser ressignificado. Em tempos em que novos desafios nos interpelam, as

respostas já definidas e experimentadas não dão conta de oferecer referentes mobilizadores de saberes, valores e práticas educativas que estimulem a construção de subjetividades e identidades capazes de assumir a complexidade das sociedades multiculturais e desiguais em que vivemos (CANDAU, 2014, p. 34).

Sobre o mal-estar, a autora ainda afirma,

Acreditamos que o mal-estar presente nas nossas escolas, entre os educadores, assim como entre os alunos, exige que nos defrontemos com a questão da crise atual da escola não de um modo superficial, que tenta reduzi-la à inadequação de métodos e técnicas, à introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação de forma intensiva, ou ao ajuste da escola à lógica do mercado e da modernização. É neste horizonte de preocupações que nos situamos. Temos a profunda convicção de que estamos chamados/as a “reinventar a escola”, e nesse processo, o papel do professor é central. Trata-se, na nossa perspectiva, de conceber o profissional da educação fundamentalmente como um agente sociocultural (CANDAU, 2014).

Essa reinvenção mencionada passa pela proposta de uma educação que saiba lidar com as diferenças e com o conceito de multiculturalismo, evitando uma escola padronizada e homogeneizadora das relações sociais. De acordo com Candau (2014), é importante reinventar uma escola que possa compreender as diferenças que estão em evidência na sociedade atual e que merecem ser pensadas e trabalhadas no contexto escolar. A escola atual enfrenta a falta do reconhecimento das diferenças, mesmo tendo avançando em algumas questões.

A esse respeito Candau (2014) afirma ainda que,

Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica de construção de situações de apartação social e cultural que confinam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde somente os considerados *iguais* têm acesso. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as grades, os muros, as distâncias, não somente físicas, mas também afetivas e simbólicas entre as diferentes pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, etc. Estes processos também se dão no contexto escolar, e as questões de discriminação e racismo assumem diversas manifestações. A interação entre os diferentes está muitas vezes marcada por situações de conflito, de negação e exclusão mútuas, que podem chegar a diversas formas de violência (CANDAU, 2014, p. 40).

Segundo a autora, ainda somos uma sociedade muito marcada pela segregação de classes, gênero, entre outros. Todas essas questões atravessam o contexto escolar e a relações entre professores e alunos que são, na maioria das vezes, posicionamentos

geradores de conflitos. No entanto, a escola deve ser pensada apesar dessas questões, sendo capaz de ter professores preparados para vivenciar tais condições e transformar a escola e as relações de interação presentes nessa instituição.

Certamente ser professor hoje supõe assumir um processo de desnaturalização da profissão docente, do “ofício de professor” e **ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados à promoção de uma educação de qualidade social para todos**. A crise da escola, na nossa perspectiva, é radical. Não se trata simplesmente de introduzir modificações cosméticas na sua dinâmica cotidiana. É a própria concepção da educação escolar que está em questão para que possa responder aos desafios da contemporaneidade. Nessa perspectiva, as questões relativas às diferenças e ao multiculturalismo adquirem especial relevância (CANDAUI, 2014, p. 40, grifo nosso).

Estamos vivenciando uma sociedade considerada por alguns sociólogos como pós-moderna, marcada por uma economia neoliberal, e a escola parece estar aquém dos interesses vigentes.

Nesse contexto, os professores também têm enfrentado certos dilemas e crises na profissão docente e ao mesmo tempo são partes desse todo em que fazem parte. O contexto atual está marcado por uma escola que requer um profissional que atenda às demandas da escola, e isso engloba desde as questões burocráticas, de planos, aulas, frequências, até mesmo do envolvimento do professor com projetos sociais e de apoio à comunidade.

De acordo com Antônio Nóvoa (1997), são variadas as situações de conflitos que surgem na escola e que os professores enfrentam contidamente e também fazem parte. Essas situações apresentam características únicas, cabendo ao profissional de forma competente procurar solucionar através de um desenvolvimento reflexivo.

Para Bizarro e Braga (2005), dentro da discussão que permeia a concepção de mal-estar docente, é preciso falar da profissão professor como aquela que sofre a falta de prestígio profissional.

Exige-se-lhes que ofereçam qualidade de ensino, dentro de um sistema massificado, baseado na competitividade, muitas vezes com recursos materiais e humanos precários, com baixos salários e um aumento exacerbado de funções, o que contribui para um crescente mal-estar entre os professores, reforçado pela perspectiva algo negativa que a sociedade vai construindo de muitos destes profissionais, baseada, frequentemente, em parâmetros, no mínimo, discutíveis (BIZARRO; BRAGA, 2005, p. 19).

De acordo com os autores, mesmo com a organização política e sindical dos trabalhadores docentes as contínuas exigências em relação ao trabalho docente são diversas e, diante de toda precariedade, com baixos salários e aumento do trabalho, temos, muitas vezes, uma visão negativa que a sociedade constrói acerca desses profissionais. Diante destas considerações, Bizarro e Braga (2005) vão dizer que esse mal-estar docente tem origem na formação do professor ainda na universidade, pois a formação profissional e sua preparação estão muito além do seu acesso e da permanência na instituição. “Só assim o professor que nela se forma poderá romper com o mal-estar em que se encontra e compreender que, na capacidade de se conhecer/ reflectir e conhecer/ reflectir o outro, reside à chave da revalorização da sua profissão” (BIZARRO; BRAGA, 2005, p. 19).

Diante disso, refletir sobre a profissão professor no Brasil, na atualidade, não parece tarefa fácil, mencionar as questões que envolvem seu trabalho, cotidiano e suas relações nos faz mergulhar em uma série de discussões que atravessam historicamente a profissão docente. Temas como precarização do trabalho docente, escassez de material didático, violência nas escolas parecem temas muito rechaçados entre as pesquisas sobre tal temática. Mas, que ainda permanecem nas falas dos professores como citado anteriormente pelo professor Jean em relação ao uso dos laboratórios e demais instrumentos didáticos que facilitam a abordagem do conteúdo.

Entretanto, pensar sobre o trabalho dos professores e das particularidades cotidianas, no que diz respeito aos mais variados estilos, performances e relações sociais instauradas nas escolas nos faz entender que ainda temos muito o que dizer sobre essa profissão. Um ofício que, muitas vezes, ou quase sempre, é confundido com um indivíduo de múltiplas habilidades e que vivencia inúmeras experiências. Quando falamos em múltiplas habilidades estamos nos referindo aos vários papéis sociais que ele desempenha na escola. Como aparece em algumas falas dos professores,

Ensinar e ser professor hoje vai além de ministrar apenas o conteúdo. Porque você é psicólogo, você é um pouco de mãe, tem um pouco de amigo e de professor por que eles procuram a gente para desabafar, a gente ver que muitos deles têm uma carência e que ficam meio que supridos quando a gente dar um abraço, quando a gente dar atenção a gente ver esse tipo de carência (MARIA).

Ser professor no contexto atual tem gerado inúmeras discussões e dilemas. Uma vez que, por vezes, a figura do professor aparece exaltada e até romantizada, ou mesmo negada e acusada de ser a principal responsável pelo baixo desempenho dos alunos em

exames nacionais. Os professores são cotidianamente questionados pela sua formação, didática e responsabilidade junto aos exames prestados.

Diante dessas considerações, podemos dizer que, de acordo com Nóvoa (1995), a história da profissão docente é marcada, desde o século XX, por períodos de profissionalização e desprofissionalização, pautados por conflitos de interesses e atores. Por isso, o autor alega que “A afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos. [...] A compreensão do processo de profissionalização exige, portanto, um olhar atento às tensões que o atravessam” (NÓVOA, 1995, p.21).

Já o sociólogo Philippe Perrenoud (1993) nos apresenta uma reflexão importante, ao afirmar que o papel do professor não se trata de ensinar tudo e a todos em grande quantidade. Mas, sim, de colocar os alunos em situações em que possam aprender de um modo eficaz. Não é somente aprender a ler, escrever e a contar, mas também a tolerar e respeitar as diferenças. Segundo o autor, mesmo parecendo uma tarefa impossível, é importante que o professor tenha a “capacidade” de encontrar soluções para o enfrentamento dos problemas com que se depara.

O sociólogo francês François Dubet (1964) também se dedica a estudos da experiência escolar, tendo, em alguns trabalhos, apresentado a situação educacional e o trabalho do professor na França. Numa entrevista à Angelina Peralva e Marília Sposito, para a Revista Brasileira de Educação, em setembro de 1996, sob o título “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor”, ele relata sua experiência por um ano como professor de história e geografia em uma escola pública da periferia de Bordeaux, na França. Dubet (1997), após ser criticado por duas professoras da escola que se recusavam, de modo sutil, a contribuir com a pesquisa, alegando que ele não saberia de nada sobre a realidade do cotidiano escolar, resumindo-se apenas ao academicismo, sentiu-se desafiado a vivenciar na prática a sala de aula e as atividades de um professor da educação básica da escola francesa contemporânea.

[...] durante uma intervenção sociológica com um grupo de professores, encontrei duas professoras com uma resistência muito grande ao tipo de análise que eu propunha. Elas deixaram o grupo. **Uma delas escreveu uma carta em que me criticava particularmente por não ter lecionado, de ser um “intelectual”, de ter uma imagem abstrata dos problemas.** Foi um pouco por desafio que eu quis dar aulas para ver do que se tratava (DUBET, 1997, p.223, grifo nosso).

Diante dessa colocação, ele resolve ficar por um ano com uma turma de 2º ano do ginásio, com crianças de 13 a 14 anos. Diante da experiência de Dubet (1997), foi possível dar ênfase a dois momentos que foram fundamentais nas suas primeiras impressões, trata-se do primeiro contato com a turma, no qual relata que eles quiseram testá-lo fazendo barulho e apresentando resistência. E o segundo momento, em que se refere ao ato de tentar ensinar que o professor precisa estar atento:

[...] é preciso ocupar constantemente os alunos. Não são alunos capazes de fingir que estão ouvindo, sonhando com outra coisa e não fazer barulho. Se você não os ocupa com alguma coisa, eles falam. É extremamente cansativo dar a aula já que é necessário a toda hora dar tarefas, seduzir, ameaçar, falar (...) Por exemplo, quando a gente fala “peguem os seus cadernos”, são cinco minutos de bagunça porque eles vão deixar cair suas pastas, alguns terão esquecido seus cadernos, outros não terão lápis. Aprendi que para uma aula que dura uma hora, só se aproveitam uns vinte minutos, o resto do tempo serve para “botar ordem”, para dar orientações. Tive muitas dificuldades. Por exemplo, não sabia como contar histórias e fazer com que os alunos escrevessem ao mesmo tempo (DUBET, 1997, p. 223).

Sua experiência sociológica enquanto professor-pesquisador da realidade francesa nos ajuda a refletir sobre a prática docente e o cotidiano escolar no contexto brasileiro, na medida em que os dramas, os sofrimentos, as resistências e a indisciplina enfrentadas pelo professor na França muito se assemelham ao cotidiano da profissão docente no Brasil. Tanto na relação que é estabelecida entre professor e aluno, como também nas relações entre ensino e aprendizagem. Segundo ele, não se trata apenas de dizer: criemos uma escola ideal, criemos uma escola justa, criemos uma escola democrática. Trata-se de criar as condições para dar aulas normalmente, o que supõe, efetivamente, certo número de mudanças, de programas, de modos de funcionamento que não são em si consideráveis, mas que pedem mudanças de hábito (DUBET, 1997). É preciso uma formação prática, orientações com pessoas mais experientes ajudam nos momentos de dificuldade. “É preciso preparar as pessoas para todas as dificuldades (DUBET, 1997, p. 230)”. O autor evidencia as dificuldades enfrentadas por ele para lidar com a sala, uma vez que trabalhar com adolescentes não parece ser fácil. Dando ênfase ao preparo do professor, Dubet (1997) acha sua formação ineficaz para lidar com o cotidiano escolar.

É papel do professor compreender as diferenças dos alunos e entender seus níveis, ou seja, percebê-los a partir das suas particularidades e não como aluno ideal. Esse

tipo de atitude do professor envolve uma série de fatores que estão associados às orientações culturais, interesses sociais e a formação docente (DUBET, 1997).

A diversidade que a escola compõe é complexa e, para isso, é preciso que o professor possa estar preparado. Tendo em vista as possibilidades de lidar com o cotidiano do jovem procurando dar sentido ao seu trabalho. É preciso que o professor saiba lidar com os jovens, uma vez que, se trata de uma fase com muitas conturbações e mudanças físicas e mentais com as quais, muitas vezes, nem a escola, nem os programas e nem os professores conseguem lidar. É preciso compreender que deve existir uma democracia escolar, pois os alunos acham que a escola não serve para nada. Devem-se ensinar coisas úteis (DUBET, 1997).

Geralmente, a escola pública torna-se um espaço difícil e com inúmeras dificuldades devido a diversos fatores que envolvem o cultural, a formação do professor, as expectativas e as subjetividades do alunado etc. Algumas pesquisas têm dado ênfase a um período de incertezas, mal-estar e instabilidade no campo da profissão docente, devido a uma série de questões que os professores não sabem como lidar como: violência, drogas, bullying, indisciplina, o uso da tecnologia, entre outros.

Nesse cenário, a docência no Brasil se perfaz diante de inúmeros limites e possibilidades que podem resultar nas formas de educar na contemporaneidade, compreendendo-se que a docência em seu contexto atual é fruto dessas discussões históricas, sociais e políticas que foram mencionadas e que, de fato, atravessam o trabalho do professor.

Como vimos, até aqui, as mudanças com as quais a educação e a constituição da escola passaram no Brasil reflete esse “tempo de incertezas”, ou mesmo de “mal-estar docente”, o “desencanto com a profissão docente” (BONGIOVANI, 2018), a que muitos pesquisadores se referem (ESTEVE, 1999), (CANÁRIO, 2005) e com os quais os professores se deparam em suas pesquisas e que será tema do próximo capítulo.

3.2 Educar em tempos de incertezas

Esse instante procura refletir através do olhar de alguns pesquisadores no campo da educação sobre o trabalho docente e o papel da escola na contemporaneidade. Trata-se de algumas questões que perpassam desde o que chamam de “tempos de incertezas” (CANÁRIO, 2005), até o “mal-estar docente” (ESTEVE, 1999). Procurando ainda apontar e analisar algumas questões políticas e sociais que atravessam o trabalho docente,

desde as reformas curriculares e revisões de conteúdo, até mesmo o advento da tecnologia como desafios para a atividade docente.

Desse modo, sabemos que, nas Ciências Sociais, nos últimos anos, tem emergido um grande número de produções científicas que tem como objeto de estudo a educação, a escola e o trabalho docente. Esses temas podem ser pensados tanto do ponto de vista da sociologia, como da antropologia e da política.

A escola, segundo o sociólogo Peter Berger (1973), é uma das instituições mais importantes no processo de socialização do indivíduo. Ficando a família responsável pela socialização primária e a educação escolar como socialização secundária na formação social, cultural e política dos indivíduos.

Dessa forma, o sociólogo Rui Canário (2005), ao refletir sobre os efeitos conjugados da expansão dos sistemas escolares e as mudanças no mundo do trabalho que marcam a ideia de democratização e massificação do ensino, defende que esses fenômenos acentuam as discrepâncias, pois há

[...] o aumento da produção de diplomas pela escola e a rarefação de empregos correspondentes. Decorre daí um processo de desvalorização dos diplomas, que permite, segundo o autor, falar da passagem de um “tempo de promessas” para um “tempo de incertezas (CANÁRIO, 2005, p. 84).

A escola, segundo Canário (2005), passa a ser vista a partir da massificação como um lugar em que a instituição perde seu sentido, pois passou a ser produzida de forma incompatível com a diversidade de quem frequenta e trabalha. A instituição escolar passa a ser vista como um ambiente com missões quase que impossíveis de se realizar. Passando, assim, a ser regulamentada pelo Estado que, cada vez mais, regula a avaliação, o trabalho docente, associado muitas vezes à pressão dos diretores e dos supervisores que fazem a estrutura organizacional da escola.

Essa forma de trabalho a qual os professores estão submetidos transforma o ambiente escolar num local de lutas e conflitos. Por isso, à instituição escolar somam-se as novas formas de regulação do Estado sobre o trabalho que se faz no interior das escolas. As formas de regulação e de avaliação, associadas à pressão centralizadora e conservadora da instituição e à falta de condições de trabalho, sejam organizacionais e/ou materiais, imprimem, certamente, um sentido negativo à dimensão institucional.

As narrativas dos professores Jean, Erick, Miguel, Marcelo e Eva nos remetem um pouco às colocações dos autores já que os três vão dizer de forma semelhante que

atualmente está muito difícil lidar com os alunos. “Na minha disciplina mesmo é um sofrimento eu falo uma coisa científica, mas o aluno duvida por ter visto outra coisa no facebook” (ERICK); “Está muito complicado a escola parece não comportar os interesses dos alunos” (MIGUEL); e “Os alunos são muito violentos, muitos usam drogas dentro da escola, sinto receio deles” (JEAN).

Para Canário (2005), de um lado, têm-se as manifestações daqueles que se recusam a aprender e que acabam originando situações de indisciplina, violência e evasão por parte dos alunos. E, do outro, ou seja, por parte dos profissionais da educação, originam-se problemas que envolvem o absenteísmo, o mal-estar docente e todas as modalidades de solidão e de sofrimento no interior da instituição escolar (CANÁRIO, 2005). Por isso, as mudanças ocorridas na sociedade tendem a afetar diretamente a escolas e a maneira como os professores trabalham com seus alunos. A partir de agora iremos mencionar algumas pesquisas que retomam o contexto atual os dilemas e o papel docente diante destas questões.

3.2.1 Discussões sobre o contexto atual da escola e o trabalho docente

Antes de adentrarmos a questões mais atuais que perpassam a escola, é importante situar a escola como uma instituição considerada moderna no seu sentido conceitual. Foi a partir do XIX que as instituições consideradas modernas tomam suas formas de racionalidade e, a partir daí, a educação se converte em uma instituição que opera como fábrica, com “homens utilizáveis”. Diante da introdução da técnica e a ampliação da divisão do trabalho, gera-se a necessidade de um saber ler, escrever e contar.

Esse período também é encarado pelo sociólogo Alemão Max Weber (1864-1920) como o século que pode ser visto a partir da ideia de desencanto. Esse é um dos termos usados pelo pensador para se falar do advento da ética do sistema capitalista nas relações sociais dos indivíduos. “O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e, acima de tudo, pelo “desencantamento do mundo”, em que os valores últimos e mais sublimes retiraram-se da vida pública” [...] (WEBER, 1982, p. 182).

Partindo dessa consideração Sociológica, podemos inferir que a escola, na atualidade, está marcada por tais questões que envolvem a esperança e o desencanto. No entanto, como percebemos até aqui, a escola passou por inúmeras mudanças em simultâneo com a sociedade e ainda permanecem dilemas que precisam ser repensados, uma vez que as mudanças e transformações afetam todo o contexto escolar.

Para Enguita (2004), a escola está mal equipada para competir nesse terreno: por um lado, suas rotinas mais elementares são particularmente “tediosas e exigentes, em comparação com a divertida e confortável trivialidade da televisão, videogames e computadores; por outro, suas penosas e áridas incursões na cultura, no sentido pleno do termo” nada pode fazer em face do acúmulo de oportunidades oferecido por um mundo globalizado (ENGUITA, 2004, p. 57). Assim, o trabalho docente fica à mercê desse sistema informatizado e tentando competir com a tecnologia que é mais atrativa e sedutora.

Ainda sobre a escola, Canário (2005) a aponta como uma instituição que se torna engessada no tempo quando seu objetivo se resume a apenas transmissão de um conhecimento que é estático,

[...] a escola é uma instituição que, a partir de um conjunto de valores estáveis e intrínsecos, funciona como uma fábrica de cidadãos, desempenhando um papel central na integração social, na perspectiva Durkheimiana de prevenir a anomia e preparar a inserção na divisão social do trabalho. Como instituição, a escola desempenha, do ponto de vista histórico, um papel fundamental de unificação cultural, linguística e política, afirmando-se como um instrumento fundamental da construção dos modernos estado-nação (CANÁRIO, 2005, p. 62-63).

Em face de uma sociedade de intensas transformações e globalizada, como colocou Enguita (2004), ainda temos uma escola que está preocupada com a formação de um típico cidadão apto para o trabalho e não para a vida. Para Canário (2005), a escola deveria ser um local onde se aprende pelo trabalho e não para o trabalho. Por se tratar de um lugar privilegiado onde se deveria estimular o gosto pelo ato intelectual de aprender e se desenvolver o gosto pela política; aprender a ser tolerante com as injustiças, a se viver de forma democrática e de se exercer o direito à palavra. Essa reflexão de Canário (2005) coloca em pauta uma escola que parece estar “às avessas”.

Como já mencionamos, seria ingênuo dizer que nada mudou, no entanto, parece que as dificuldades têm se firmado em questões que perpassam desde a conjuntura política atual até mesmo às exigências de uma mudança na educação e na postura dos professores que atuam nas escolas.

Segundo Canário (2005), essas mudanças resultariam numa escola baseada no “tempo de incertezas” e essa perda de sentido tem afetado também os que nela trabalham e a falta de apoio e legitimidade para aqueles que dela precisam. De acordo com o autor, podemos dizer que os efeitos conjugados da expansão dos sistemas escolares e a mutações

no mundo do trabalho que marcam a ideia de democratização e massificação do ensino acentuam, de fato, uma junção de discrepâncias para o desempenho do trabalho docente.

O processo de massificação da escola fez com que, de algum modo, a instituição perdesse seu sentido e passou a ser incompatível com a diversidade de quem a frequenta e/ou nela trabalha. Isso se deve ao fato de as instituições escolares atuais estarem submetidas às intensas formas de regulação do Estado, ficando o professor submetido inteiramente às regras no interior das escolas. Talvez esse possa ser um dos fatores que causam insatisfação docente por esse não poder “se mover” livremente na preparação e execução das aulas e dos conteúdos. Diante disto, as pressões vividas pelos professores na instituição e, por vezes, a falta de recursos associadas a precárias condições de trabalho, conseqüentemente, causam o mal-estar na escola.

Nesse cenário de insatisfações, que se reflete no precário desempenho docente, também se observa o desamino e a falta de credibilidade por parte dos alunos com a escola. Segundo Canário (2005), os alunos podem desenvolver comportamentos de rejeição à escola, que são frutos dessas questões e, assim, culminar em situações de violência, evasão, indisciplina e uma série de outros conflitos que resultam no abandono escolar. Já que a escola acaba sendo um espaço considerado sem maiores atratividades tanto pelo desânimo do professor, como também pelo fato de muitas vezes não saber lidar com as novas tecnologias que iremos mencionar no próximo tópico.

3.2.2 O professor, seu trabalho e o uso das novas tecnologias na escola

As mudanças ocorridas na sociedade em decorrência da desenfreada transformação implantada pela tecnologia colocam a escola e o professor nesse processo de intensas transformações, incertezas e conflitos. No entanto, a escola parece ainda adotar um sistema que é fruto de um século passado, como afirma o especialista em educação Mozart Neves Ramos, “O Brasil ainda tem uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI” (RAMOS, 2013, 95). De acordo com Ramos (2013), a escola ainda é aquela que lembra o século XIX, com um aluno que acompanha e vive um século vigente com uma escola que parece não acompanhar as mudanças atuais. Ainda, segundo ele, o currículo a ser ministrado na escola desmotiva os jovens e ainda diz que os professores não são preparados e a qualidade do ensino está fora da realidade do mundo.

Dessa forma, podemos inferir que presenciamos, atualmente, vertiginosas transformações no mundo do trabalho e nas relações sociais de modo geral. Os avanços tecnológicos, a sociedade virtual e os meios de comunicação, tem exercido um papel fundamental na vida das pessoas. Esses avanços tecnológicos têm influenciado, de forma intensa, a vida estudantil e profissional de vários membros das instituições escolares na nossa sociedade, exigindo dos indivíduos novos posicionamentos, maneiras e envolvimento com a constante busca de um novo perfil frente aos novos desafios. Em decorrência desses fatores, a atividade docente se encontra no epicentro dessas modificações que exigem cada vez mais dele. A maneira como se constrói o saber tem invadido as escolas e isso também tem causado uma série de questionamentos entre aqueles que se preocupam com a escola e a educação na contemporaneidade.

Segundo o filósofo, político e historiador Noberto Bobbio (2004),

Entramos na era que é chamada de pós-moderna e é caracterizada pelo enorme progresso, vertiginoso e irreversível, da transformação tecnológica e, conseqüentemente, também tecnocrática do mundo. Desde o dia em que Bacon disse que a ciência é poder, o homem percorreu um longo caminho! O crescimento do saber só fez aumentar a possibilidade do homem de dominar a natureza e os outros homens (p.96).

O termo pós-modernidade é usado por alguns autores para se referir a um momento de intensas transformações, dando ênfase à concepção de que o conhecimento e o saber caminham junto com o avanço da tecnologia. E a escola enquanto instituição dessa modernidade deve estar atenta para essas mudanças.

Assim, as mudanças ocorridas na forma de ensino e da educação, no geral, são reflexos de mudanças que tem como proposta a formação de um cidadão típico para a sociedade atual. Dentro desse processo, encontramos alguns professores que, inquietos com a situação da mesmice, procuram estudar, se qualificar a fim de construir uma escola melhor para seus alunos. No entanto, parte deles se sentem “desmotivados” e acreditam não existir motivo para continuar estudando e se preparando para enfrentar a conjuntura atual. Portanto, é nesse momento de transição, modificação, que há muitas dúvidas, incertezas, conflitos e resistências, trata-se de um contato com o “novo”. Vejamos o que menciona esse professor ao refletir sobre a escola:

A escola antigamente era considerada uma segunda casa, as pessoas tinham muito respeito pelo professor, hoje o aluno é impaciente e a escola passou a ser um lugar ruim de ficar, sem atratividade e quem mais sofre com isso tudo é o professor” (MIGUEL).

Nos últimos anos, as novas tecnologias vêm transformando a maneira de ensinar nas escolas e, de fato, acompanhar tais mudanças tem sido um desafio para os professores. As tecnologias da informação e comunicação (TICs) têm se inserido de forma intensa nas escolas e, portanto, têm se tornado um desafio tanto em relação ao acesso, como também na maneira de serem usadas pelos professores e alunos. Nem sempre os professores estão dispostos e prontos para essas mudanças e, às vezes, resistem às propostas e inovações didáticas.

De acordo com o educador José Carlos Libâneo (2011), a tecnologia está em constante transformação e reinvenção, as inovações têm acontecido de forma rápida e acelerada no mundo do trabalho e o avanço tecnológico tem chegado com muita força nas escolas. Para ele, todo esse contexto requer compreensão acerca da prática docente. É necessário repensar as práticas docentes quanto ao uso das tecnologias, é preciso que a escola deixe de ser apenas uma agência transmissora de informação e repetição, podendo, assim, transformar o uso da tecnologia num instrumento de análise crítica sobre o social (LIBÂNEO, 2011).

É preciso compreender, dentro desse contexto que, mesmo sendo as tecnologias um tema em evidência e discutido na contemporaneidade, ainda encontramos professores alheios a essas discussões, sem ao menos saber ler ou escrever um *e-mail*, sem saber digitar ou preparar uma aula em slides ou compreender o que hoje tem se chamado de “tecnologias ativas”. Dessa forma, com o advento das tecnologias e do uso corriqueiros dos aparelhos eletrônicos, as aulas em sala de aula parecem não ter mais tanta atratividade, de acordo com os relatos de alguns professores. Vencer o avanço da tecnologia ou até mesmo acompanhar esse desenvolvimento parece, para muitos professores, um dos desafios a ser enfrentado pelo corpo que compõe a escola.

Na sociedade atual, não é somente por meio dos professores que se aprende e se tem conhecimento, tendo-se, assim, que competir constantemente com os instrumentos de tecnologias que estão cada vez mais acessíveis. Então, cabe indagar: como os professores e a equipe pedagógica das escolas vêm lidando com o desafio de inserir as novas tecnologias como forma mediadora do conhecimento nas escolas? Essa pergunta precisa ser respondida de acordo com as questões que vêm sendo levantadas pelos inúmeros especialistas da educação no Brasil. E uma das preocupações constantes entre os professores nas escolas é como manter a atenção dos alunos nas salas e, sobretudo, nas

disciplinas que são consideradas “menos atrativas” diante da infinidade de temas e conteúdos presentes nos aparelhos digitais.

O termo ou a palavra tecnologia vem de origem grega *teknee* e significa “arte, técnica ou ofício”, já o termo *logos* está associado ao “conjunto de conhecimentos científicos ou saberes”. A partir dessa breve e geral definição, entendemos o termo como um conjunto de saberes que podem ser usados para um determinado fim ou por um ofício. No caso dos professores, esses podem usar as tecnologias em sala de aula com o objetivo de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

A tecnologia surge em meio à revolução industrial, a partir do século XIX em meio a ascensão do capitalismo. Então, o avanço do capitalismo acontece de forma rápida e a sociedade torna-se cada vez mais tecnológica, assim também a educação necessita acompanhar tais avanços.

Em grande número, as escolas públicas estaduais vêm sendo dotadas de aparelhos eletrônicos que auxiliam no processo do ensino-aprendizagem, entretanto, não são todos os professores que estão preparados para o trabalho com recursos tecnológicos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para o Ensino Médio, concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII - utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (BRASIL, 2013).

Tal consideração apontada pelas Diretrizes Curriculares, dá ênfase à necessidade de se ofertar no Ensino Médio a utilização das mídias em geral na construção do saber e para uma melhor dinamização dos ambientes de aprendizagem. Quando falamos em tecnologias em sala de aula, podemos nos referir aos chamados TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), a exemplo das lousas digitais, computadores, Data-show, tablets, entre outros.

Diante desse aparato tecnológico, os professores são chamados a saber trabalhar com as novas tecnologias no intuito de orientar seus alunos a como usar as informações, auxiliando-os, assim, no aprendizado.

Para Philippe Perrenoud (2000), a competência está associada ao desenvolvimento do indivíduo e a sua capacidade de agir de forma eficaz em determinado tipo de situação, tomando como ponto de partida o conhecimento. Assim, as novas tecnologias na área educacional foram apontadas pelo autor como uma das competências necessárias para ensinar no contexto atual.

Para Perrenoud (2000), os softwares são ferramentas úteis para o processo escolar, no entanto, o seu uso exige um professor seletivo e, ao mesmo tempo, crítico, para poder utilizar esses instrumentos de maneira profissional. Para isso, é preciso que o professor tenha conhecimentos sobre a utilização das tecnologias e o desenvolvimento de habilidades intelectuais necessárias.

Tais habilidades necessárias seriam, para Perrenoud (2000), a observação, a capacidade de memorização, entre outros. Para ele, o uso das novas tecnologias foi considerado como uma das competências para ensinar na atualidade pois

“[...] a escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC ou NTIC) transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar” (PERRENOUD, 2000, p.125).

Orientar os alunos muitas vezes é um dos desafios que a escola pública vem atravessando atualmente, uma vez que, a escola precisa enfrentar o desafio de incorporar as tecnologias à abordagem do conteúdo das diferentes disciplinas e fazer com que o aluno interaja com o que o professor está ministrando.

Outro ponto interessante em que Perrenoud (2000, p. 139) menciona é a importância da quebra de paradigmas sobre a aprendizagem, marcando a ideia da importância de uma escola que não esteja apenas centrada no aluno ou no professor, e sim no ensino. Nessa perspectiva, o papel do professor deve estar mais centrado no “Fazer Aprender” do que propriamente no ensinar.

Sobre essa questão, ele orienta,

As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais com que todo investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assumidas pelos produtores dos instrumentos. A verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídia, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem (PERRENOUD, 2000, p.125).

Diante dessas considerações podemos dizer que existem professores resistentes ao uso das tecnologias em sala de aula, o que pode gerar conflitos na relação professor-aluno. Atualmente, é recorrente os alunos usando celulares, aplicativos, etc., o que envolve o aluno no mundo da interatividade e cabe ao professor procurar usar meios para

se aproximar desse aluno. Cumpre ressaltar que o não uso das tecnologias é um dos fatores que podem gerar conflito no convívio escolar, no entanto, não é apenas a tecnologia que pode mudar a prática do professor.

3.2.3 Ser professor: a docência no magistério brasileiro

Ser professor foi por muitos anos e ainda é considerada por muitos uma atividade meramente feminina. O ato de educar, cuidar, esteve atrelado aos “dotes” femininos, no entanto essa visão tem mudado. Segundo os dados das últimas pesquisas do INEP consta que, quanto mais se aumenta o nível das fases educacionais, mais temos homens ingressando na educação, ou seja, o Ensino Médio tem crescido a presença de professores do sexo masculino.

A nossa condição feminina imprime em nós formas socialmente estabelecidas que exprimem certos comportamentos no interior da escola, Nossa própria formação e ainda “os diversos papéis sociais” que desempenhamos estão, por vezes, associados a nossa conduta e escolha pela atividade docente.

O texto de Assunção (1996) procura retratar as práticas e ações cotidianas de professoras primárias no interior da escola, tendo como ponto de partida as relações de gênero. Associando a prática profissional à condição de Mulher e professora, a autora procurou compreender, por meio da observação diária na escola e das entrevistas semi-estruturadas, quem é essa professora que se encontra no ensino fundamental e quais são suas representações acerca da sua profissão e sobre si mesma, como mulher, quais os motivos da sua opção e permanência no magistério, apesar dos discursos da desvalorização do trabalho docente.

Em sua pesquisa, Assunção (1996) ainda procurou compreender as relações e experiências vividas por docentes através da participação em eventos, rituais escolares, nas relações professor-aluno e a relação que pode ser estabelecida entre a comunidade e o professorado da escola como algo fundamental para o clima escolar. [...] a trajetória das mulheres entrevistadas, seja acadêmica ou pessoal, até o momento em que se tornaram mulheres-professoras, mostra a dimensão simbólica e subjetiva atuante em suas “escolhas” e posteriores práticas pedagógicas (ASSUNÇÃO, 1996, p.80). Segundo a autora, a escolha pelo magistério está marcadamente influenciada pela família e associadas à vocação, amor, abnegação, doação e missão. Uma visão que, para ser docente, basta gostar de crianças.

Gomes (1995) voltou seu olhar para a mulher negra professora, segundo ela, ser mulher negra e professora expressa outra maneira de ocupação do espaço público. Por meio de uma pesquisa etnográfica, procurou investigar a trajetória das professoras negras:

Narrar a trajetória escolar de professoras negras é narrar a própria trajetória de mulheres negras. As lembranças familiares, os comentários sobre o racismo e a discriminação racial feitos por elas têm o significado de expressar uma realidade onde, desde muito a si mesma para ser aceita pelo outro (GOMES, 1995, 116).

A pesquisadora Eloíza Dias Neves, na sua tese de doutorado intitulada “Entre o “quintal”, a “casa” e a “rua”, o ofício docente em contexto rural um estudo de caso” (2008), tenta compreender, a partir de um estudo etnográfico, o motivo que fazia dessa escola da zona rural fluminense uma das escolas em que os estudantes teriam alcançado melhor desempenho regional no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A autora entrevistou a direção, professores e alunos para compreender os motivos os quais fazem dessa escola uma referência de bom desempenho. Diante de alguns dilemas que são citados por algumas escolas brasileiras, como evasão escolar, indisciplina, falta de recursos didáticos, entre outros, na chamada escola “Da Dona Clair⁹”.

Vejamos de que maneira a escola tenta minimizar o mau desempenho e a evasão escolar:

A escola tem procurado minimizar estes problemas de mau desempenho e também da evasão de diferentes maneiras: chama os pais individualmente para conversar, explica a importância e o dever de seus filhos frequentarem a escola (quando comunica que vai “avisar” ao Conselho Tutelar); a direção cria turmas especiais de recuperação que acontecem durante todo o ano, para a qual contrata, com verba desviada de outras rubricas, um professor que trabalha basicamente com leitura, interpretação e produção de textos, e solução de problemas matemáticos (NEVES, 2008, p.82).

Nota-se o envolvimento da escola com a comunidade e ainda o pertencimento dos grupos envolvidos com a identidade da escola. A partir da leitura do autor percebe-se que a diretora não segue à risca os interesses do Estado, tomando certas atitudes de gerenciamento escolar por conta própria. A escola ainda é uma referência de lazer para os envolvidos, sendo também considerada um espaço de convívio social. Segundo Neves

9 O nome da escola se refere a Dona-Clair diretora do colégio há 51 anos, criada em 1950, em terreno doado por pequenos proprietários rurais e políticos, que buscavam oferecer estudo aos filhos dos muitos colonos que trabalhavam nas lavouras de café e fixá-los na região (NEVES, 2008).

(2008), esse é um dos momentos de maior pertencimento e envolvimento dos funcionários com os alunos.

[...] a escola-da-dona-Clair é considerada como o “maior espaço de convívio social” daqueles estudantes. O horário do recreio é um momento do encontro e da alimentação. Depois de enfrentarem a longa fila e comerem, os estudantes espalham-se por todos os espaços dentro e fora das salas de aula, conversam, brincam de bola, de roda, de dar piruetas, de subir em árvores, de cantar, de imitar passarinhos, de tocar violão em rodas, até de namorar (embora isso seja proibido dentro da escola) A escola-da-dona-Clair é o referencial de lazer daqueles meninos e meninas que trabalham muito, quando não estão na escola. Segundo um deles, por isso, “o estudo flui muito melhor” [...] Outrossim, na escola, tanto dentro da sala de aula como fora dela, é possível a convivência com a diferença de um modo distinto da família e do trabalho, qualitativamente. Os estudantes lidam com suas subjetividades, falam de si, trocam experiências, ideias, vivências. E, ao mesmo tempo, têm acesso aos códigos culturais dominantes que podem lhes garantir um espaço no mercado de trabalho (NEVES, 2008, p.86).

A autora ainda menciona a valorização por parte da comunidade para com a escola

A valorização da escola pode ser sentida em outros momentos. É muito comum encontrar estudantes do turno da tarde chegando às 8 horas da manhã na instituição, onde passam o dia para fazerem seus trabalhos escolares. A escola é o único lugar daquela comunidade em que há livros para pesquisa, além dos computadores e da Internet, usados por alguns professores, estudantes e ex-estudantes. E a escola é citada como a “fonte do conhecimento” local, “essencial para a vida”, “um lugar que dá *status* frequentar”. Cheguei a ouvir de uma mãe, de uma maneira bem emocionada: “tudo o que meu filho sabe ele aprendeu aqui”. Concluindo, ela parece manter o monopólio do saber local (NEVES, 2008, p. 87, grifo do autor).

A identificação da comunidade, o orgulho ao pertencimento da escola, são algumas das variantes importantes para o bom desempenho da escola. Percebe-se também, nas impressões da pesquisa de Neves (2008) que, tanto os alunos, como os professores têm uma visão boa uns dos outros. Diante dessas considerações, a escola da Dona Clair é considerada uma escola em que os funcionários e alunos se identificam com a escola e isso faz dessa instituição um lugar de respeito e aprendizado. Por fim, a autora encerra suas discussões apontando que a escola se diferencia e possui identidade própria a partir dos seguintes fatores:

Por considerarem a escola como o espaço da sociabilidade e do encontro (além de acesso à cultura acadêmica), os estudantes gostam e as faltas são raras, em que pesem os aspectos penosos do trabalho escolar. Os professores respeitam e/ou valorizam o mundo rural, consideram o ambiente bom e o público escolar interessado, e essa visão positiva motiva-os ao trabalho. O quadro de professores mantém-se estável, apesar da distância da escola em relação às residências. A direção gere a escola pública como se ela fosse particular (com diluição das fronteiras entre a casa e a escola), não economizando esforços e “jeitinhos”. De fato, a escola está situada em duas dimensões simultaneamente: no mundo público, como espaço de socialização, e no mundo privado, como espaço de sociabilidade. Ademais, a direção transgride o regime burocrático da organização escolar, aproximando-o de um modelo anárquico de organização, o que, por sua vez, libera os professores, que têm autonomia para realizarem seu ofício (NEVES, 2008, 578).

Portanto, a escola aparece como uma extensão do lar, da casa, como local de pertencimento e reconhecimento pelos seus pares, além disso, trata-se de um lugar de sociabilidades e que é típico da zona rural (maioria dos alunos são residentes dessa zona) e o bom desempenho dos seus alunos está associado a tais fatores, como foi mencionado. Essa é uma leitura que também remete à escola como um lugar singular por estar associada à figura de Dona Clair que, pode-se dizer, é considerada uma mãe que cuida, é rigorosa, mas ama sua escola e seus alunos.

A postura exercida pelos professores que fazem parte da escola da Dona Clair assemelha-se com uma discussão apontada por Nóvoa (1999), ao mencionar a importância do envolvimento do docente com as singularidades e particularidades do contexto sociocultural dos alunos. “O momento em que o professor julga e decide, a partir da análise de uma situação singular e com base nas suas convicções pessoais e nas suas discussões com os colegas, transforma-se, assim, numa dimensão central do processo identitário” (NÓVOA, 1999, p. 19). Nota-se, de acordo com as experiências da escola mencionada e das colocações de Nóvoa (1999), que o trabalho docente que é desenvolvido com o apoio da coletividade escolar partindo da compreensão das particularidades dos indivíduos parece ter melhores resultados.

Diante disso, percebemos que o clima escolar, o ambiente e a maneira como os professores constroem o seu cotidiano no trabalho escolar refletem na desenvoltura do aluno e, conseqüentemente, na qualidade do ensino. Oportunamente, o tópico a seguir irá tratar sobre cultura escolar como um dos temas que atravessam o trabalho docente e a escola e que muito pode nos ajudar a compreender questões relacionadas ao trabalho do professor e seu cotidiano.

4 COM QUEM O PROFESSOR TRABALHA? JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA DOCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Este capítulo abordará teoricamente questões que problematizam o papel da juventude na escola, uma vez que, a partir da leitura de algumas das narrativas dos professores foi possível compreender que existe muita resistência sobre como lidar com os jovens? Essa é uma questão que problematizamos a seguir no intuito de compreender que os jovens têm suas particularidades e interesses com os quais nem sempre a escola e professor sabem como lidar.

Além disso, nos colocamos com a proposta de pensar o trabalho docente e sua experiência como algo fundamental nesse contexto, uma vez que, muitos dos professores relatam boas experiências com os alunos, já outros não conseguem compreendê-los, o que, de algum modo, gera conflito e outras tensões. Até o presente momento, procuramos evidenciar questões que atravessaram e atravessam o trabalho docente.

Pensar sobre a constituição da escola no Brasil é também refletir sobre a inserção e a “experiência” ou experimento do trabalho docente no contexto escolar. Uma vez que, são muitos os desafios enfrentados pelos professores ao longo do seu trabalho com os alunos.

Diante das discussões que foram apresentadas até aqui, separamos algumas reflexões que já evidenciam questões importantes no desenvolvimento e análise da pesquisa, já que tratam do desempenho e da experiência escolar que o professor desenvolve na maneira de lidar com os jovens e com o cotidiano escolar.

De modo geral, a formação do professor até sua inserção na escola, o trabalho com o aluno e, em especial, com o jovem, parece ficar distante, no que diz respeito à relação teoria e prática. A relação e a interação social entre professor e aluno parece ser um dos pontos chaves nas relações estabelecidas na escola. Diante dessa realidade, faz-se necessário refletir sobre o conceito de juventude a partir do campo das Ciências Sociais e ainda procurar problematizar a relação estabelecida entre professor e aluno como questão fundamental para o desempenho do contexto escolar.

Rotineiramente, os jovens são estereotipados de diversas maneiras, tanto pelos professores, como por outros atores que compõem a escola. E esses estereótipos podem dificultar o trabalho do professor, já que é recorrente ouvir dos professores as dificuldades que eles têm em lidar com o jovem adolescente. Diante disso, partiremos para uma discussão breve, porém enfática, no que diz respeito ao indivíduo com o qual lida o

professor no seu cotidiano e com quem, muitas vezes, partilha suas emoções e subjetividades do dia a dia.

Assim, quando refletimos sobre o trabalho do professor, é preciso também pensar sobre a escola como um espaço de experiência que constitui várias características que influenciam na formação do comportamento dos sujeitos.

4.1 Entre a experiência e a narrativa: a condição de ser professor na contemporaneidade

Daí que a experiência me forma e me transforma.

(LARROSA, 2011, p. 07).

Essa discussão sobre experiência é importante nesse trabalho para que se possa distinguir a ideia e conceito de “experiência” como tempo longo de trabalho ou mesmo a idade e o conceito de experiência dado pelo filósofo espanhol Jorge Larrosa que nos ajuda a compreender com profundidade o conceito de experiência a partir do olhar da docência.

Para Larrosa (2004) os sujeitos contam suas histórias de vida através da construção social da sua trajetória pessoal. Então ouvir, analisar e compreender as experiências do ser professor na contemporaneidade nos ajuda a entender uma série de fatores que envolvem a docência, a educação e o papel da escola. Dessa forma, e a partir da problematização sugerida pelo autor é que procuramos compreender o conceito de experiência narradas pelos professores, no exercício da docência.

Para Larrosa (2004, p. 05), costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e técnica, ou mesmo da oposição entre a teoria e prática. No entanto, sua proposta é procurar refletir sobre a educação a partir da experiência. Desmistificando o conceito de experiência a partir do tempo de trabalho ou mesmo da idade do indivíduo. Larrosa (2011) nos aponta para uma direção interessante que nos coloca a pensar sobre a experiência como um processo bem mais complexo na vida de um sujeito.

Desse modo, o autor vai problematizar o termo experiência, procurando compreender o sentido que damos a essa palavra. A experiência em espanhol quer dizer “o que nos passa”, em português “o que nos acontece”, em francês e italiano seria “o que acontece conosco”, em alemão “o que está acontecendo comigo” e, em inglês “o que está acontecendo conosco” (LARROSA, 2004, p. 153).

Desse modo, a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Levando em consideração a perspectiva de que as palavras produzem sentido, criam realidades e também processos de subjetivação, afirma o autor:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, em que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos baseando-nos em nossa genialidade, em nossa inteligência, mas valendo-nos de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (LARROSA, 2004, p. 152).

Nesse momento, o autor nos ajuda a compreender que os sujeitos usam as palavras e é no jogo das palavras que construímos sentidos diversos, sendo assim, não são instantes vazios, trata-se daquilo que damos sentido ao que somos e ao que nos acontece e, assim, vamos nomeando o que sentimos. A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou que nos toca. Não que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca, ou seja, experiência associada a ações fora do nosso controle, momentos que nos atravessam no encontro com o outro.

A experiência é “*isso que me passa*”. Vamos primeiro com esse *isso*. A experiência supõe, em primeiro lugar, **um acontecimento** ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu. E “algo que não sou eu” significa também algo que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo, que não é resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, nem de meus projetos, nem de minhas intenções, que não depende nem do meu saber, nem de meu poder, nem de minha vontade. “Que não sou eu” significa que é “outra coisa que eu”, outra coisa do que aquilo que eu digo, do que aquilo que eu sei, do que aquilo que eu sinto, do que aquilo que eu penso, do que eu antecipo, do que eu posso, do que eu quero (LARROSA, 2011, p.05, grifo nosso).

Sendo assim, pode ser considerada aquilo que está fora de mim, exterior e que não depende da minha vontade ou desejo, como no encontro com a sala de aula ou com a prática profissional em que o sujeito se depara com uma diversidade de sujeitos que lhe atravessa no cotidiano. “A experiência é um passo, uma passagem, um percurso (LARROSA, 2011, p.07).

Como alguns dos exemplos da experiência como algo que toca, passa e é, ao mesmo tempo, singular no sentido de ser único, é também plural na forma como acontece, dando, assim, várias possibilidades de vivências. Quanto à leitura, segundo Larrosa (2011), quando um sujeito lê um livro e nada lhe acontece ele não vivenciou a experiência de fato, uma vez que, aquele que lê um livro e não adquiriu nada, não foi transformado, nada lhe aconteceu, não adquiriu experiência. O mais importante é o que faço das leituras que realizo, de que maneira elas me transformam. Por isso, a experiência, segundo o autor, é vista como única, singular, própria e plural, “Poderíamos dizer, então, que na experiência a mesmice é alteridade” (LARROSA, 2011, p.17).

Ele ainda cita outros exemplos de experiências únicas como da paternidade, do amor, da morte, sendo sempre as mesmas, serão sempre outras, cada pessoa irá vivenciar de um modo particular e cada acontecimento desse, mesmo sendo vivenciado pelo sujeito várias vezes, como o nascimento de um filho ou a morte de um ente querido, a experiência será diferente em cada momento. “A experiência é sempre do singular. Não do individual ou particular, mas do singular”. Por isso, a experiência, portanto, sempre tem algo de primeira vez, algo de surpreendente (LARROSSA, 2011, p. 17). Desse modo, Larossa também menciona esse sujeito que é atravessado pela experiência, apresentado que:

O sujeito da experiência, esse sujeito que temos caracterizado já como aberto, vulnerável, sensível e ex/posto, é também um sujeito singular que se abre à experiência desde sua própria singularidade. Não é nunca um sujeito genérico, ou um sujeito posicional. Não pode situar-se desde alguma posição genérica, não pode situar-se “enquanto/como”, enquanto professor, ou enquanto aluno, ou enquanto intelectual, ou enquanto mulher, ou enquanto europeu, ou enquanto homossexual, ou enquanto indígena, ou enquanto qualquer outra coisa que lhes ocorra. O sujeito da experiência é também, ele mesmo, inidentificável, irrepresentável, incompreensível, único, singular. A possibilidade da experiência supõe, então, a suspensão de qualquer posição genérica desde a que se fala, desde a que se pensa, desde a que se sente, desde a que se vive. A possibilidade da experiência supõe que o sujeito da experiência se mantenha, também ele, em sua própria alteridade constitutiva (LARROSSA, 2011, p. 18).

O lugar da experiência é da incerteza, do perigo, do imprevisível, nesse sentido, o autor também vai apresentar em “Linguagens e educação depois de babel” as dificuldades de se pensar a experiência e o que se faz para que a experiência seja cada vez mais difícil, rara nos dias de hoje, e, nesse sentido, propõe a separação do conceito mais usual da experiência com a ideia de prática.

Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos passe. Walter Benjamin, em um texto célebre, já certificava a pobreza de experiências que caracteriza o mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2004, p. 154).

Segundo o autor, existe algumas questões que destroem a ideia da experiência entre elas estão: o excesso de informação; excesso de opinião e a falta de tempo. Assim em primeiro lugar, o excesso de informação, dessa forma, a informação não é experiência, diante dessa obsessão pela informação e pelo saber o que consegue é que nada lhe aconteça. “Por isso, a ênfase contemporânea na informação, em estar informados e toda a retórica destinada a construirmos como sujeitos informantes e informados, não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência” (LARROSA, 2004, p. 154).

Em segundo lugar, o excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. Segundo o autor, em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa a qual nos sentimos informados e isso faz com que nada nos aconteça.

Em terceiro lugar, a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo que se passa, passa muito rapidamente. “O sujeito moderno é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito” (LARROSA, 2004, p.157). Assim, a quantidade de informação com o excesso de opinião e a falta de tempo são inimigos mortais da experiência. “Nessa lógica de destruição da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça” (LARROSA, 2004, p. 157).

Em quarto lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Segundo ele tempo de trabalho não quer dizer experiência. Sempre com muitas coisas para fazer, ação, rapidez velocidade, é nesse momento que nada o acontece de fato. “E por não podermos parar nada nos passa” (LARROSA, 2004, p. 160).

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, fala sobre o que nos acontece, aprender na lentidão, escutar os outros,

cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, p. 160).

O sujeito da experiência é aquele onde tem lugar os acontecimentos, território da passagem, daquilo que o acontece. Sendo a experiência o que nos atravessa, nos move, nos toca, então a experiência é uma paixão. Essa paixão que está associada ao sofrimento, e a felicidade é algo que o toca, lhe atravessa e lhe faz sentir o experimento.

4.2 Definições sobre o que é juventude

Philippe Ariès (1978), ao buscar demonstrar o novo lugar assumido pela criança e pela família nas sociedades industriais, em sua obra “História Social da Criança e da Família”, evidencia como a ideia de criança é construída historicamente. Para Ariès, é a escola, no final do século XVII, que proporciona as condições para a criação das noções de infância e juventude como etapas separadas da vida adulta, justamente por conta do isolamento de crianças e jovens dos adultos. Conforme Ariès (1978), na sociedade medieval o mundo infantil não era separado do adulto, não havendo, portanto, uma fase de transição destacada.

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. Apesar das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização (ARIÈS, 1978, P. 11).

A escola é formada por um grupo de pessoas, cada uma delas faz parte de uma vasta rede de relações sociais que podem desenvolver comportamentos positivos ou negativos no âmbito escolar. Trata-se de uma instituição capaz de agrupar muitos indivíduos que pensam, sentem, sofrem, vivem e interagem constantemente. Portanto, as relações e as interações estabelecidas entre professores e alunos são, muitas vezes tensas e conflituosas.

Diante dessa realidade, ao falar sobre o comportamento e o papel do professor da rede pública, é importante situar o público com o qual ele trabalha, uma vez que, no Brasil, como em outros países, a transformação política e social da sociedade afeta também as relações na escola. E essas mudanças exigem dos professores uma postura

diferenciada frente às mudanças estabelecidas. Para falar em juventude ou juventudes, portanto, é preciso, inicialmente, situar os debates para as variadas definições.

Assim, iniciaremos com a concepção de adolescência como um período marcado por transformações profundas, seja na maneira de se vestir, pensar, falar e até mesmo de se comportar. Esse momento, que pode ser chamado também de juventude, é marcado por intensas emoções e descobertas. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é a fase entre os 10 até os 19 anos de idade. Já o conceito de juventude e a definição de uma faixa etária específica, de acordo com alguns sociólogos, pode parecer arbitrária, uma vez que podem ser consideradas como construções sociais.

Como afirmou Bourdieu (1983) em uma entrevista, a “juventude” é apenas uma palavra”. Pois, para esse autor, as definições e fragmentações em classes de idades e gerações teriam variações, por isso, nem juventude nem velhice seriam dados, mas construções sociais, e as relações entre idade biológica e social são questões muito complexas.

Portanto, para o interesse desse trabalho procuramos pensar o conceito de juventude considerando a fase da adolescência a qual se faz presente em predominância no contexto escolar brasileiro. Operacionalizando a partir do conceito bourdiesiano, consideramos indivíduos jovens a partir da perspectiva das relações entre professor-aluno. Assim, consideramos o período da adolescência, a partir da leitura do Dicionário de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, que define

Período de transição na vida do homem. É uma fase intermediária entre a infância e a idade adulta. Esse período se caracteriza por uma série de processos teciduais de natureza nitidamente sexual em muitos casos, mas também ocorre uma série de fenômenos psicológicos. Em outras palavras, há uma adolescência biológica e uma adolescência psicológica. Esta última se acha vinculada, como se verá mais adiante, à estrutura da personalidade básica, as instituições de uma cultura determinada e seus correlatos (SILVA, 1987, p. 26).

Na definição do termo de forma mais clássica, podemos dizer que a fase da chamada adolescência, que é mais limitada do que o conceito de juventude, pode ser compreendida como uma fase de mudanças intensas em que ocorrem inúmeras transformações no indivíduo, tanto em nível corporal, como também emocional.

Aplicada a pessoa, expressa o período de tempo compreendido entre o fim da infância e o início da idade madura. Mas o termo juventude tem um sentido coletivo do maior interesse para os estudos sociológicos, significando uma parte da população total de cada país ou grupo de

países. Esse período de tempo que se inicia com a puberdade e se estende até o início da maturidade expresso em anos, tem limites máximo e mínimo, variáveis em cada momento histórico (SILVA, 1987, p. 661).

De acordo com o senso comum, “o termo juventude” refere-se a um momento que marca a passagem entre a infância e a vida adulta. Durante esse período, são acometidos a uma série de mudanças desde biológicas até psicológicas, que definem sua forma de ser e estar na sociedade e todas as suas relações instauradas entre familiares, parentes e professores. Espera-se deles também responsabilidade e, ao mesmo tempo, associam a esses, muitos problemas sociais, como violência, uso de drogas, gravidez precoce, entre outros.

4.3 Escola e juventude: relações de interação com o professorado

A escola é um espaço de diversidade. Portanto, nela se encontram diferentes culturas, gostos e, conseqüentemente, conflitos. Mas também, trata-se de um ambiente de trocas, reuniões, conversas e partilhas. Repleto de energias, sonhos e desejos, com emoções aflorando e a escola parece não comportar os anseios e as vontades destes jovens.

Falar em escola nos remete a pensar na relação professor-aluno, alunos-alunos, alunos-diretores, professor-gestores. Enfim, trata-se de um momento com intensas discussões, uma vez que lidar com jovens não parece ser uma tarefa fácil para aqueles que compõem um mundo fora dos interesses da juventude. A escola ainda é para a sociedade, de forma geral, o lugar do conhecimento, da construção do conhecimento e que não deve nem pode ser permeada de conflitos.

De acordo com Pereira (2007), os alunos têm a escola como lugar de reconhecimento e referência.

Se foi a escola a principal responsável pelo surgimento das categorias de infância e juventude como se configuram atualmente, pode-se dizer que também ocorre hoje o processo inverso, e, assim, os jovens e as crianças, que foram isolados desde o início dos tempos modernos para passarem por um período de formação moral e intelectual separado da sociedade dos adultos, estariam recriando tal espaço com suas novas demandas. Isto porque, o isolamento de crianças e jovens permitiu a estes um contato maior entre si e o estabelecimento de redes de sociabilidade juvenis e infantis específicas que passaram a ter a escola como referência (PEREIRA, 2007, 03).

Assim, a escola passa a ser vista como espaço de referência para a juventude, como lugar de trocas e afinidades, onde são instauradas relações de afeto e também de sociabilidades diversas, incluindo conflitos e contradições sociais. Quando nos referimos às escolas públicas é importante levar em consideração as situações de vulnerabilidade às quais grande parte dos sujeitos envolvidos estão expostos, uma vez que, por estarem muitas vezes situadas em bairros periféricos, ficam mais suscetíveis ao tráfico e às violências de modo geral.

Segundo Abramovay *et al.* (2002),

[...] a vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 29).

Diante disso, compreendemos que a escola pública é composta por grupos de jovens que, em sua maioria, estão em situação de risco, por vezes, carentes de recursos materiais e até mesmo de afeto. No entanto, o envolvimento do professor com a docência e com os alunos é de extrema importância, pois sua postura pode significar muito para o jovem estudante. Além disso, a sociedade compreende que o professor como sujeito principal e mediador do conhecimento possui experiência necessária para a execução das suas atividades.

Essa fase estudantil é marcada pelas expectativas dos jovens na inserção no mercado de trabalho para obter lazer e até mesmo o ideário de consumo que atravessa esse momento, e que representaria, de fato, a passagem para a vida adulta. Segundo Bourdieu (1983, p. 03-04),

[...] uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de aceder o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como um "homem". Este é um dos fatores do mal-estar que a escolaridade prolongada suscita nos filhos das classes populares (BOURDIEU, 1983, p. 03-04).

Ainda Segundo Abramovay *et al.* (2002), em sua pesquisa sobre violência na escola, esse autor faz menção às falas em que os alunos apontam relações conflituosas com professores, mas também momentos de prazer na relação com alguns dos professores. Alguns alunos apontaram na pesquisa o receio a certos professores, que rotulam e estigmatizam os alunos e ainda os ignoram, como uma das coisas que eles mais se incomodam na escola,

Já os professores são apontados como objeto de desgosto por um máximo de 29% dos alunos, em Florianópolis, ficando o mínimo em 20% (Belém e Rio de Janeiro). Entre os motivos para os estudantes não gostarem da maioria dos professores, está o fato de que os docentes criam, segundo os alunos, várias formas de estigmatizá-los: A pessoa que conversa ela é rotulada. **Eles realmente têm um certo modo de excluir assim, inclusive, se for pedir alguma orientação, ela recebe um tratamento diferenciado.** Com isso, os alunos sentem-se discriminados e incomodados pelo fato de outros receberem tratamento diferenciado e privilegiado (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 37, grifo do autor).

Parte desses alunos se dizem desgostosos com essa postura de alguns professores, como frisou anteriormente. No entanto, outra porcentagem indica que a boa relação entre professor e aluno é um dos fatores que encoraja o alunado. Uma vez que, depois dos colegas de sala, o professor passa a ser o principal interlocutor das relações sociais na escola.

Muitos alunos informam manter relações agradáveis e satisfatórias com os professores. **Os alunos valorizam professores que os incentivam a continuar os estudos, mostrando-se interessados neles, preocupando-se com seu desempenho, dando conselhos, dialogando e sendo amigos.** A atenção e o diálogo são ressaltados pelos alunos, criando momentos de descontração nas aulas, facilitando a aproximação entre eles. Dialogar, para os alunos, significa tratar os assuntos que despertam o interesse deles, conversar, trocar opiniões sobre as principais decisões a serem tomadas nas escolas (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 37, grifo nosso).

Como apresenta a pesquisa da autora, os alunos relatam a importância da boa relação com os professores, isso pode ser considerado como preponderante, como um dos fatores que impedem certos alunos de desistirem de estudar, pois se sentem estimulados pelos professores que se interessam pelos alunos e se preocupam com seu desempenho escolar.

Segundo a autora o clima escolar (ABRAMOVAY *et al.* 2002) e a boa relação são, de fato, fundamentais na relação entre os jovens e os componentes do espaço escolar.

Outro aspecto também ressaltado para essa boa relação depende do comprometimento do professor com o seu trabalho, do interesse demonstrado na condução da aula e da paciência para explicar o assunto quantas vezes forem necessárias (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 97).

Segundo a autora, por meio de um grupo focal, um dos alunos mencionaram a importância da paciência por parte dos professores como fundamental para a aprendizagem. Então, como critério de desistência, alguns alunos apontaram o desinteresse do professor nas suas aulas, deixando, assim as aulas cansativas e desinteressantes. Alguns alunos deixam evidente que o bom relacionamento com os professores que conversam com os alunos, compreendem suas trajetórias enquanto jovens possibilita uma melhor relação no clima escolar e, conseqüentemente, no aprendizado.

Por fim, as principais queixas estão na rotatividade de professores na escola, falta de diálogo, falta de interesse por parte de alguns professores, entre outros fatores que fazem com que o aluno perca o interesse pela escola. Mas, mesmo diante desses questionamentos, a autora também apresenta a figura do professor nas falas desses alunos do Ensino Médio.

Tais características não são somente enunciadas como ideais, mas relacionadas a algum ou a vários professores, tendo base as experiências vividas, portanto são qualidades possíveis: **professores ativos que sabem brincar, conversar, interagir, incentivam a gente a aprender; dão boas aulas, trabalhos interessantes, respondem as dúvidas, sabem prender a atenção.** Estes são termos repetidos por vários alunos. Um grupo do EM afirma que o bom professor sabe explicar (**passa a matéria de um jeito que prende você na explicação dele, na verdade é o professor que faz a aula**); **faz entender a aula (você consegue lembrar a aula dele)**; tem prazer em ser professor (*gosta do que faz, que não só ensina a matéria, mas te traz conhecimento*); e se preocupa com os alunos: (**está preocupado em ensinar a gente, que a gente aprenda, ele tira as suas dúvidas. Ele prende a gente na aula dele, faz você prestar atenção e principalmente gosta do que faz**) [...] (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 111, grifos da autora).

Como percebemos, os professores mais próximos e preocupados com os alunos, abertos ao diálogo, que compreendem a realidade dos jovens, sensíveis à diversidade e que sabem ensinar são os considerados “bons professores”. Segundo a autora, o ser “bom professor” faz com que os alunos se mantenham na escola. “Insiste-se que depoimentos indicam que o estabelecimento das relações sociais e a construção de vínculos são questões fundamentais para o querer estar na escola” (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 131).

De acordo com o que foi apresentado por Abramovay *et al.* (2002), os jovens trazem consigo uma cultura da rua que se choca com os interesses da cultura escolar, prejudicando muito as relações cotidianas. Entretanto, a escola parece não estar preparada para este universo.

Diante do que já foi mencionado pelos autores, podemos inferir que falar sobre juventude ou Juventudes é tarefa difícil, já que são muitas as questões sociais que estão envolvidas nessa discussão. Para Cara e Gauto (2007), somente a partir da Segunda Guerra Mundial é que a temática da juventude começa a ser compreendida como uma fase de transição preparatória para a fase adulta, marcada por uma série de tensões relacionada à formação de uma identidade individual. “No decorrer dos anos, outras abordagens – ora concorrentes, ora complementares – foram cunhadas, transformando o termo juventude em uma categoria social polissêmica, de difícil apreensão analítica” (CARA; GAUTO, 2007, p. 170).

A proposta dos autores é problematizar e, ao mesmo tempo, criticar o conceito de juventude como associado à uma etapa problemática da vida. Uma vez que, são os jovens que estão mais vulneráveis aos dilemas sociais, como já mencionado, o desemprego, questões relacionadas à gravidez na adolescência, drogas, doenças sexualmente transmissíveis, criminalidade, tráfico, entre outros. O desafio maior, nesse sentido, é quebrar as barreiras dos preconceitos e estigmas que são criados pela sociedade em torno da juventude.

Segundo Cara e Gauto (2007), o desemprego e as instabilidades sociais presentes no cotidiano da juventude, impossibilita seu desenvolvimento integral, sendo, principalmente, a questão da violência um dos pontos mais centrais que tem dizimado grande parte dos jovens no Brasil.

Por isso, esses autores afirmam que,

Os dados mostram que, assim como as taxas de desemprego, os números de homicídios são mais representativos entre os jovens, caracterizando, respectivamente, maior vulnerabilidade e vitimização dessa faixa etária da população, em comparação com as faixas etárias adultas. [...]. A violência, com destaque para os índices de homicídio, constrange as possibilidades de setores significativos da população juvenil brasileira em realizar um desenvolvimento integral satisfatório, impondo limites ao exercício do direito mais básico: o direito à vida. Em relação ao desemprego, a função tradicional do mercado de trabalho, de garantir autonomia econômica aos cidadãos, possui entre os setores juvenis um significado ampliado: permitir a realização da condição juvenil, que não se encerra em acesso a oportunidades educacionais, culturais e de lazer, mas se intensifica na realização de

possibilidades no tocante à definição da identidade individual e social dos jovens, especialmente em um contexto nacional no qual não vigora uma rede satisfatória de proteção social e efetividade de direitos, capaz de amortizar os custos relativos às demandas juvenis (CARA; GAUTO, 2007, p. 170-171).

Notamos que a exclusão no Brasil é um dos pontos cruciais para se pensar um jovem sujeito dos seus direitos. E a garantia desses direitos para pela compreensão de que o jovem é portador de uma identidade e que necessita do seu espaço na sociedade.

De acordo com Pochmann (2004), como resultado das amplas mudanças instaladas no sistema econômico brasileiro, as taxas de desemprego se acumularam e se intensificaram. Para o autor, em tempos passados, os desempregados caracterizavam-se pela baixa escolaridade associada a pouca experiência profissional. Em tempos presentes, a condição dos desempregados atinge os diversos segmentos da força de trabalho, sendo mais dramático entre os jovens.

4.3.1 A escola no Brasil: narrativas sobre a docência no cotidiano escolar

A escola faz parte de uma estrutura organizada por meio de mecanismos que acabam reforçando interesses da sociedade. Ser professor na contemporaneidade tem se apresentado como um desafio, uma vez que, muitos professores não sabem como lidar com o cotidiano e nem com os jovens da geração atual. Uma geração que tem na tecnologia sua maior inspiração, ficando o professor à parte do que antes era considerado o principal meio para adquirir o conhecimento. A escola, enquanto espaço de interações sociais e de grupos sociais, pode ser entendida a partir da sua totalidade. Por ser considerado um espaço formal do conhecimento, ela se difere das demais instituições sociais e, em sua dinâmica, o educador é peça fundamental quando falamos no trabalho com o jovem. Candido (1974) fala da escola como uma instituição administrativa que possui sua lógica própria e que é preciso preparo por parte do educador para lidar com a diversidade (idade, sexo, classe social etc.) dos elementos humanos que compõem a escola. Para isso, ele chama atenção em relação ao preparo do professor para lidar com a juventude e com aspectos que são peculiares a essa fase do indivíduo, como mencionamos anteriormente.

Segundo o autor, o docente deve,

[...] Preparar-se, sobretudo, para considerar as resultantes sociais da coexistência de adultos e imaturos. Aqueles exercem um conjunto de

pressões que atendem mais aos interesses da organização social do que aos interesses destes, e estes reagem a seu modo, procurando dar expressão à sua sociabilidade própria. Estabelece-se deste modo uma dupla corrente de sociabilidade: a que envolve o ajustamento do imaturo aos padrões do adulto, e a que exprime e as necessidades e tendências. Na confluência de ambas situa-se a prática pedagógica, tanto mais satisfatória quanto melhor conseguir atenuar a tensão das duas correntes. Esta pode ser latente, limitando-se à concorrência normal dos grupos de idade, e pode ser conflitual, levando ao desenvolvimento de atitudes e normas socialmente reprovadas, que desviam da organização social, como é o caso dos grupos de delinquência infantil e juvenil. Num sentido e noutro, influem, é claro, as condições do meio (CANDIDO, 1974, 111).

Dessa forma, perceber como o comportamento do jovem se faz é fundamental já que é próprio da escola e do papel e formação do professor procurar lidar com as diferenças e comportamentos que, muitas vezes, podem comprometer a interação e a aprendizagem.

Diante dessas considerações e já num instante prévio da pesquisa, foi possível perceber por meio do discurso de alguns professores a ênfase em relação às dificuldades de lidar com os jovens. A fala de um dos professores entrevistados deixa evidente essa dificuldade:

O jovem hoje ele quer algo diferente do que era antes, o professor tem que permanecer atualizado, usando o celular inclusive para atividades em sala de aula, as coisas estão mudando rápido e isso nos afeta também, lidar com essa fase não é fácil, só sabe quem vive a docência do ensino básico (MIGUEL).

A partir dessa fala, podemos entender que os avanços e o uso das tecnologias é uma das cobranças feitas aos professores a qual eles, por muitas vezes, não conseguem acompanhar. O posicionamento desse professor evidencia certo “sofrimento” em relação ao uso das novas tecnologias. No entanto, existe uma consciência por parte dele que é a importância do uso da tecnologia em sala de aula como uma ferramenta agregadora de conhecimento.

5 SER PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO DA REDE PÚBLICA EM CAMPINA GRANDE-PB: PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o perfil dos entrevistados como forma de melhor situar os sujeitos, disciplinas e algumas questões mais gerais sobre a docência. Assim como apresentar a pesquisa de campo e as entrevistas com os professores da rede pública de ensino, dando ênfase às falas dos professores, no que diz respeito, às questões que envolvem o cotidiano escolar e a prática docente. São vozes com contribuições relevantes para se pensar no ser professor da rede pública de Campina Grande –PB, levando em consideração várias questões que perpassam desde o trabalho docente, até mesmo aspectos da cultura escolar que têm relação com nosso contexto social e político. São apresentados ainda comportamentos vivenciados e reproduzidos no interior da escola pelos professores que nos ajudam a refletir sobre a condição do trabalho docente e ainda sobre a qualidade do ensino público no Brasil.

Desse modo, apresentaremos a seguir um pouco das falas acerca do perfil do professor, levando em consideração questões mais gerais sobre a docência. Mas que nos trazem reflexões sociológicas importantes sobre o ser professor. Assim como razões para a escolha profissional que também, de algum modo, está relacionada com a satisfação no trabalho.

5.1 Análise das entrevistas com professores

5.1.1 Entrevista com o professor Jean, da disciplina Biologia: “Sempre gostei das coisas relacionadas à natureza”

Uma das primeiras entrevistas foi com o professor Jean (40 anos de idade), da escola situada na zona oeste. Sentado na sala dos professores, o professor me foi apresentado pela inspetora¹⁰ e, ao ser questionado se poderia, de forma voluntária, participar da entrevista, prontamente se dispôs a conversar sobre questões relacionadas à escola. Antes mesmo de a inspetora me apresentar, esse professor, ele tinha conversado ao pé do ouvido com a diretora, talvez sobre minha presença na escola. Procurei não me intimidar com tais comportamentos e segui com a entrevista, no entanto, a inspetora não

¹⁰ Trata-se de um cargo ocupado por um sujeito prestador de serviço, contratado, que geralmente é indicado e de confiança da direção da escola.

saiu da porta até o final da entrevista, o que, de certo modo, denota certo controle e vigilância por parte dessas equipes que compõem a escola e, ao mesmo tempo, sobre a presença de alguém “estranho”. Esse mesmo professor, em determinado momento, falou em tom mais baixo “falaremos o necessário”.

Dessa forma, nossa conversa durou cerca de quarenta minutos e ocorreu na sala dos professores, mesmo diante desses olhares e da entrada e saída de alguns professores, que, de algum modo, a meu ver, causavam certo desconforto ao professor entrevistado, pois ele sempre diminua o tom de voz na chegada de alguém. Seguimos. Primeiramente, pedi que ele falasse um pouco sobre a sua profissão como professor e depois os motivos pelos quais fizeram com que ele escolhesse a profissão. Disse que um dos motivos principais para a escolha da profissão foi o fato de ele gostar de lidar com o público e acrescenta.

Eu já tinha essa facilidade de lidar com o público, **minha formação inicial foi como soldado do exército, aí depois fiz curso lá dentro e aí fui promovido, uma das minhas capacidades era a de liderança, eu já percebia isso. E associei com algo que eu gosto demais que é a questão da natureza.** E aí eu decidi fazer biologia. Eu inicialmente prestei vestibular na UEPB, na primeira vez eu coloquei para educação física, era uma coisa que eu gostava muito na época, aí fiquei na lista de espera no terceiro colocado e não chamou ninguém e no próximo ano (2008) **coloquei para Biologia e no primeiro período de curso já me identifiquei com o curso gostei muito e era basicamente o que eu esperava, ai na época eu já trabalhava e era uma correria muito grande e não tinha tempo de me dedicar à pesquisa.** Então eu só fazia trabalhar em 2008, eu entrei em 2005 na faculdade e em 2008 já comecei a trabalhar, eu já comecei a ministrar aula, comecei no fundamental do 6 ano ao Ensino Médio. Hoje estou mais focado do 9 ano aos 3º anos do médio. **Acho (...) que a questão familiar também, tenho dois irmãos que são professores e tenho um irmão advogada e irmão engenheiro.** Mas ai eu já me identificava com a arte de ensinar, gostava muito de conversar também, repassar informações e o gosto pela natureza (JEAN).

O professor Jean, ao mencionar sua trajetória de vida, apresenta uma questão interessante sobre associar o trabalho dele quando serviu ao exército ao fato de ser professor, já que a liderança e a disciplina com a qual lidava com as pessoas era uma das virtudes do seu comportamento. Então, seu primeiro vestibular foi para o curso de educação física e, somente depois de não conseguir passar, escolheu Biologia. Sendo assim, desde que começou a cursar Biologia também se iniciou na docência e já ministrava aulas. Continuou seguindo a carreira docente na licenciatura e, segundo ele, sempre acumulou muitos empregos e, por conta disso não conseguiu continuar os estudos,

Segundo ele: “para se dedicar a fazer uma pós-graduação. Na época eu já trabalhava muito e era uma correria muito grande e não tinha tempo para me dedicar à pesquisa” (JEAN).

Ainda quando questionado sobre a escolha da profissão docente, ele remete à ideia de que escolher a licenciatura e ter trabalhado na área fez com que ele continuasse na profissão. E fala que, entre irmãos advogados e outro engenheiro, ele se tornou o professor por meio da licenciatura, o que parecia não ter sido aprovado pelos parentes, no entanto, ele se identificou. E continua “Mas eu já me identificava com a arte de ensinar, gostava muito de conversar, repassar informações e o gosto pela natureza” (JEAN).

Durante a entrevista na sala dos professores, entrou um funcionário e pediu que ele “adiantasse” uma aula. É interessante mencionar esse fato já que é uma prática recorrente na escola pública. Quando falta algum professor, os alunos chamam os que estão na sala dos professores para adiantar suas aulas. Isso faz com que eles saiam mais cedo da escola. O que, de alguma forma, parece ser um problema já que não se coloca outro professor para substituir a aula do que faltou e também a direção não questiona os motivos pelos quais esse professor faltou. Então, ao chegar o pedido desse aluno para adiantar, o professor pareceu mais inquieto para responder a entrevista e disse “já chego lá”, na intenção de ir adiantar sua aula para concluir mais cedo. Durante a entrevista, o professor citou outras questões como o fato da correria entre uma escola e outra atrapalhar sua relação familiar, por muitas vezes, faltar tempo para ficar com os seus filhos e familiares no geral.

Nesse momento, percebo que ele pega um copo descartável e começa a amassar para ir embora, parecia, nesse instante, mais ansioso para concluir a entrevista e ir adiantar suas aulas. Um ponto importante dessa entrevista foi o fato de que, quando questionado sobre ter alguma outra atividade remunerada, ele vai falar com muito entusiasmo da criação de animais e que, segundo ele, lhe é uma atividade de muito prazer, já que também se dedica a essa criação e dá palestras, uma vez que ele é especialista no cuidado com determinado tipo de animal. Tal criação permite que ele venda o produto desse animal, diz ele, não exatamente como uma atividade remunerada, mas que acaba ajudando na renda, como complemento da escola. “Não é nada que vamos dizer uma porcentagem da minha remuneração, mas... me ajuda até na manutenção da própria criação, geralmente o que e vendo, vou investindo na própria atividade” (JEAN).

Ao mencionar essa atividade, o professor apresenta uma satisfação por meio de um estampado sorriso em relação ao desempenho desse trabalho. E o mais interessante que, ao concluir a entrevista e desligar o gravador, o professor ainda continuou falando

por mais dez minutos sobre a sua alegria e o prazer nessa criação, das palestras que fazia sobre o assunto e ainda do seu interesse por tal atividade, alegando sua vontade de apresentar seu trabalho para a sociedade no geral. O professor ainda lamenta por não ter condições de sempre levar os alunos para poder conhecer um pouco sobre sua atividade que está relacionada com a biologia pela escassez de recursos ou mesmo não conseguir um ônibus para locomover esses alunos para uma visita de campo. No entanto, a atividade do professor está associada a sua formação.

5.1.2 Entrevista com o professor Miguel, da disciplina Física: “Ser professor está no sangue”

A segunda entrevista foi com o professor Miguel de uma escola situada na zona norte. Com uma idade de aproximadamente 50 anos, já com seus cabelos grisalhos, parecia um pouco mais inquieto no dia da entrevista. Eu o conheci num dia e marquei a entrevista para um momento em que ele tivesse com tempo na escola, para que pudesse acontecer nosso diálogo. A entrevista durou aproximadamente 25 minutos. Esse professor possuía 23 anos de sala de aula, ministrando a disciplina de Educação Física na rede estadual. Ao ser questionado sobre a escolha docente, ele nos coloca alguns elementos que merecem ser analisados. Para ele, a escolha docente “está no sangue” e vai dizer que seus pais formaram 5 professores, sendo assim, percebe a docência como um negócio de família e vocacional.

Primeiro tá no sangue da família, primeiro meus pais formaram cinco professores, quatro começaram a atuar como professor. Dou aula desde 1994, quando eu fazia o primeiro ano científico, eu já dava aula por nome de reforço, eu já estava com a ideia de ser professor mesmo, e depois em 1996 eu entrei na Universidade Federal comecei a fazer matemática, lá ai dei uma paradinha em 1997 e 1998 e voltei em 1999 e em seguida comecei a dar aulas no Estado (MIGUEL).

Nesse momento, o professor lamenta o fato de não ter feito uma pós-graduação e ter continuado estudando. Segundo ele, esses foram sonhos interrompidos pelo fato da necessidade de ter que trabalhar para manter a família, ter casado e acabou não dando conta da continuação dos estudos, o que, de certa forma, causa-lhe tristeza. Ainda chegou a entrar num mestrado profissional, tendo abandonado, logo após os seis meses, por não conseguir dar conta, já que trabalhava cerca de 70 horas-aula por semana. Assim, no momento atual, o professor disse trabalhar em três escolas somando cerca de 40 horas-aula semanais, sendo que, segundo ele, por dia, chega a ministrar 16 horas-aula. O

professor fala que gosta de ministrar aulas, da vida corrida que a docência lhe causa, no entanto, diz que espera sempre pelas férias como um momento especial e de refúgio.

[...] **nas férias se alguém me chamar de professor à gente vai para o braço.** É eu viajo tenho que sair de Campina mesmo né, Rio de Janeiro. Posso lhe dizer que isto é minha válvula de escape, te digo que se eu emendasse uma semana na outra, acho que se eu fizesse isso acumulasse uma... ou mais de um mês com outro, eu iria pirar mais fácil, até por que depois de 15 anos, eu já estou com 23 anos de sala de aula, aí a gente vai aprendendo a caminhar menos, fazendo mais. Deixar de correr tanto né? Essa é minha experiência, essa é minha ideia por isso que eu estou suado (MIGUEL, grifo nosso).

Diante dessa fala do professor, percebemos que ele se sente um pouco exausto do seu trabalho. No entanto, é perceptível também o fato de que se sente satisfeito quando percebe que seu aluno progrediu, prosperou e isso faz com que ele se sinta feliz. Então, mesmo diante das angústias vividas, ele consegue ressignificar a docência por meio do avanço do seu aluno. “Hoje encontrei com alguns alunos antigos que estão em Institutos Federais, Universidades, é muito prazeroso para mim vê-los continuar os estudos. Só fico triste por que alguns eu não conseguir colocar no bom caminho (olhos lacrimejam), diante disso me sinto fracassado” (MIGUEL).

Nesse instante, o professor demonstrou muita emoção e os olhos ficaram marejados ao mencionar os seus alunos, no mesmo momento, ele já encerra essa resposta e pergunta se tem mais alguma coisa a responder. Mas, em seguida, continua na mesma questão e diz que lamenta muito por ter perdido alunos para as drogas e para a fome, também, e diz se sentir um pouco culpado por isso, nesse momento, ele disfarça as lágrimas e demonstra angústia. “Eles tiveram que abandonar os estudos para trabalhar, para poder sustentar a família. Aí de alguma forma eu já sabia que não poderia fazer muita coisa, por isso que o que eu consegui, eu garimpei... talvez essas sejam as minhas maiores tristezas” (MIGUEL).

Ao mencionar o termo tristeza sobre o trabalho docente o professor retoma um tema já citado na fala dele anteriormente que é o fato de não ter concluído uma pós-graduação. E afirma “mas vou te dizer que eu sei que vai fazer falta financeiramente sabe, mas também não é essa falta toda não... acho que estou bem com o que estou recebendo” (MIGUEL). No entanto, por várias vezes, o professor menciona a falta de não ter continuado os estudos como uma das angústias que atravessa sua vida e trajetória no trabalho docente.

Percebemos que, de forma recorrente, a lamentação do professor Jean, de Biologia de também não ter feito uma pós-graduação se assemelha à falta que o professor Miguel, de Física também coloca. Os dois professores alegam que a correria de ter que ministrar muitas horas-aula e as atividades docentes não permitiram que eles pudessem continuar estudando.

5.1.3 Entrevista com o professor Erick, da disciplina História: “Quero Manter o Espírito livre”

Essa entrevista ocorreu na sala dos professores em uma Escola situada na Zona oeste da cidade de Campina Grande –PB. O professor Erick (50 anos de idade) foi um dos professores com mais anos de trabalho entre todos os entrevistados. Segundo ele, estava completando trinta anos de sala de aula. Em seu discurso, o professor coloca diversos elementos que nos fazem refletir sobre a cultura escolar, o cotidiano e até mesmo a prática docente, já que ele se sente atravessado por esse tempo, como um período em que muitas coisas passaram por ele. Segundo Larrosa (2004) o conceito de experiência docente parte desse sentido, das mais variadas coisas que perpassam o sujeito, que lhe atravessa e não devemos somente reduzir a experiência docente aos anos de trabalho.

Dessa forma, a entrevista com o professor Erick, de História, durou cerca de 25 minutos na gravação, porém, o professor falou bastante antes de autorizar a gravação e também logo depois que o gravador foi desligado, parecia mais à vontade, sem constrangimentos diante do equipamento. Outra questão interessante é que, ao chegar nessa escola, a diretora fez questão de saber sobre minha pesquisa, as outras diretoras pareciam não dar tanta importância às particularidades do meu campo, já essa, pediu para ver o projeto, leu os objetivos e ainda pediu para indicar os informantes, dizendo que alguns não “serviriam” para a minha pesquisa, o que, de algum modo, despertou minha curiosidade sobre aqueles professores que não foram indicados por ela. Isso já me despertou a vontade de, inclusive, entrevistar os “não indicados” pela direção. Então, ela me acompanhou para a sala dos professores e, ao chegar lá, apresentou-me a alguns professores e logo encontrou um informante indicado como “não tão bom”, no entanto, eu perguntei se eu poderia conversar com ele, ela prontamente disse que estava tudo bem. Ao sair da sala dos professores, conversei com o professor Erick e ele se dispôs a contribuir.

Na sua fala inicial, o professor indicou inúmeros problemas da escola que, na sua ótica, dificultavam todo o andamento das aulas. “Os problemas da educação são muitos, a escola não está preparada para enfrentar as adversidades, cada um faz seu trabalho em sala de aula... é o famoso cada um por si” (ERICK). O professor estava se referindo à falta de união entre os professores, à falta de planejamento e à indiferença, muitas vezes, de alguns colegas. Até aqui, nenhum professor teria comentado sobre isso, para o professor, essa falta de união e parceria entre os professores era uma das lamentações que prejudica e muito o andamento da escola, já que não existia diálogo sobre as dificuldades enfrentadas nas turmas com os alunos para que se pudesse melhorar.

Quando questionado sobre a escolha de ser professor, ele disse que, inicialmente, procurou por engenharia, mas depois percebeu que não se identificava, sendo assim, trocou de curso, indo para a licenciatura em História e começou a ministrar aulas logo cedo. “Eu era menino, dando aula a menino e assim passaram-se já quase trinta anos de sala de aula” (ERICK). Segundo ele, é preciso mais valorização profissional, melhoras na estrutura física, boas administrações na escola, pois os funcionários não são preparados e não têm formação adequada para, inclusive, lidar com os alunos. Afirma que existem funcionários semianalfabetos em cargos que não deveriam estar o que prejudica o desenvolvimento da escola e da educação em si. Nesse momento, ele estava se referindo aos vigias, inspetores, coordenadores pedagógicos, o que, para ele, é um descaso por parte do Estado, colocar pessoas para lidar com os jovens que não tem nenhum preparo. O professor ainda menciona diversos momentos em que ele observava esses funcionários gritando os alunos como se fossem “animais”.

Por fim, o professor retoma o início do seu trabalho como docente e diz que começou ministrando aulas em 5 escolas e que hoje só está em 3 e afirma “quero manter esse espírito livre”, quer dizer que gosta de ministrar aulas em outros lugares também. O professor refere-se ao espírito livre e, em seguida, critica o modelo de educação integral que está sendo instaurado nas escolas públicas do Estado da Paraíba, em que coloca o professor em tempo integral nas escolas, ele chama, inclusive, de absurdo tal imposição e faz duras críticas à escola desse modelo. A fala do professor de História parecia crítica em relação à maneira como a escola é administrada e as equipes que são formadas para coordenar a escola, sempre com indicações da gestora, diz o professor. Nessa fala do professor, ficava evidente os motivos pelos quais ele não fosse tão importante para a minha pesquisa, talvez a gestora já conhecesse o posicionamento crítico do informante e já menciona seu interesse como gestora e não o interesse da minha pesquisa, como ela

indicava inicialmente. O que será que a gestora queria esconder através da fala desse professor. Enfim, seguimos com a entrevista do professor de Matemática que, assim como Erick, retoma na sua fala mencionando questões que atravessam a escola pública na atualidade.

5.1.4 Entrevista com o professor Marcelo, da disciplina Matemática: “Ser Professor alimenta o ego”

A entrevista que se segue nesse momento é com o professor Marcelo, da disciplina de Matemática, que possui cerca 25 anos de sala de aula, com a idade de 40 anos. A escola à qual o professor pertence está situada na zona oeste. Ao ser questionado sobre a possibilidade da sua contribuição para a pesquisa, ele logo se prontificou, nossa entrevista durou cerca de 15 minutos. Esse professor possui duas matrículas na rede Pública Estadual. o que contabiliza de forma semanal cerca de 40 horas-aula semanais, além disso ele também trabalha em outras instituições de Ensino Superior. Inicialmente, ele vai dizer que ser professor não é para qualquer um, é preciso ter “dom”, tem que amar a profissão: “só **está nisso** por que gosta, se não, não adianta tá na profissão **que não agrega tanta vantagem financeira, mas acho que alimenta o ego** e eu acho que é por isso que escolhi ser professor, para ajudar aos outros sem olhar a quem” (MARCELO, grifo nosso). O professor, mesmo tendo duas matrículas na rede pública, vai dizer que a profissão docente é para quem gosta, já que, financeiramente, não compensa. Mas, ao mesmo tempo, a sua escolha pela profissão está no alimento para seu ego. Veremos a seguir o que mais o professor menciona sobre a profissão docente e o ser professor da rede pública:

Eu já passei por várias profissões e o que eu queria mesmo, o que eu gosto é ajudar a quem precisa, e eu acho que a maneira mais prática seria passar o que eu já sabia ensinar as pessoas por aí, seria mais por aí **por que retorno financeiro a gente sabe que não tem tanto né**, a gente almeja mas até então não é valorizado que a gente precisa, pensa e precisava que fosse (que mais? ele) fale tudo em pouco, em pouco minutos (risos ele) (MARCELO, grifo nosso).

O professor Marcelo, mesmo se disponibilizando para a pesquisa, parecia impaciente com o tempo ou talvez ansioso. Esse professor menciona um tema que aparece de forma recorrente entre as falas dos professores entrevistados, que é o fato de ministrar aula na rede pública e também na rede privada, em simultâneo, que é dizer que não faz distinção entre os alunos e nem de conteúdo nessas redes de ensino.

Como eu já passei por todas as etapas em relação ao ensino tanto particular, como universidade particular, escola pública, viram que existe aquele conceito **de professores que tratam o ensino público como um quebra galho e eu olhei para os que mais necessitam mais de nossa ajuda é a escola pública e a gente ou alunos de quinze anos atrás, aquelas aulas era um pouco, aliás, muito defasada**. Então, não tinha material suficiente que tem hoje, a gente tem toda bagagem tanto em material como em livro é material didático essas coisas já têm muito mais que se tinha a quinze anos atrás e a cobrança em si por não ser tão centralizadas aí os professores deixam a desejar em escolas públicas. **E eu acho o contrário, eu acho que minha dedicação maior é em maior é em escola pública, por que eu acho que ali é onde tá o pobre, alias de onde eu surgir né** eu sempre estudei em escolas públicas, em colégio público por isso que têm da minha parte essa valorização e aquelas pessoas que estão na rede particular por tem mais isso, mais cobranças os professores são mais compromissos o que não deveria ser e para mim na rede pública é isso, de onde eu vim da minha origem e eu quero fazer valer a pena (MARCELO, grifo nosso).

O professor, a partir dessa fala, menciona as diferenças entre o professor que ministra aula de uma forma na rede privada e de outra na rede pública. Segundo ele, isso é inadmissível, é um problema, e afirma que está todos os dias na escola, porém, tem um dia de folga na escola pública, no qual ministra aulas na escola particular, lugar onde estudam os filhos dele e, aos sábados, numa instituição particular.

Meu dia-a-dia na escola é, eu estou aqui todos os dias pela manhã, exceto a quinta-feira pela manhã, mas nos outros dias estou em outra escola do Estado. **Tenho um dia de folga na quinta feira que dedico à escola particular, onde meus filhos** estudam e no sábado na Universidade (MARCELO).

Aproveitando essa fala do professor sobre a sua comparação entre a rede pública e a rede privada, quando ele menciona que seus filhos estudam na rede privada, pergunto por que motivos ele não coloca seus filhos para estudarem na escola pública. Nesse momento, ele fica calado por alguns segundos e diz que não poderíamos ser ingênuos a ponto de dizer que a escola pública tem qualidade. Nesse momento, o professor afirma sua falta de confiança no ensino público e, por isso, não coloca seus filhos para estudar nas escolas do Estado. O professor fica em silêncio, pensativo, por um tempo. Em seguida, retoma a fala sobre seu cotidiano escolar e afirma, que sua maior alegria em ser professor é ver seu aluno alcançar concurso, o Ensino Superior e/ou ter sucesso profissional. “Uma conquista de um aluno, aprender o conteúdo e passar em concurso, aprovado em qualquer seleção é a maior alegria do mundo. E lembrar de você futuramente, aquele ali foi meu professor, eu aprendi algo com ele, para mim já é o suficiente” (MARCELO). Então, essa fala do professor nos deixa entender que o

significado docente está num produto de trabalho que só tem retorno no futuro, a sua alegria reside em ver o sucesso do seu aluno, mas não no agora e sim no futuro, o reconhecimento por parte do aluno que aprendeu seu conteúdo e, de algum modo, serviu para a vida e o sucesso profissional.

5.1.5 Entrevista da professora Amanda, da disciplina Língua Portuguesa: “Ser professor é vivenciar na prática”

A professora Amanda pertence a uma escola situada na zona sul, com a disciplina de Língua Portuguesa, possui cerca de seis anos de sala de aula na rede pública do Estado. Aos 33 anos de idade, a professora Amanda foi uma das mulheres a ser entrevistada, casada e com duas matrículas na rede pública de ensino, apresentou algumas questões peculiares que merecem ser profundadas por meio de uma reflexão e análise sobre o trabalho docente e também a partir de algumas questões de gênero, mesmo não sendo um tema em questão na tese, mas que merecem ser apresentadas, tendo em vista que foi uma constante nas falas das professoras do sexo feminino.

A entrevista da professora também ocorreu na sala dos professores e foi agendada logo após uma visita feita à escola e de acordo com a disponibilidade da informante, marcamos um horário livre da professora para que pudéssemos conversar sobre a docência. Nossa entrevista durou cerca de 1 hora, aproximadamente, e, a princípio ela menciona sua carga horária semanal na escola e afirma que trabalha de segunda a sexta-feira na escola da rede pública, com dedicação exclusiva de 40 horas-aula semanais. Quando questionada sobre a escolha da profissão docente, a professora diz que o desejo dela era ser advogada e ter cursado direito e que era seu maior sonho por achar essa profissão “bonita” e reconhecida. Mas, por questões financeiras, não foi possível. Depois de ter estudado na escola normal que direcionava para o magistério pedagógico, ela foi se encantando com o fato de querer ser professora. Entre muitas falas, a professora menciona uma das suas lamentações sobre sua formação universitária, ao dizer que existe um distanciamento entre a formação docente na faculdade e a prática com a sala de aula.

O trabalho do professor é muito diferente daquilo que a gente é preparado na universidade e vivenciar na prática porque... primeiro o fato de você enxergar o trabalho docente, o ensino como profissão, **por que na universidade a gente escuta muito falar em vocação, em trabalhar por amor, e que você pode transformar o mundo e tal e é tudo meio que assim idealizado demais, aí quando você se depara com o real do trabalho e você ter essa noção, essa dimensão que aquilo ali é o ensinar é um trabalho você ver a ação do professor**

como profissão, pegando um pouco da ciência do trabalho é o primeiro choque que o graduando tem, né digamos assim, assim que a gente termina é essa graduação, porém no meu caso apesar da percepção do que é a realidade da sala de aula se deu no segundo semestre da graduação por que **e comecei a trabalhar eu precisava trabalhar para poder dar conta da graduação já que minha família, não tinha boas condições financeiras** o suficiente para conseguir (AMANDA, em entrevista concedida à pesquisadora em 19/03/2018).

Para a professora entrevistada o universo escolar foi muito diferente de tudo que ela aprendeu na universidade, somente ao longo do tempo e com o dia a dia mesmo na prática foi aprendendo a lidar com a escola e com os alunos. Além disso, um particular na fala dessa professora trata-se das suas inúmeras angústias sobre o fato da universidade não preparar o professor para lidar com as questões da sala de aula. E, por várias vezes, menciona os inúmeros conflitos, confusão em se sentir perdida devido à falta de preparação para o desempenho na prática docente.

Além disso, semelhante à fala dos professores anteriores, a professora menciona que, por falta de condições financeiras, teve que começar a trabalhar cedo como professora, antes mesmo de terminar a graduação, o que para ela foi o que ajudou a saber lidar com a sala de aula. Notamos que os professores sempre se referem a uma “exaustão” pelo fato de ter que estudar e trabalhar ao mesmo tempo, sempre se referindo a origem da sua família como sendo da classe menos favorecida. Outro fato importante no momento da entrevista com a professora Amanda trata-se das várias vezes que ela retoma o tema da violência e do seu trabalho na escola, na tentativa de minimizar as ações de conflitos na escola. Como trata-se de uma escola situada numa localidade em que as pessoas consideram de risco ou periférica, constantemente a professora referia-se à escola como um espaço de intensas brigas de gangues e entre os jovens.

Então, a professora sempre se referia a sua participação em projetos e políticas dentro da escola, que serviam como uma espécie de instrumento para tentar minimizar essas ações. Uma semana depois da entrevista, o vigilante da escola, funcionário de uma empresa privada terceirizada, foi alvejado com tiros logo pela manhã, às 7h, na escola, conforme noticiado pela imprensa local¹¹. Voltei à escola nesse dia para perguntar sobre

¹¹ Quarta-feira, 28 de março de 2018.

Vigilante é baleado dentro de Escola em Campina e tem arma roubada. Assaltantes, na fuga, roubaram uma moto; em outro caso agricultor é baleado no peito. Um vigilante de 25 anos de idade foi alvo de uma tentativa de latrocínio por volta das 07h00 desta quarta-feira (28/03) dentro da escola X, nas Malvinas em Campina Grande. Dois ladrões não tiveram a menor dificuldade para pular um muro e entrar na frágil estrutura física do estabelecimento. O prédio abriga hoje duas escolas estaduais (Absurdo!). Assim que avistaram o segurança, anunciaram o assalto e exigiram um revólver. Quando a vítima foi retirar a arma,

o acontecido e ninguém quis comentar, disseram que não sabiam de nada, visto que, nas escolas públicas, parece imperar a lei do silêncio ou do “não sabemos de nada, não vimos nada”.

5.1.6 Entrevista com a professora Maria, da disciplina Biologia: “Ser professor foi por falta de opção, eu queria mesmo era Medicina”

A entrevista a seguir é da professora Maria, de Biologia, que possui duas matrículas e que trabalha cerca de 40 horas-aula semanais numa escola situada na zona oeste da cidade. Com 9 anos de sala de aula, a entrevista durou pouco mais de vinte e oito minutos. Essa professora também teve sua entrevista previamente agendada de acordo com a sua disponibilidade para a conversa. Assim como as entrevistas anteriores, pedi que a professora falasse um pouco sobre sua trajetória docente e ainda sobre sua escolha em ser professora. E, logo inicialmente, a professora vai dizer que não era a sua profissão mais sonhada ou que “não estava nos seus planos ser professora”. E vai dizer que, de alguma maneira, sempre gostou das Ciências Naturais desde seus estudos na infância ainda e adolescência, e o seu sonho de escolha foi Medicina. Mas, ao prestar vestibulares algumas vezes e não passar, optou pela licenciatura em Biologia e, depois de um tempo que ela entrou em sala de aula, é que percebeu ter a chamada “vocação”.

Dando continuidade à temática, a professora com certa impaciência, vai dizer que, na verdade, foi o que ela pode optar, tanto pelas reprovações nos vestibulares como a falta de oportunidade de poder fazer algo “melhor”. Percebemos, a partir daí, uma contradição no que a professora remete como vocação, que nasceu para executar tal exercício e, ao mesmo tempo, o fato de dizer que é o que tinha para optar. Nesse momento, coloca a docência como último caso ou até mesmo falta de opção, a professora não fala abertamente desse modo, mas deixa implícito nas entre linhas da sua fala. Com uma fala bem semelhante à da professora de Língua Portuguesa, Amanda, ela também vai dizer que é muito diferente a sala de aula de tudo que aprendeu na universidade. “Parecem dois mundos contrários e avessos” (MARIA). Já que, para ela, a escola pública ainda é carente de muitas coisas, desde a preparação dos profissionais até mesmo a parte material.

um dos criminosos atirou. O disparo atingiu a cabeça, mas sem gravidade. Depois de atirar e roubar o rapaz os ladrões roubaram uma moto nas proximidades. O veículo pertence a um jovem que se dirigia para centro. Nesta quarta, não houve aula. Disponível em: <https://www.renatodiniz.com/2018/03/vigilante-e-baleado-dentro-de-escola-em.html>. Acesso em: 28 de mar. 2018.

Na escola pública as carências são imensas é falta de livro didático, é falta de estímulo dos estudantes, **é um planejamento familiar que a gente ver que eles não tem e eles acabam trazendo isso para a sala de aula nas atitudes deles são muitasss....** dificuldades que quando a gente esta na graduação a gente imagina que vai existir, mas não imagina que vão ser tantas na prática é bem mais difícil por isso que eu digo que é uma vocação só permanece quem realmente gosta porque se a gente for botar na balança tem mais dificuldades do que facilidades (MARIA).

A fala da professora nos deixa entender que o fato de os jovens não terem um planejamento ou acompanhamento familiar é uma das carências e preocupações da escola pública. Segundo ela, são tantas as dificuldades que, durante a graduação da licenciatura, não se consegue compreender, apenas o exercício da prática que vai dar a dimensão da realidade. Afirma que só quem permanece na profissão é quem gosta, já que são mais as dificuldades do que as facilidades. A professora também menciona como uma lamentação que é o fato de que ter duas matrículas e ter que se dedicar intensamente à escola não permite que ela possa preparar adequadamente as aulas. Diz a professora “a pessoa precisa ter duas matrículas, dois empregos ou outros vínculos para pode sobreviver como professor e isso não é bom para qualidade de ensino, deixa lacunas nas atividades” (MARIA). Nesse depoimento, notamos a crítica da professora ao fato de ter que pegar muitas horas, baixando, assim, a qualidade do ensino.

Se eu tivesse uma matrícula eu ia dizer que era uma carga horária ótima eu ia dar 20 horas esse ano eu tenho 40 horas, esse ano eu estou com 20 em cada matrícula, mas eu já cheguei a dar 50 porque eu peguei dobrás em uma matrícula e na outra. Esse ano eu estou com quase 40 eu acho muito para mim, mas financeiramente eu não posso deixar uma matrícula para fazer um trabalho até melhor eu queria ter só uma matrícula, trabalhar só um turno, mas infelizmente professor não se pode dar esse luxo, nós temos vários empregos nos temos **uma carga de trabalho grande não pelo que eu faço na escola em si, mas pelo tempo que eu perco em casa preparando aula para fazer uma coisa diferente para fazer uma atividade diferente, para elaborar uma prova melhor elaborada, mais contextualizada, perco muito tempo fazendo isso então eu me vejo sobrecarregada pelo tanto de coisa que eu levo para casa e não tanto pelas 40 horas.** Já trabalhei em escola que era difícil até usar data show aqui nessa escola não é mais fácil (MARIA).

Desse modo, a professora vai dizer que seu ritmo de trabalho é intenso o que lhe deixa exausta. Além disso, as atividades domésticas, de dona de casa também lhe deixam sobrecarregada. “porque também sou dona de casa, sou mulher e eu preciso dos meus momentos e eu tenho dois trabalhos né, para o estado eu sou duas pessoas, então é bem

intenso... é bem intenso...” (MARIA). Assim como a professora Amanda, Maria também se diz exausta por acumular atividades domésticas, o que também dificulta seu desempenho como professora na escola. Mesmo não sendo o foco da tese, notamos que as mulheres são as que mais mencionam esse cansaço. Mesmo diante de carga horária intensa, a professora diz saber lidar com essa questão, mas que não leva atividade para casa de forma alguma, tenta fazer as atividades da escola na escola, procurando o máximo ter “paz” nos finais de semana. Dessa forma, a professora vai dizer que, na sala de aula mesmo durante as aulas, enquanto os alunos estão fazendo as atividades, aproveita esse tempo para poder corrigir atividades, provas e faz de tudo para deixar na escola e não levar para casa. Além disso, alega que o pior período do ano é o segundo semestre, mais especificamente, entre novembro e dezembro, período em que se sente totalmente esgotada e sente também muito mais a pressão dos alunos por estarem cansados também, diz a professora. A fala da professora, mesmo nos dizendo que ser professor é “vocação” que gosta do que faz, ela só elenca eventos negativos da escola ao associar a docência a sua escolha profissional.

5.1.7 A entrevista com a professora Eva, da disciplina Língua Inglesa: “Me tornei professora de inglês por ser uma língua que comecei a aprender desde os seis anos”

Essa entrevista foi com a professora Eva de Língua Inglesa, com a idade de 33 anos e com cerca de 14 anos de sala de aula na escola pública, a professora vai nos contar um pouco da sua trajetória como professora. Primeiramente vai dizer que ministra aula tanto na escola pública, como na rede privada de ensino.

Quando questionada sobre a escolha pela profissão, ela vai dizer que escolheu Inglês pois desde os seis anos de idade estudava a língua e se identificou. Mas, antes mesmo de ser professora, começou inúmeros cursos como Engenharia, Psicologia, mas não chegou a concluir, pois via que não tinha interesse. Com mais de 40 horas-aula semanais, a professora diz que seu ritmo é intenso, mas que sabe muito bem administrá-lo. Em seguida, vai dizer que gosta da atual escola a qual leciona pelo fato de a diretora ser rigorosa com os alunos o que impõe respeito e controle. Essa fala da professora nos retoma o pensamento de Foucault (1999) em que o controle e a vigilância dos corpos nas instituições modernas é um ponto marcante. A professora parecia valorizar essa postura e afirma:

Quando comecei a dar aula era em escola de periferia, dentro de uma periferia que tinha roubo, que tinha tráfico de drogas e que realmente a questão da violência era surreal, era extrema por que sempre eu via aluno chegando dizendo que o pai tinha sido assassinado, vi aluno que tomou tiro e perdeu o braço, perdeu a visão, isso tudo por conflito de tráfico. Entendeu? Então, em casa mesmo, por não trabalharem para levar algo para casa e/ou por não pedirem dinheiro eram espancados. **Então, nessa escola que trabalhei eu vivi muita violência, mas nesta que estou atualmente, não existe isso dentro da escola, pelos menos dentro da escola a direção é bem rigorosa e destemida.** (EVA).

A professora Eva atribui o controle da violência e dos conflitos na escola à rigorosidade da direção. Como vimos, relata muitos eventos de violência já vistos por ela em outras escolas em que trabalhou. A professora atribui estar no “céu” com uma escola em que o controle é mais intenso.

Assim, com uma carga horária que, segundo ela, começa às 7h da manhã e vai até próximo às 10h da noite, se diz um pouco cansada, mas alega ser necessário para pagar as contas. Para a professora, o salário do professor é insuficiente, o que o força a ter que ministrar aulas em vários lugares com uma carga horária intensa, o que, segundo ela, baixa a qualidade do ensino na rede pública.

5.1.8 Entrevista com a professora Mariele, da disciplina Sociologia: “A licenciatura foi a única opção, eu não tinha escolha”

A entrevista com a professora Mariele, de 42 anos, durou cerca de 40 minutos. Ela ministra aulas numa escola situada na zona sul da cidade de Campina Grande-PB. Com 6 anos de docência e com um total de 28 turmas de Sociologia, a professora já inicia sua fala dizendo que precisa ficar em 3 escolas para poder ministrar suas 20 horas-aula semanais, já que à disciplina Sociologia é dedicada apenas uma hora aula em cada turma de Ensino Médio, por semana. Ao ser questionada sobre a escolha da sua profissão, vai dizer que a opção de ser professora foi por conta das péssimas condições financeiras da sua família, que só a permitia mesmo pensar numa licenciatura. Veja que assim como as professoras Amanda e Maria, a professora Mariele também retoma o fato de ser da classe menos favorecida e, por esse motivo, a licenciatura foi sua única opção. Sendo que a professora se iniciou na sua carreira docente com a chamada Educação Infantil e só depois surgiu a oportunidade de fazer outro curso para poder ministrar aulas no Ensino Médio e foi assim que se tornou professora da disciplina de Sociologia na rede pública estadual.

Dando continuidade, a professora vai citar como uma dificuldade o fato de, somente no Ensino Médio, ela possuir cerca de 700 alunos e, para poder avaliar, corrigir atividades, ela diz sofrer bastante. Em seguida, alega que o segundo semestre do ano é o pior momento para ela já que se sente esgotada e exausta devido à quantidade de atividades a serem cumpridas, já que ela ministra aulas também no município com o ensino infantil.

Me sinto cansada fisicamente... em termos de cansaço físico mesmo, porque são muitos alunos, **tem dia que eu dou 16 aulas por dia eu chego extremamente cansada o pé, dolorido, o corpo dolorido, falo demais a voz é quase não sai mais chego no final da última aula cansada fisicamente...** acho que quando vai chegando o final do ano né que é aquele período mais... eu acho dois momentos interessantes no ano letivo o início do ano que se inicia com todas as expectativas e o final que é de você fechar não me sinto tão estressante mas o mês de setembro é o pior período que tem é justamente o final do terceiro para o quarto bimestre que os alunos já estão cansados e eles já estão sem querer mais... **eu fico pensando em metodologias que vá aliviando sem puxar demais eles não aguentam, puxar aquilo que o aluno não pode mais dar.** Então, quando você aprende isso você começa a fazer aquilo que eles podem fazer... e aí não é tão cansativo não... mas o dia a dia no geral cansa muito... (MARIELE).

Na fala da professora, são perceptíveis questões que foram colocadas por Codo (1999) sobre a exaustão e o cansaço físico que pode levar o professor a uma depressão ou até mesmo a uma síndrome de Burnout, que é o esgotamento físico e mental. Doença que, segundo o autor, tem acometido muitos professores no Brasil. Além do cansaço que a professora sente, ela também reconhece que os alunos já se sentem esgotados no final do ano, o que cobra mais dela em relação a criar ou pensar em metodologias que possam facilitar o aprendizado da disciplina, sem estressar ainda mais os alunos, o que confessa a professora ser um grande desafio. Além disso, ela também coloca a extensão da casa e dos trabalhos domésticos como mais um acúmulo de carga que faz com que ela descanse menos, como já bem colocado pelas professoras Amanda, Maria e Eva.

Tanto a professora Mariele, como também o professor Walter, apresentam as mesmas questões e angústias em relação à disciplina já que, por ter uma carga horária que é mínima, acabam tendo pensamentos semelhantes sobre o cotidiano escolar e do trabalho docente.

5.1.9 Entrevista com o professor Walter, da disciplina Sociologia: “Ser professor é ter mil e uma utilidades”

O professor Walter, de Sociologia, com a idade de 36 anos, possui cerca de 6 anos de sala de aula na rede pública do Estado, em Campina grande, seus relatos partem de uma escola situada na zona leste da cidade, num bairro considerado periférico. A entrevista também foi previamente agendada de acordo com a disponibilidade do horário do professor. Primeiramente, o professor disse que possui 20 horas-aula, o que equivale a 28 turmas, sendo que, no total, são mais de 900 alunos para que ele dê conta. Ao ser questionado sobre a escolha pela profissão docente, ele vai dizer que, ao terminar o Ensino Médio, não tinha a mínima noção do que fazer por falta de orientação familiar, pela falta de instrução escolar da mãe, mas que, depois de estudar um pouco mais e fazer cursinhos, escolheu ser professor e, assim, resolveu se dedicar e, aos poucos, foi gostando. Assim como a professora Amanda e a professora Maria, Walter vai dizer que o que ele aprendeu na universidade praticamente em nada lhe serviu em relação a “como lidar com o cotidiano escolar”.

A minha experiência como professor é que ser professor é ser mil e uma utilidades, **já tive que ser enfermeiro psicólogo, contudo eu não falo isso de forma desesperançosa e nem achando isso ruim, pelo contrário eu acho que essa tua pergunta ela é uma pergunta difícil por que antes da gente pensar isso a gente deveria pensar a escola**, para definir o que o professor deve fazer ou como deve fazer a gente deveria repensar a escola né, ser professor hoje é difícil pela precarização do trabalho docente, pelos desafios de uma escola que dependendo da comunidade a qual ela esteja inserida a gente sabe que cada escola um mundo uma realidade, então o papel do professor vai variar muito de acordo com todas estas questões inclusive com a sua formação é eu vejo que se a gente tivesse oportunidade de fazer uma escola plural no sentido mais pleno que possa existir dessa palavra, ou seja, uma escola que esteja ali para atender o aluno não somente para o mercado de trabalho, mas uma escola que pudesse ser sensível as necessidades da comunidade e dos estudantes, aí o professor vai ter uma série de papéis (WALTER).

O professor fala dos variados papéis que exerce como professor, mas, em seguida, diz que deveríamos mesmo era repensar a escola que, segundo ele, deixa muito a desejar em termos de compreensão do universo e da realidade do sujeito. O professor refere-se a esse tema por estar numa escola em que existem altos índices de violência e, sendo assim, esse panorama que é externo à escola acaba afetando também a escola que, segundo ele, ainda é muito distante dos interesses da comunidade. Uma particularidade apresentada

pelo professor e que se difere da alegria da visão da professora Eva é o fato do controle da escola, o professor não acredita que aparelhar a escola, punir e vigiar constantemente seja o remédio para os conflitos existentes na escola. O professor afirma que ser mais próximo do aluno e da sua realidade hoje em dia é um grande ponto de partida para uma educação de qualidade e uma escola agradável.

Um particular dessa entrevista é que o professor por não estar na fala dos professores pareceu mais livre e aberto para poder falar inúmeras questões sobre a sala de aula, sua relação com a gestão e outras questões mais gerais da escola, sem o medo da vigilância constante nas falas, tanto por parte da direção, como dos inspetores e até mesmo do entra e sai da sala dos professores. A escola referida pelo professor trata-se de uma escola de tempo integral que vem sendo implantada na cidade e que tem sido uma tendência para manter tanto o professor como o aluno o dia inteiro na escola, segundo o professor seria um tipo de “cárcere legitimado pelo Estado e apoiado pelas famílias” e faz duras críticas a esse modelo, alegando ser precário e insuficiente para as nossas condições reais de vida.

Esse modelo de escola mencionado, segundo o professor, é ruim por inúmeros motivos, a começar pelo fato de que muitos professores faltam, seja por doença ou outros motivos e eles que estão na escola acabam substituindo esses professores faltosos e que, muitas vezes, se sente sobrecarregado. Outra angústia vivenciada pelo professor e que ele faz questão de partilhar trata-se dos eventos que acontecem na escola e que os professores só eram comunicados sem que pudessem contribuir ou intervir, ficando encarregados de levar os alunos, às vezes até nos seus próprios carros, sem nenhuma contribuição por parte da gestão e nem da regional de ensino. Essa foi uma das questões mais colocadas pelo professor como uma imensa dificuldade, o que nos faz lembrar a fala do professor Erick sobre a falta de comunicação, parceria e união, o que prejudicaria e muito a qualidade do ensino na rede pública.

5.1.10 Entrevista com o professor Nelson, da disciplina Educação Física: “Servi ao exército e gostei das questões relacionadas ao corpo”

A entrevista com o professor Nelson, de Educação física durou aproximadamente 30 minutos. Com a idade de 45 anos, o professor disse possuir 10 anos de sala de aula na rede pública do Estado. A escola a qual esse professor pertence está situada na Zona Sul, também considerada por ele e por outros professores como uma escola em zona de risco

devido à violência do bairro. A nossa entrevista inicialmente iria acontecer na sala dos professores, porém, o professor me pediu para procurarmos uma sala de aula vazia para que ele pudesse contribuir com a entrevista da melhor forma. Esse pedido do professor pareceu bem peculiar, já que notei nas demais entrevistas, quando realizadas na sala dos professores, que os entrevistados pareciam se sentir coagidos pela vigilância e observação constante, tanto da direção da escola, como por inspetores e até mesmo os colegas professores. Então, o professor disse não se sentir à vontade para responder às perguntas na sala dos professores e saímos a procura de uma sala de aula vazia para que pudéssemos conversar. Chegando à sala vazia, o professor disse se sentir mais confortável para falar. Diante disso, compreendemos que, em todas as escolas as quais os professores foram entrevistados, o controle e a vigilância parecem ser uma constante, o que intimida e causa certo receio nos professores.

Desse modo, demos início a nossa entrevista e, ao ser questionado sobre a escolha da profissão docente, ele vai dizer que, pelo fato de ter servido ao exército, acabou escolhendo Educação Física, esse seria o motivo principal, vejamos que, tanto ele como o professor Jean, de Biologia, mencionado no início deste tópico, trabalharam no exército e tiveram interesse depois pela docência, por acreditarem que seria uma profissão com que eles teriam afinidade. O mais interessante é que na fala dos dois remete-se à admiração à questão da disciplina e do rigor, que também se assemelha ao exército e ao formato da Escola.

Eu fui militar né.. Eu servi o exército e ao sair do exército é ... Consequentemente, terminei aquela parte do Ensino Médio e me envolvi com aquela parte do corpo, a questão da disciplina, organização tudo isso me interessava, então me voltei a estudar educação física... Que também se assemelhava demais por conta dos exercícios por tudo isso, a princípio ao entrar na universidade busquei a licenciatura, muitos queriam apenas o bacharelado, mas eu não fui mesmo para a licenciatura (NELSON, grifo nosso).

Em seguida, o professor disse que se identificava com tudo que envolvesse o corpo das pessoas, com a disciplina, e foi a partir daí que escolheu a licenciatura. Por fim, o professor, ao recordar sua trajetória acadêmica na universidade, lembrou de um grupo de estudos que frequentava a parte dos estudos mais gerais e que, segundo ele, foi fundamental para o seu preparo enquanto professor. Já que ele vai dizer que poucos eram aqueles que se preparavam para uma licenciatura na Educação Física ficando os alunos em grande parte dedicados ao bacharelado. Portanto, assim como os professores Amanda,

de Língua Portuguesa, Maria, de Biologia, e outros, afirma que a “universidade não preparou para ser professor de fato, para lidar com o cotidiano escolar”. Deixando inúmeras lacunas na sua formação. Só mesmo na prática do cotidiano escolar é que ele foi aprendendo a lidar com os alunos e com a Escola em termos mais gerais.

O professor Nelson apresentou um particular que é típico dos professores que ministram a disciplina de Educação Física, que é o fato do contato dele com os sujeitos que ficam nas quadras ou ginásios das escolas, que, segundo ele, são alunos e indivíduos que estão na mediação entre o tráfico de drogas, os alunos e a comunidade.

A escola ela passa a ser um ambiente com muitos conflitos seja de aluno com aluno, seja de professor com professor ou mesmo aluno professor, é importante ter muito cuidado com isso. **Por exemplo, quantos colegas meus já foram ameaçados de morte devido trabalhamos com o esporte e estarmos sempre no ginásio e de algum modo aconselhando os alunos a sair do mundo das drogas é nosso papel, num é? Mas isso tem um preço sabe e eu verdadeiramente sinto medo (NELSON, grifo nosso).**

Para o professor, esse é um dos grandes dilemas enfrentados pelos professores dessa área, já que, de acordo com ele, ficam entre “a cruz e a espada” já que querem incentivar o esporte para que o aluno não se envolva no crime, mas também sentem medo pelas ameaças e coerção por parte de gangues que usam alunos como “foguetinhos” para a distribuição de drogas. Além desse fato importante mencionado pelo professor e que merece uma atenção e reflexão, está também a desvalorização e o preconceito que o professor sente em relação à disciplina dele, diz ele ouvir dos próprios colegas, “Educação Física é a disciplina da brincadeira, ou seja, ninguém leva a sério muitas vezes até mesmo os alunos, por ouvirem tais críticas”. Vejamos, nesse instante mais uma temática importante que é a questão do próprio bullying entre professores que parece ser recorrente nas escolas.

Portanto, as falas dos professores sobre suas trajetórias profissionais estão muito relacionadas umas com as outras. A escolha pela profissão docente, em grande parte dos entrevistados, veio como uma segunda opção. Isso, de algum modo, já nos indica um caminho permeado de insatisfações, já que a profissão docente requer do indivíduo diversas habilidades em que perpassa o reconhecimento da profissão e ainda questões de identidade profissional. Percebemos que uma das professoras diz que queria “ser advogada, por achar a profissão bonita e reconhecida”, em nenhum momento, os professores entrevistados falam da profissão docente a partir dessa ideia de

reconhecimento, são sempre palavras de que a sociedade não reconhece, é preciso gostar da profissão para suportar. Enfim, é preciso refletir sociologicamente sobre o corpo docente a partir dessas questões para que se compreenda a relação entre o desempenho do seu trabalho e a satisfação profissional.

A seguir trataremos de algumas categorias pontuais acerca do cotidiano escolar dos professores, tendo em vista questões que envolvem o relacionamento com os alunos, colegas de trabalho e a escola de forma geral. Assim como, preparação das aulas, as atividades de lazer do professor e as alegrias e sentido do ser professor da rede pública Estadual na Cidade de Campina Grande-PB.

5.2 Cotidiano escolar, relacionamento e ser professor da rede pública: entre dificuldades e alegrias

Esse momento estará direcionado às falas dos professores em relação às temáticas mais centrais da tese. Encontraremos, a seguir, um misto de falas que se assemelham em muitas questões, mas que também se distanciam, são performances variadas de um professorado. Então, temas como: relacionamento com o aluno e com a ideia de juventude, aspectos da cultura escolar, assim como dificuldades e prazeres da docência foram apresentados e apontados pelos professores.

Além desses temas, notamos também falas emblemáticas, no que diz respeito, ao ser professor e aos comportamentos que são variados. Em que contexto político e social os professores estão inseridos? Como os professores se relacionam com a escola e com os que compõem a escola? Como esses professores significam a docência e o que é ser professor da rede pública de Campina Grande? Essas e outras questões serão apresentadas a partir das falas e das análises das entrevistas dos professores.

Desse modo, as categorias finais que resultaram da análise de conteúdo a que as temáticas foram submetidas nas entrevistas foram quatro, a saber: i) relacionamento com os que compõem a escola; ii) preparação das aulas e execução das aulas; iii) o lazer dos professores; e iv) alegrias e dificuldades de ser professor da rede pública.

As duas primeiras categorias irão abordar o relacionamento com o cotidiano escolar e a preparação e dedicação ao exercício da docência. Sendo a primeira categoria voltada para a exploração das questões que envolvem o cotidiano e a cultura da escola, a direção e os demais funcionários que fazem a estrutura da escola como: professores, alunos, inspetores, merendeiras, bibliotecários, entre outros. Sendo a segunda voltada

para análise da importância e a disponibilidade que esses professores têm para a preparação, elaboração e execução das aulas. As duas últimas categorias tratam de momentos em que os professores entendem como lazer e, por fim, o que dá sentido ao trabalho docente, o que dá sentido à carreira docente.

Portanto, trata-se de um momento em que coadunam falas que são analisadas ponto a ponto na intenção de compreendermos sociologicamente o ser professor, levando em consideração também as posturas que esses sujeitos adotam em relação à Escola e ao processo de ensino na cidade de Campina Grande-PB.

CAPÍTULO 6 - COTIDIANO, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIA DOCENTE NA REDE PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE –PB

Este capítulo tratará de apresentar a pesquisa de campo e as entrevistas com os professores da rede pública de ensino, dando ênfase às categorias analíticas das narrativas dos professores da rede pública, procurando evidenciar particularidades e problematizando as falas dos professores de modo a levar em consideração o arcabouço teórico que subsidia a presente pesquisa. De modo mais específico e pontual, esse capítulo apresenta falas dos sujeitos entrevistados separados por categorias e que têm suas aproximações e distanciamentos de temáticas em relação ao ser professor, ao cotidiano escolar e às alegrias e dificuldades da profissão. Portanto, partiremos agora para a imersão nas falas e reflexões sobre o ser professor na atualidade.

6.1 Relacionamento na escola com os colegas de trabalho, direção, alunos e funcionários

As estruturas e os espaços das escolas públicas são muito semelhantes umas das outras. Composta por um pátio, onde se reúnem os alunos de modo geral pois poucos professores ocupam esses espaços que são especificamente “deles”. Uma cozinha, local das merendeiras, um espaço restrito aos professores e a biblioteca direcionada aos alunos. E, por fim, a sala dos professores, ambiente que é montado para eles, mas que também, em grande parte das escolas visitadas, é o espaço para guardar equipamentos que não estão em uso, como se a sala dos professores e o “depósito” da escola fossem um lugar único. Mas, também com suas regras, pois apenas professores podem estar nesse lugar, sendo proibida a entrada dos alunos. Geralmente a sala dos professores é o lugar de reunião com a gestão escolar, avisos, mas é também o lugar das conversas como foi citado no capítulo metodológico. As entrevistas realizadas com os professores, em sua maioria, aconteceram na sala dos professores, não como uma imposição, mas previamente era perguntado ao professor se ele gostaria de falar sobre a docência e se poderia acontecer na sala dos professores e alguns aceitavam, outros não, vejamos como cada professor descreve o cotidiano e o relacionamento escolar.

Dessa forma, falar sobre relacionamento escolar, à princípio, não pareceu uma tarefa fácil já que os professores entrevistados na sala dos professores pareciam receosos para mencionar questões relacionadas ao cotidiano e à relação com os demais funcionários da escola. O professor Jean, um dos primeiros entrevistados, ao ser

questionado sobre seu relacionamento com os alunos e funcionários, diz que o ambiente escolar é razoavelmente bom. Segundo ele, consegue uma boa interação com os funcionários da escola. Diz ainda que o mais desafiante mesmo é o relacionamento com os alunos já que alguns são violentos e ainda diz sentir medo, pois a violência ocorre nos arredores da escola e, ao mesmo tempo, isso também afeta a rotina escolar. Nesse momento, sinto que ele já não se sente à vontade para falar sobre alguma dificuldade de relacionamento com os demais funcionários e com a gestão escolar, uma vez que a funcionária, que é chamada de inspetora, vez ou outra, ficava pela porta dos professores ouvindo nossa conversa. Logo, no início da entrevista ele afirma “vamos falar apenas o necessário, num é?” essa frase já deixa a informação implícita.

Meu dia-a-dia é tranquilo, tenho um círculo de amizade bom na escola é vez por outra quando há necessidade de fazer uma permuta a gente têm essa facilidade com os colegas. **O ambiente é bom em relação às pessoas infelizmente aqui a gente têm problema com a questão da segurança, é um prédio que apesar de ser Estadual é aberto**, a gente não tem (entrou um funcionário e pediu que ele adiantar a aula) muros separando o público externo (JEAN).

O professor aponta nessa fala que, no geral, o relacionamento é agradável, mas o fato de a escola parecer aberta ao público externo, isso de algum modo lhe causa desconforto. Além disso, sobre o relacionamento com os colegas de trabalho, ele vai dizer que o fato de eles poderem fazer permutas, trocas de aulas por alguma necessidade, faz do relacionamento deles algo agradável, já que, em outras escolas nas quais ele trabalhou a falta de comunicação entre os professores era um problema. Um ponto importante na fala desse professor é chamar os alunos de violentos e compreender essa parte como a mais desafiante. Então, quem são esses alunos violentos? Ele, ao mesmo tempo que atribui um cotidiano tranquilo e agradável, menciona o relacionamento com os alunos como desafiante.

Então, a quadra aqui é uma problemática, têm um pessoal que vem jogar bola aí e fazer uso de drogas, **eu já vi um pessoal aí fazendo isso do outro lado da janela, eu dando aula e tive que fechar a janela para não ver aquilo**. Então, em relação à estrutura física o problema é mais esse, é um prédio que têm a tutela do Estado, mas está praticamente entregue, porque não têm preparação segurança e um filtro do ambiente externo, qualquer pessoa entra e sai da escola (JEAN).

Além disso, menciona a quadra da escola como um dos locais perigosos e afirma ser, de fato, um dos pontos negativos da escola pública. Alega ser um descaso e um verdadeiro abandono.

Já o professor Miguel, da disciplina Física também demonstrou receio de mencionar alguma crítica sobre o relacionamento dele com os funcionários da escola, uma vez que a vigilância era constante, tanto por parte dos alguns professores que ficaram na sala dos professores, como também das inspetoras que ficavam circulando próximo. Dessa forma, ao ser questionado sobre o relacionamento na escola, ele vai mencionar o relacionamento com os alunos e vai dizer que considera bom e que, para que ele tivesse essa boa convivência com os alunos, por exemplo, ele precisava deixar eles à vontade, pelo menos por um tempo para poder iniciar sua aula. O modo como o professor se coloca ao falar sobre deixar os alunos “bagunçarem” à vontade, nos faz lembrar a pesquisa do sociólogo Dubet (1997) com os alunos da escola na qual ele, enquanto pesquisador, resolveu ser professor por achar as descrições dos professores sobre os alunos exageradas e, desse modo, se perguntava se não era uma encenação dramática por parte dos professores. Ao encarar a experiência, Dubet espanta-se com o comportamento dos alunos, segundo o autor, muito difícil ocupá-los o tempo inteiro para que eles fiquem quietos. Vejamos a seguir como o professor Miguel diz poder ter uma boa relação com os alunos e qual a sua estratégia.

Minha relação com aluno é boa, consigo lidar com todos, até mesmo, porque eu consigo criar este vínculo, de saber o nome de todos chamar pelo nome todos, todos os meus alunos eu conheço pelo nome, acho que isso já ajuda e minimiza a relação, é tranquilo é suave, eu trabalho uma coisa em relação a **convivência, eu não faço como escola militar 50 minutos para ficar parado**, eu tenho uma “interaçãozinha” com eles diferente, explico, explico, explico, paro, 5 minutos, aí nesses cinco minutos eles podem virar a sala de cabeça para baixo, então eles podem extravasar, relaxar, copiou? **Pronto, Copiei, beleza, então agora faz tua vida aí nos próximos cinco minutos não vou perturbar a vida de vocês em nada!** Não prestam atenção nos assuntos que eles estão conversando, nem se eles estivessem com fone no ouvido e se eles quiserem sair também não vai fazer a diferença não, aí eu me levanto bato no quadro (toc toc toc) aí eles voltam a atenção deles. **Mas em média essa história dos cinco minutos ou 10 minutos é deixar eles a vontade, até sair da sala as vezes que é para eles não sentir incomodados com minha presença. Isso acontece tanto no fundamental, como no médio e eu posso dizer a você vem dando resultado, não tenho nenhum aluno estressado comigo (MIGUEL).**

A partir de tal fala desse professor é possível perceber questões relacionadas ao fato de que o professor percebe que os alunos valorizam o fato dele lembrar o nome, chamar o aluno pelo nome, no entanto, e perceptível que o professor aponta o fato de deixa-los à vontade para poder brincar, “extravasar”, como coloca o professor, como algo fundamental para poder saber lidar com os sujeitos na escola. Assim, segundo o professor,

o fato de deixar com que eles extravasem as emoções e deixá-los livres faz toda diferença, para que, assim no segundo momento, os alunos possam estar mais atentos e prestem atenção nas aulas. A postura do professor é de deixar à vontade e apenas colocar o conteúdo e isso faz com que se reduza o estresse do aluno para com o professor. Então, é um professor que está apenas preocupado em colocar seu conteúdo e encerrar sua aula.

Desse modo, vai dizer que seu relacionamento com os alunos e funcionários da escola no geral é agradável. “Eu tenho uma convivência boa até por que minha mãe me ensinou, a entrar e sair de qualquer lugar, mas eu não sou de guardar rixa de professor, nem de funcionário não, tento amenizar as relações entre professor e escola para sintetizar” (MIGUEL). A fala do professor nos faz perceber que os conflitos existem, mas que ele procura minimizá-los para ter um bom relacionamento, o que, para ele, é fundamental no relacionamento da escola. Esse professor, assim como Jean, sempre baixava o tom da voz ao entrar alguém na sala dos professores e, inclusive, até mudava de assunto caso a pergunta fosse a relação entre os colegas de trabalho, desse modo, mais uma vez, notamos que os professores então sempre em constante sinal de alerta sobre a vigilância e o controle da escola.

O professor Erick, de História, ao ser questionado sobre o relacionamento com os funcionários da escola e com os alunos, responder imediatamente que os alunos são a melhor parte da escola pública, desde que, segundo ele, o professor domine o conteúdo e tenha compromisso com a escola. Essa é uma fala importante que também nos faz lembrar a pesquisa de Abramovay *et al.* (2002) sobre a importância que os alunos dão aos professores que estão preparados em termos de conteúdo e, ao mesmo tempo, aos que os incentivam para buscar um futuro promissor. Então, a fala do professor Erick remete a essa concepção de que a melhor parte da escola pública são os alunos.

Com relação aos alunos é o melhor da escola pública, até hoje eu estou aqui na prata há 25 anos, nunca tive problema por que quando os professores têm domínio de conteúdo, têm disciplina tem comprometimento com a disciplina **o aluno da escola pública** por mais que ele seja ou esteja desligado, ele percebeu (ênfase nisso) que **você tem algo para dizer para ele**. É diferente do aluno de escola privada, que o aluno de escola privada ele se sente o sabichão e as vezes, não quer ouvir o professor, na escola pública. Então, se você tem domínio, tem algo para passar para ele nessa formação cidadã, a história sabe bem disto. **É o ponto mais positivo da escola pontos negativos é a administração escolar mesmo, as mentiras governamentais, professores que tem uma relação só de intervalo, depois desaparece todo mundo, cada um tem suas atividades tem outras escolas para questão de valorização** (ERICK).

O professor, nesse momento, coloca questões interessantes de serem analisadas. Primeiramente, o fato de o aluno de escola pública ser aquele que está apto para o aprendizado e que você sendo um professor preparado e comprometido terá um bom relacionamento. Já a parte ruim da escola pública é a administração, esse professor se refere à direção da escola e à administração regional como uma farsa e uma mentira. Vale ainda lembrar que esse professor faz parte do grupo daqueles que a diretora disse que eu não deveria entrevistá-lo, desse modo, como uma pesquisadora das Ciências Sociais, a curiosidade sobre o informante foi mais forte e, talvez, nas respostas do professor possamos compreender os motivos pelos quais ela frisou tanto ser ele um informante irrelevante.

Erick retoma tais dificuldades da escola pública, mas, ao mesmo tempo, demonstra e faz elogios ao desempenho do seu trabalho com a rede pública, ao comparar os alunos da escola pública com os da rede privada, os primeiros, segundo ele, são mais receptivos ao conhecimento e solícitos. Um ponto importante mencionado pelo professor é o fato dele se sentir privilegiado por ter a oportunidade de todos esses anos trabalhar apenas com os 3^{os} anos do Ensino Médio, já que os alunos possuem maturidade e são melhores de se trabalhar do que os alunos do 1^o ano que são mais imaturos e apresentam maiores dificuldades, na sua percepção.

A fala do professor sobre se sentir privilegiado por trabalhar com os adolescentes considerados mais “velhos” já mostra a recusa dele em relação ao trabalho com os dos 1^{os} e 2^{os} segundos anos do Ensino Médio, por serem talvez mais jovens e “darem mais trabalho”. Essa é também uma das questões que merece reflexão: o fato dos professores não saberem lidar com a adolescência e muitos deles procurarem ministrar aula no último ano do Ensino Médio por ter alunos mais amadurecidos e que estão bem mais próximos dos vestibulares.

Eu ainda sou um privilegiado porque continuo dando aula desde que eu inventei de ser professor, eu comecei com quatro, cinco escolas ainda hoje ensino em três escolas. Mas eu quero manter este espírito livre. Ensino na escola x e na y nas Malvinas fora aqui, só terceiros anos. **Eu também sou um privilegiado por que eu vejo que (risos!), o meu tempo de ensino é só com os terceiros anos e hoje eu tenho certeza quando bota para eu dar aula a turma de primeiro ano, eu tenho uma dificuldade (ênfase nisso!).** Aqueles meninos que chegam do ensino fundamental com dificuldade na escrita. Aí eu estranho por que aquele menino de terceiro ano ele já chega melhor, com mais vontade, aí eu sou um privilegiado porque só ensino a terceiros anos uma turma mais madura (ERICK).

A crítica do professor vai para os alunos do Ensino Fundamental, ao dizer que eles chegam no Ensino Médio com dificuldades na escrita, mas de quem é a culpa? Do aluno ou do sistema escolar do qual esse aluno pertence? Então, a partir disso, entendemos que os professores, e não apenas Erick, procuram “se livrar” do aluno e isso acaba sendo uma das dificuldades do ensino público.

Dando continuidade, ao ser questionado sobre a relação com os funcionários da Escola, o professor Erick menciona alguns membros da direção da escola por não reconhecer o valor do professor enquanto profissional e por muitas vezes não ser tratado com respeito. Desse modo, o professor atribui esse tipo de comportamento a alguns funcionários da escola e, em um tom mais baixo, vai dizer que isso é muito desgastante e que desmotiva. A crítica central do professor reside de forma intensa e no autoritarismo da gestão escolar e ainda nos funcionários como inspetores, coordenadores e vigias que, para, eles são os “olhos das costas da direção”, tratando a todos no grito e sem nenhum respeito, afirma o professor:

[...] ainda falta saber o que é respeito. De como se comportar, se conduzir, já que dirige um corpo docente sendo de humanos né e afinal é professor. eu vejo isso! E isso acontece por imbecilidade, ignorância, eu acho que é por aí mesmo, **falta de educação, parece que o grande problema da Escola pública não estar na sala de aula, estar fora da sala de aula, no meu vê.** Por que quem chega na parte administrativa se sente dono, porque olha tu estás diretor! Tu não é diretor! Diretor é fulano de tal lá da escola privada porque é o dono, mas tu estás diretor, **é professor aí quando assume quer tratar mal mesmo, alguns né, não são todos não, eu vejo grito, grito mesmo em professor. Não dar grito em mim não porque se der vai para seu lugar.** Eu já presenciei, ridículo, ridículo, ridículo (ERICK).

Essa fala permite compreender nas entrelinhas os conflitos que existem entre a direção escolar e os professores, assim como o professor Miguel, que diz tentar se relacionar bem e apaziguar os conflitos. O professor Erick coloca como um dos problemas mais sérios da escola pública o relacionamento, muitas vezes difícil conflituoso e desgastante com a gestão da escola.

A professora Amanda, de Língua Portuguesa, ao ser questionada sobre o relacionamento com os alunos e com os funcionários da escola, diz ser bom, porém, já assistiu diversas formas de violência na escola, tanto entre alunos, como também entre alunos e professores, professores com alunos e também direção com alunos e professores. E que, segundo ela, é preciso que o professor saiba lidar essas situações e faça a política da “boa vizinhança na escola”. Assim como Miguel e Erick, a professora afirma existir

conflitos, mas que é preciso que o professor saiba lidar com isso. Será a escola o lugar de conflitos? Ainda sobre o relacionamento entre os funcionários da escola, ela afirma ser tranquilo e diz que a direção deixa livre para que se façam as atividades escolares sem intervenções maiores, já que, em outras escolas que ela trabalhou, isso não era possível. Então, a professora Amanda menciona a direção dessa escola da qual ela faz parte como boa e atribui isso como um ponto positivo.

A gente tem um bom relacionamento a diretora, graças a Deus ela nos deixa muito aberto assim para essa atividades, como por exemplo o projeto que eu falei para você, eu sempre faço algum projeto aqui na escola e ela sempre aceita, né ela aceita... falar sobre violência, falar sobre diversidade, ela não interfere na minha prática de sala de aula, inclusive quando eu preciso por exemplo, alterar o plano de ensino né que a gente entrega no início do ano aquela grade de conteúdos programáticos e que na metade do ano eu preciso alterar por que eu vejo que não dar para seguir aquilo ali naquela turma, ela aceita isso é uma parte digamos assim positiva, da educação pública por que a gente consegue fazer essa alterações que no ensino privado a gente não conseguiria talvez, mas a gente tem um bom relacionamento, em relação aos funcionários também (AMANDA).

Como percebemos, o relacionamento da professora Amanda com a escola está relacionado ao fato de a direção da escola dar mais liberdade de atuação para o professor e apoiar os projetos que eles elaboram com fins de ajudar a escola e os alunos. Percebemos que, até aqui, alguns professores referem-se aos gestores escolares como aqueles podem ajudar no desempenho das atividades da escola, desde que não interfiram no trabalho do professor, sendo contra ou mesmo perseguindo, mas por que isso acontece? Por fim, a professora, ao encerrar essa fala, diz que a relação dela com a escola, com os colegas professores é boa e que acaba que um vai, segundo ela, colaborando com a vida do outro:

A gente termina meio que se ajudando sabe quando chega um professor que já está meio que cansado já esgotado ali devido a uma determinada situação o outro termina meio que sendo esse ponto de apoio, já que a gente nem tem dinheiro, nem tempo para procurar psicólogo né, aí um professor termina sendo psicólogo do outro por que escuta... os desabafos...da profissão (AMANDA).

A fala da professora nos ajuda a compreender muitas falas já mencionadas nesse trabalho, como Codo (1999) coloca sobre os índices de síndrome de Burnout que acomete grande parte dos professores nas escolas públicas no Brasil. Refletir sobre essas questões é de extrema importância pois a qualidade de trabalho e de ensino na rede pública está também relacionada a esses fatores. Como vimos, a professora diz que, por muitas vezes,

um professor acaba sendo o apoio do outro para os desabafos referentes à profissão, já que acabam não tendo nem tempo e nem dinheiro para procurar um profissional adequado ao tratamento. E, por fim, com os alunos, ela afirma ser agradável, bom, tranquilo, sem maiores problemas uma vez que acaba construindo uma afetividade, principalmente com os alunos mais carentes. Ela considera como uma das maiores dificuldades no relacionamento com os alunos a falta de educação vinda de casa, como diz a professora, os alunos que “vêm sem limite” da casa dos pais.

A professora de Biologia, Maria, ao ser questionada sobre seu relacionamento na escola com os funcionários e demais membros, diz que hoje em dia é bem mais tranquilo, portanto, conta algumas experiências negativas com professores prestadores de serviço e também com a direção da escola. Essas dificuldades de relacionamento, de acordo com a professora, se deram pelo fato da sua chegada à escola ter ocorrido de forma desconfortável, já que teve que ocupar o lugar de uma prestadora de serviço que era de indicação da direção e isso causou mal-estar em relação à aceitação da direção da escola, sendo que as resistências foram as maiores.

[...] eu percebi que a diretora ficou triste por que na época chegaram muitos efetivos, foi na época do concurso de 2012 ela ficou triste, mas em nenhum momento ela tratou nenhum de nós mal por que chegamos para substituir os prestadores. ela nunca deu um não a gente ela não teve resistência em nos receber porque tem muitas escolas estavam fazendo com que os professores voltassem dizendo que não tinha vaga, ela não recebeu a gente bem desde começo, apenas que a gente percebeu que ela ficou triste pela perda dos outros funcionários (MARIA).

Essa fala da professora aparece de forma recorrente em outras entrevistas, mas o que foi perceptível e aparece como uma das dificuldades da pesquisa que é o receio de alguns professores em falar sobre a gestão escolar, por medo mesmo, alguns baixam o tom de voz e outros pediram para poder ir para outras salas da escola para poder falar de modo mais aberto e seguro, já que grande parte dos interlocutores eram encontrados na sala dos professores e, para alguns deles, era desconfortável falar sobre esse tema. Afirma assim a professora Maria que,

É uma boa relação no geral, a gente sabe que sempre alguém fala de alguém, mas aqui no geral é muito boa a relação eu já trabalhei em escolas que eram muitos os problemas entre os professores, muitas brigas, muitas coisas pesadas e aqui eu nunca vi isso, nenhum professor brigando com o outro diretamente quando precisa todo mundo se une se ajuda é bem bacana eu gosto por isso também eu

transferei minha outra matricula para aqui... (MARIA, em entrevista concedida à pesquisadora em 18/10/2018, grifo nosso).

Mesmo a professora mencionando algumas questões de relacionamento desagradável da escola, ela vai dizer que, na escola em que está há certa tranquilidade, mas que já trabalhou em escolas que existiam muitas desavenças e, segundo ela, coisas “pesadas”, o que demonstra as relações conflituosas que existem nas escolas públicas de Campina Grande-PB, como vêm sendo apresentado até aqui nas entrevistas com os professores.

Para a professora Eva, de Inglês, o relacionamento e a convivência entre os colegas na escola é tranquilo e, assim como a professora Maria, refere-se apenas ao início do trabalho como um momento difícil e que enfrentou uma série de problemas para poder ser “aceita” pela direção na escola, alegando ter enfrentado inúmeras resistências. Um particular na fala da professora e que não deixa de ser uma colocação relevante é o fato de ela dizer que, no horário da noite, por ter um tempo de aula mais curto, ser impossível, muitas vezes, manter um diálogo e uma parceria com os professores, já que se veem muito rapidamente e isso impossibilita o relacionamento com os colegas da escola.

Me dou bem, é tranquila a relação, só no turno da noite é mais complicado o contato, mas nos damos bem mais complicado porque a aula só dura 40 minutos então se eu saio de aula já tenho que entrar em outra devido o horário ser muito enxuto, **eu não posso perder tempo literalmente conversando com colega meu de trabalho para os alunos não terem prejuízos entendeu, porque o horário é muito curto** (EVA, em entrevista concedida à pesquisadora em 26/04/2019, grifo nosso).

Já sobre o relacionamento com os alunos, ela vai dizer que é muito bom e que se sente mais que professora, uma amiga deles, uma vez que ela percebe a carência na vida dos alunos e acaba que se envolvendo e exercendo o papel não apenas de professor, mas também de amiga. “Eu tento ajuda-los de alguma forma e gostaria inclusive de ter mais tempo para poder fazer mais por eles e sinto que deveria dar mais atenção, mas fico entre ministrar o conteúdo e dar atenção afetiva ao aluno” (EVA).

Como eu já disse né, eu desempenho várias funções e com meus alunos eu sou muito amiga, eu sou tão amiga a ponto de aconselhar sobre vida pessoal, porque uns às vezes chegam tão para baixo e isso me preocupa, **quando eu vejo aquela criatura tão para baixo eu fico tão preocupada que eu chego junto, eles são carentes**. Positivos eu me sinto amiga deles e isso é muito bom ter essa relação, as vezes eu digo assim eu sou o adulto da relação, o cabeça da relação mas **essa intimidade é boa porque a gente além da intimidade como amigo a**

gente gera uma intimidade como em sala de aula mesmo para fluir o conteúdo eles criam uma empatia para minha disciplina até por que minha disciplina não é uma disciplina que todo mundo gosta de inglês né questão de idioma eles veem como uma desnecessidade mas é eu tento criar esse ambiente amistoso justamente isso **para fazer eles enxergarem o quanto importante é minha disciplina pontos negativos o pouco tempo que eu tenho com eles, eu tenho pouco tempo com eles até porque são duas aulas semanais** você sabe que quanto menos aulas mais apertada fica a situação eu me sinto meio que quando eu estou numa sala tenho que correr para outra e o aluno vem me procura para conversar pessoalmente e eu acredito que o tempo me incomoda muito é um dos pontos negativos (EVA).

Na fala da professora, é importante situar várias discussões que até o presente momento foram travadas a partir do referencial teórico, como o fato de as experiências vividas pelo professor a partir das interações na escola, como bem menciona Larossa (2010). Além disso, o fato do envolvimento do professor com os alunos também aparece na fala do professor Miguel, Erick e da professora Eva como também carentes e mais acessíveis. A professora ainda alega que gostaria de ter mais tempo com os alunos, não só para ministrar conteúdos, mas para poder conversar e interagir sobre outras questões da vida, para ela isso é fundamental.

A professora de Sociologia, Mariele, também traz algumas questões que são fundamentais para o objetivo da pesquisa, como sua a fala em que vai dizer que já esteve em escolas melhores em que o relacionamento era melhor, mas para que a professora pudesse falar claramente sobre isso ela não estava no ambiente da sala dos professores (como já mencionado muitos deles sentem receio em falar sobre certas situações da escola no ambiente onde a todo o momento circulam pessoas e que podem acabar ouvindo). Desse modo, Mariele procura falar em um tom mais baixo quando se refere às dificuldades nos relacionamentos na escola.

Eu até então tenho uma relação boa de respeito, **mas a convivência não tem sido fácil estamos conflitando em termos de concepção de educação, de escola tem dado choques na gestão e aí está havendo conflitos, que aparece em formas de piadas, as vezes fico preocupada...** acho que é uma característica nossa da sociologia divergir em reuniões de planejamento, nos acordos da escola e tudo mais. Porém, que agora como eu estou num momento está havendo um direcionamento dessa críticas, **ai eu estou começando a ser vista como uma pessoa que está para atrapalhar o andamento da escola e eu fico arrasada com isso... me sinto só... eu luto muito por uma sociedade mais justa, pelo ensino pela aprendizagem de fato que tenha significado para os alunos e ai gera conflitos,** quando vem as regras, direcionamentos da escola eu não concordo, por exemplo, uma amostra da escola pedagógica que coloca os alunos para dançar e para fazer uma peça teatral sem que aquilo tenha tido um direcionamento,

uma direção um acompanhamento do professor não é aquela escola de espetáculo você vai dar um show os alunos dão um show mas em aprendizagem o que ele vai aprender então quando eu vou questionar um tipo de atividade como esse é os professores e a própria gestão acha que estou atrapalhando que eu não quero que aquilo ali ande. **Lá existe outro fator conflitante que são os contratos então o professor contratado ele fica meio que sem poder se posicionar então isso influencia e aí talvez os que concordem com isso... outros problemas são os professores que estão em época de se aposentar que já estão esgotados que já estão cansados que não estão mais motivados...** (MARIELE).

Nessa fala da professora, é possível elencar várias questões que são passíveis de discussão. A primeira parte trata-se da difícil convivência na escola, segundo ela, pode estar diretamente relacionada ao momento político vigente que tem de alguma forma afetado os professores das áreas das Ciências Humanas e, em especial, o professor de Sociologia, segundo a professora. Além disso, a professora menciona que é muitas vezes vítima de piadas, tanto por parte de alguns professores colegas, como também pela direção da escola, já que, por vezes, vai de encontro com as regras colocadas pela direção da escola.

Além disso, a professora também cita, entre outros conflitos na escola, no relacionamento, os professores contratados, já que, segundo a professora, se submetem à direção e não se posicionam com receio de perseguição e até de perder o emprego. Diante disso, a professora Mariele deixa a entender que acaba havendo uma relação conflituosa e de disparidades. Além dos prestadores de serviços citados pela professora como um dos problemas de relacionamento na escola, há também os professores chamados de “Dinossauros” (ANTUNES, 2003) um termo estigmatizado (GOFFMAN, 2002), mas que aparece na fala da professora como um dos problemas da escola pública pois, segundo ela, eles já estão cansados e desmotivados, o que, de algum modo, acaba influenciando no relacionamento e desempenho de trabalho na escola. Desse modo, segundo ela, existem muitos professores que deveriam se aposentar, mas não o fazem por medo de perder gratificações e eles também desmotivam, muitas vezes, o trabalho dos professores mais jovens.

Ainda sobre relacionamento na escola, a professora vai apresentar algumas vivências e como ela acaba se sentindo mal e sozinha na escola, o que dificulta sua vivência e relacionamento na escola. “Essa semana uma professora gritou comigo disse que “eu estava para atrapalhar a escola que ia atrapalhar o serviço”. Eu gostaria de trabalhar com professores mais jovens, os mais antigos são mais difíceis de lidar ...”. Ao

ser questionada sobre o relacionamento com seus alunos, ela menciona maior dificuldade no trabalho com alunos do 9º ano, uma vez que a disciplina de Sociologia passa a ser nova para eles, o que prejudica um pouco o relacionamento e a maneira como ela vai aos poucos tentando apresentar o conteúdo.

Além da professora Mariele, também foi possível entrevistar o professor Walter, que também contribuiu com questões semelhantes às da fala da professora. A fala do professor nos fez refletir sobre questões que são fundamentais para as interações sociais na escola. No entanto, o professor falou um pouco mais sobre as dificuldades com os relacionamentos pessoais na escola. Um particular da sua fala é o fato de ser uma escola em tempo integral, o que faz com o que eles fiquem mais tempo juntos na escola, sendo às vezes até mais que oito horas. Desse modo, por ser uma escola de tempo integral, foi possível encontrar outro local para a entrevista que não fosse apenas a sala dos professores. Assim, é perceptível a liberdade maior que o professor tem de falar sobre questões que envolvem a escola.

[...] com um mês na escola, eu era tido por alguns professores como o professor ameaçador por ser auto intitulado por eles como “comunista e ateu” só para ter um exemplo assim de experiência pessoal os estudantes é... não sabem se tratar e vezes eu repreendo em sala de aula é discurso homofônico, entre eles começam a discutir e vinham palavras homofóbicas né um chamar o outro de “gay” de “veado”, e alunos também que tem alto grau de autismo dentro da sala de aula e os outros que acabam chamando de doido esse tipo de coisa e isso me dói muito inclusive, mas infelizmente, existe um despreparo total inclusive meu né de formação que a gente acaba não sabendo lidar com isso e inclusive isso me dói e eu considero isso uma violência, e tem um que eu considero um dos piores que talvez seja a partir deles que surgem esse por que se vem uma violência comunicativa que seja da gestão ela vai refletir, se existe na gestão vai existir entre professores e alunos. Então o que é que acontece nessa escola a diretora tem uma santa dentro da sala da direção com o nome dela com o nome dela várias vezes ela chamou meninas para dando lição de moral na sala dela, que eram tidas na escola como lésbicas né, nem sei como é que professores chegam e definem orientação criticam, tem esses tipos de burburinho e aconteceu um momento em que essas meninas foram chamadas na direção e recebiam uma repreensão e até um discurso religioso não ficava escondido não era algo escondido era explicito, é a religião dos professores, religião da gestão e as ameaças a quem foge a qualquer preceito... (WALTER).

Assim como a professora Mariele, o professor Walter também informa sobre certas desavenças na escola, levando em consideração o momento inicial em que ele chega na escola. Nesse momento, notamos estigmas por parte dos professores, da direção

e até mesmo dos alunos para com ele ou até mesmo em relação a certas atitudes que ele tomava na escola. O professor ainda aponta alguns conflitos com a gestão que, segundo ele, é visto como um cargo “vitalício”, já que a escola acaba que sendo identificada não pelo seu nome institucional, mas pelo próprio nome, como afirma o professor. “Em uma reunião junto a terceira região de ensino, a representante da educação chama a escola a partir do nome da diretora e não pelo nome da escola e diz a escola de fulana de tal”

[...] Deixa eu te contar só um caso que foi interessante, certa vez a secretaria veio fazer uma formação com a gente e a representante da secretaria estadual de educação falava com maior entusiasmo que olha vocês tem que agradecer, **vocês são uma escola aqui privilegiada, a gente lá nem considera a escola fulano de tal, é a escola de ciclana e eu achei isso ridículo sabe porque personalizada você sabe o que é uma pessoa da secretaria dizer com entusiasmo?** Que a escola não era conhecida pelo seu nome institucional mais sim pelo nome da gestora e que a escola é de fulana então isso me chocou muito, mas para muitos professores isso não choca, eu tenho muito cuidado porque eu não posso jogar a culpa dos problemas da escola aos prestadores mas eu atribuo uma boa parte a eles. A diretora uma vez me deixou um ano com 17 aulas porque a gente não recebe completo integral para proteger um professor de geografia dela e ela meio que fez esse jogo porque se eu não der essa aula para ele eu vou ter que tirar ele daqui e depois que eu vim perceber que era um prestador dela lá e tal a outra vez também isso com um projeto indica os dela...(WALTER).

Nesse momento, o professor dá ênfase ao papel dos prestadores da escola como aqueles que, de alguma forma, causam conflitos, uma vez que se sentem diferentes por serem prestadores ou até mesmo os funcionários indicados pela direção da escola.

[...] existem muitos conflitos, eu quero fazer uma crítica pontual, por que tem muito prestador que trabalha muito bem e melhor do que os efetivos, mas tem muito prestador e tudo indicado por políticos e isso causa certos conflitos boa partes dos prestadores estão alí por que não deram certo em outras áreas e querem garantir um salário, e isso atrapalha muito a gente. Então, é quase que declarado muitas vezes os prestadores se unem querem fazer um projeto muitas vezes criticar a gestão existe essas divisões eu diria que fica muito meio a meio de professores. **Aqui existe muito corporativismo ridículo acontece coisas mais mesquinhas de tipo guardar um pedaço de bolo para um e deixar o outro sem, está entendendo, a falar mal da metodologia do outro a criticar um professor de português por que não trabalhava gramatica** como ele imaginava que era correto, você esta entendendo e ir denunciar o professor a regional e o professor depois provar por A mais B que aquilo alí era uma metodologia que poderia ser utilizada inclusive inovadora, então assim é ridículo a ponto de ter que bloquear muitas vezes professores de redes sociais, é de eu não ter um bom relacionamento de falar e sabe... eu geralmente fico dentro da minha sala e não saia nem para lanchar com eles... porque eu sei que a sala dos professores não me faz bem... e **não só**

com coisas diretas a mim mas discursos preconceituosos, professores saudosistas da ditadura militar, professores chamando aluno de “veadindo” e que “menino é o cão” mesmo, sem nem repensar sabe... (WALTER, grifo nosso).

O professor de Educação Física, quando questionado sobre o relacionamento com os colegas na escola mencionou que tem suas dificuldades, porém, notei que evitou falar mais, talvez por não se sentir à vontade com o meu questionamento. Como justificativa, ele diz que, pelo fato de os professores usarem a escola apenas como complemento de carga horária, a relação seja mais fria por terem pouco contato ou nenhum contato. E acaba tendo pouquíssima convivência na escola.

A minha relação é ótima é sempre com respeito, eu tenho uma relação boa com todos porque eu sou da pessoa que eu deixo trabalhar eu só posso intervir quando precisa e eu não posso julgar, agora se tem que ter intervenção numa instituição pública coletiva ai se perguntar minha opinião eu irei fala se concordo ou se não concordo mas que seja um ponto único se é uma instituição pública coletiva, mas nós cobramos nós pedimos mas sempre as discórdias que acontece muitas vezes é da insatisfação do funcionário naquela função e a insatisfação nem sempre passa pelo que recebe, sempre passa pela carga horária mas passa pelo estresse de convivência com muitas cabeças juntas (WALTER).

Por fim, o professor alega que conflitos existem já que são muitos professores, interesses divergentes e isso, segundo ele, naturalmente gera conflitos. Embora o professor não tenha comentado diretamente sobre as dificuldades no relacionamento com os colegas de trabalho, compreendemos que ele alega ser difícil, o que pode prejudicar as atividades da escola e o próprio ensino para os alunos, já que existe pouco diálogo na escola. Iremos para o próximo tópico com a categoria preparação das aulas.

6.2 Preparação das aulas e o trabalho docente

Ao mencionar sobre a preparação das aulas, o professor Jean, de Biologia, nos coloca algumas questões pertinentes como, por exemplo, o fato dele preparar aula para o setor privado e a mesma aula usar com a escola pública. Dessa forma, menciona certas críticas aos “colegas” que preparam aulas diferentes, já que o público é diferente. Segundo o professor Jean, porém, em nenhum momento ele mencionou o contrário de que já chegou a preparar aula para a rede pública e aplicou na rede privada. Vejamos como o professor menciona,

[...] eu dou aula em escola particular e geralmente eu associo o conteúdo, é quase o mesmo, e aí eu aproveito vou preparar por exemplo uma aula para a escola particular e eu já uso o plano para aqui, então quer dizer eu não faço distinção de uma aula que eu dou na outra escola, para da aqui, e eu acredito que também tem muito disso, a gente percebe que tem disso do pessoal que se empenha demais na rede privada e quando chega aqui é como se não tivesse importância... (JEAN).

Ao perceber tal colocação do professor, de algum modo, surge um outro questionamento sobre por que isso acontece na sua visão? Prontamente ele já responde:

Acredito que também seja pela desmotivação em relação a recurso, por exemplo o professor prepara uma aula para um data show e chega na escola não tem. Aí ele já fica meio desanimado. Mas também existem outras formas de incrementar a aula. **Eu particularmente tenho esse costume, inclusive digo isso em sala de aula, no primeiro dia de aula eu digo dou aula na escola privada a mesma que dou lá dou aqui.** A gente tem uma parcela de culpa, os professores têm uma parcela de culpa. O Estado tem? lógico mas a gente também tem porque muitos dos professores que conheço que dão aulas em escolas de nome em Campina e são concursados no Estado e dão aula que só para passar o tempo. Então, esse é um problema sério que a gente encontra também colegas meus eu já vejo essa discussão mas tem essa divergência de um trabalho que você faz numa escola privada e na pública (JEAN).

A fala do professor permite-nos perceber que um dos problemas da escola pública, é que muito dos conhecidos acabam dando uma aula melhor na escola privada do que na pública, porém, ele, de modo inicial, já demonstrou que no primeiro momento prepara aula para a escola privada e aplica na pública, não aparecendo na sua fala a atitude contrária. De alguma forma, mesmo ele fazendo certas críticas a essas posturas, sua voz aparenta dizer que privilegia os alunos de escola pública por elaborar a aula para a escola privada e a mesma usar na pública. Porém, em nenhum momento ele fala que prepara aula para a escola pública e aplica na escola privada. O professor ainda continua fazendo comparações da escola pública com a escola privada ao dizer que o mesmo livro didático que ele usava na rede privada era utilizado pública.

Eu particularmente via muito isso é eu cheguei aqui o livro de que usávamos aqui era o mesmo da Escola Privada. **Então, quer dizer que a escolha dos livros são livros bons, então são livros que usamos em outras escolas por aí, escolas privadas e não tinha porque você trabalhar diferente o livro no é o mesmo?** (neste momento ele pareceu mais nervoso e começou amassar um corpo descartável na mão que tinha bebido água) então você prepara sua aula baseado no material, no livro não tem como a gente mudar não, têm a questão do público (ele continua amassando o copo) na conversa na bagunça os meninos eles são bem agitados em relação a isso atrapalha também a aula aí a gente não vai dizer que é a mesma coisa, atrapalha um pouquinho tem a

questão disciplinar, mas é aula é aula né, tem como mudar muita coisa, você vai trabalhar com sistema digestório na escola particular chega aqui os órgãos não vão mudar né serão os mesmos não têm como você tentar fazer diferente não porque segue o mesmo padrão (JEAN).

O professor, mesmo dando muita ênfase a esse assunto, ao fato de um professor, ministrar aulas diferenciadas para a rede privada, deixa-nos entender que, de fato, o padrão de qualidade e comparativo estabelecido pelo professor parte da escola da rede privada.

O professor Miguel, de Física quando se refere à preparação das suas aulas é mais enfático e revela questões preocupantes:

Posso ser bem sincero? A última vez que preparei aula estava na universidade fazendo matemática, **depois disto eu nunca mais preparei aula. Eu vou assim cinco minutos antes abro o livro antes olho vejo o conteúdo e vou embora.** Eu acho assim que a área de exatas tem esse problema não sei se eu sou o único, mas a maioria dos professores de exatas, não preparam aula não, tem essa prática no máximo a gente dar uma olhada no livro antes e já mete a cara (MIGUEL, grifo nosso).

A colocação do professor é algo muito preocupante para o ensino público, analisando mais sistematicamente se a última vez que ele preparou aula foi quando estava na graduação, tendo 23 anos de sala de aula, se fomos analisar, ele não se dedica a estudar e preparar de fato uma aula há mais de 23 anos e dizer que para 5 minutos para poder revisar no livro e assim ministrar é uma postura de descaso para com os alunos. Além disso ele, de forma ousada, coloca os professores da área de exatas como “os que não preparam aula”. De quem ele está falando? Por que ele se coloca dessa forma em relação ao preparado da aula? A motivação do aluno em relação a um professor que percebe a docência dessa forma? É importante fazer essas reflexões para que se compreenda de que maneira a docência tem, de fato, se constituído na sociedade atual, mesmo sabendo que é uma fala em particular, mas, de fato, quantos professores não encontramos com essa postura?

Já o Erick, de História, diferente do professor Miguel, vai dizer que geralmente separa o final de semana para preparação de alguma aula. Já que ele acaba tirando a sexta-feira como folga e já começa a elaborar alguma coisa para a semana seguinte. Então, diz ele, a sexta feira eu vou preparando aula tanto para a escola pública, como para a privada. “geralmente separo a sexta à tarde e também o sábado pela manhã para cumprir com estas

atividades” (ERICK). Segundo ele, por ministrar aula nas duas redes pública e privada conseguiu “unir o útil ao agradável”

O professor Marcelo também vai dizer que sua bagagem e experiência com a sala de aula ajuda e até favorece ele na preparação das aulas, pois, segundo ele, não tem tanta necessidade de preparar muitas aulas.

Na realidade é assim como eu tenho bastante tempo ensinando aí pega já uma bagagem, que não precisa tanto ter escrito né a gente tem os planos anuais que temos todos os anos separa por bimestre, então tem mais ou menos assim o que dar para ver durante todo bimestre a concentração de aula a gente vai mediante por semana pelo plano Bimestral e separado por semanas a gente tem uma meta. Que se reúne aqui tem várias professores de matemática que se reúne e tal conteúdo, então nosso planejamento é avaliado é tal conteúdo, então nosso planejamento é avaliado desde o início ou cima disso comigo (MARCELO).

O professor de Matemática, Marcelo, alega que esse fato é tranquilo, por ter muito tempo de sala de aula e certa prática e que ele vai seguindo o plano anual e assim vai conseguindo cumprir as metas da escola e do ensino.

A professora Amanda, de Língua Portuguesa, menciona as dificuldades que ela sente em relação à preparação das aulas para os seus alunos. Ela vai chamar de sofrimento o fato de, muitas vezes, não dar conta das coisas da escola.

É aquela coisa, são 10 turmas, é uma carga horaria que se for considerar a atividade que se deseja realizar é uma carga horaria alta, por que enquanto professora de língua portuguesa eu tenho 10 turmas e aí, eu trabalho literatura, gramática e produção textual e eu tenho que tá em sala de aula 40 horas e ainda dar aulas, porém sobra pouco tempo para conseguir planejar e sobra pouco tempo para conseguir corrigir essas atividades então, é uma jornada de trabalho puxada quando você pensa em fazer um pouco mais de trabalho efetivo, contribuir mais para a formação daquele aluno, eu sofro muito (risos) sofro muito (AMANDA).

A partir dessa fala, percebemos que a professora considera o tempo insuficiente para a elaboração das atividades e preparação das aulas temáticas para a Língua Portuguesa. Uma vez que, segundo ela, a carga de trabalho é muito alta para os professores dessa disciplina e acaba trabalhando muito e o salário também é insuficiente, o que aumenta muitas vezes o desânimo. Segundo a professora mesmo diante desses obstáculos, ela ainda consegue planejar alguma coisa para suas aulas, mas, para que isso dê certo, diz ela que precisa sacrificar seu lazer nos finais de semana.

É muita coisa... é muita coisa... eu consigo planejar mas é a aquela coisa para eu dar conta disso, e aí por outras questões como por exemplo... isso me causa sentimentos de angústia e frustração... **quando você pega um final de semana e aí eu preciso escolher ou eu passo o final de semana descansando e vou curtir minha família, curtir meu casamento, eu vou brincar com meus cachorros, vou viajar ou fazer qualquer outra coisa que significaria lazer prazer, eu vou planejar minha aula, ou vou ter que corrigir uma prova, ou eu vou ter que fazer...** e isso significa a responsabilidade por que eu assumi essa profissão, eu escolhi isso, então meu aluno também não tem culpa ou não é justificável que eu entre na minha sala de aula sem ter planejado uma boa aula, não é inadmissível, por exemplo eu enquanto professora de língua portuguesa eu coloque meu aluno para ler um livro que eu não li, entendeu, e aí se eu sei que ele precisa ler àquele livro por que a gente tem uma defasagem de letramento que é absurda se você chegar numa terceira série de Ensino Médio você vai ver aluno que não sabe escrever, você tem aluno que não sabe ler e eu não posso ser omissa a isso, por que veja bem o aluno que ler decodificando o que esta escrito e você pergunta bem o que você entende sobre isso que você leu e o aluno volta a repetir o que leu... isso vem da base da educação inicial, formação inicial a gente vivencia assim um processo (AMANDA).

A professora demonstra que, muitas vezes, o fato de ter que estender o trabalho pelo final de semana com preparação de aulas e correções de prova faz com que ela se sinta cansada. Para ela, os finais de semana seriam de lazer com a família. Então, para ela é preciso que o professor estude de fato e só indique livros que ela já tenha lido e preparado aulas sobre o tema.

Já a professora Eva, da disciplina de Inglês, que ministra aula em mais de três escolas vai dizer que os finais de semana são dedicados à preparação das aulas, que, durante a semana por estar sempre em sala de aula, ela não tem tempo para a elaboração das aulas.

Eu planejo minhas aulas no final de semana eu não tenho fim de semana, no fim de semana eu só almoço fora no domingo, mas no sábado eu tiro o dia para organizar minhas atividades, elaborar as provas, **planejamento de aula e coisas da casa também, coisas domésticas que a gente não deixa de ser dona de casa,** dona de casa e professora (EVA).

Tanto a professora Amanda como Eva remetem à atividade doméstica como mais uma atividade a dar conta nos finais de semana, o que, de certa forma, as deixa mais cansadas para as demais atividades da profissão. Mesmo não sendo o foco da tese, essa é uma das falas que aparece de forma recorrente nas entrevistas realizadas com as figuras femininas, por tratar-se de sobrecarga maior das professoras ao chegar em casa e ter que administrar o tempo entre as atividades da escola e domésticas. Sendo que, na fala dos professores do sexo masculino, em nenhum momento se referem ao acúmulo das atividades domésticas.

A professora Mariele, da disciplina de Sociologia vai mencionar algumas dificuldades também sobre a preparação das aulas e do ensino de Sociologia para a educação básica II. Ao mencionar as dificuldades na preparação da aula, a professora vai dizer que a Sociologia, por ser uma disciplina com uma hora-aula, preparar aulas para essa dinâmica do tempo é um desafio. Além disso, por ser apenas uma hora-aula, para que o professor feche suas vinte horas semanais, é preciso que esse professor fique com, no mínimo, 20 turmas, o que, segundo ela, sobrecarrega as suas atividades. A professora ainda menciona as inúmeras dificuldades que se tem para poder ministrar um conteúdo adequado para os jovens, o que leva muito tempo na preparação.

As teorias que você estudou, todos os conceitos clássicos da sociologia, como fazer para dar esses clássicos a eles porque se numa aula você não tiver é não conseguir criar métodos e didáticas formas mais dinâmicas fica difícil, meu sentimento é um desafio a cada ano para fazer que chegue até o aluno esses conhecimentos, o desafio é instigante. Porém tem hora que é desanimador por que tem hora que você fica sem base se sentindo só, eu me sinto só porque na minha escola eu fico com toda escola por que eu sou a professora de sociologia a escola toda e acho que nós da sociologia somos sozinhos e solitários e a gente não se une. Eu sinto insegurança no meu trabalho faço aquilo ali e não sei se estou indo no caminho certo. Já faz algum tempo que deixei a Universidade e as vezes me sinto desatualizada do mundo acadêmico e o que eu estou fazendo será que estou conseguindo... isso causa angustia (MARIELE).

O sofrimento da professora se dá pelo fato dela não conseguir preparar todas as aulas, uma vez que, para poder organizar algo para os alunos, ela precisa separar o final de semana ou mesmo um dia na semana que seja possível para poder pensar em algum conteúdo. Diferentemente do professor Miguel, que parece nem se importar em ser “sincero” ao dizer que não prepara aula, a professora Mariele coloca a falta de tempo e a falta de um material adequado para que ela prepare suas aulas e atividades como um motivo sofrimento.

Consigno, mas não é cem por cento, não é toda aula que é planejada ou que... eu tiro o final de semana ou a segunda feira para planejar que na segunda eu não estou trabalhando, é feriado final de semana tudo mais... muitas vezes eu passo das madrugadas fazendo isso... se acumular atividades hoje mesmo estou com muitas... é muita coisa acumulada... não sei vou dando um jeito, final de semana e madrugadas vou dando um jeito (MARIELE).

A professora vai dizer que, além de usar os finais de semana, muitas vezes, precisa também das madrugadas para poder desenvolver algo para os alunos. Mas sempre acumula muita coisa para dar conta.

O professor Walter, de Sociologia, alegou que também sente dificuldade em fazer um planejamento mais efetivo e até mesmo adequado à realidade dos alunos, já que, segundo ele, é um tempo muito curto para poder elaborar, de fato, boas atividades.

Na quinta-feira que era para poder fazer esse tipo de coisa correção, era insuficiente por que como eu disse muitas vezes você é... **foram varias vezes que eu estou em um planejamento com um professor da área de humanas e eu ou outros colegas tivemos que sair para substituir um professor que faltou ou tivemos que ohh...** “vai ter um evento agora na religião vai ter que ir um professor, um aluno e o gestor, ai ahh quem vai? Tu pode ir? Né, então são várias vezes que isso acontece e sem falar que o desgaste e o cansaço quando chega em casa né eu chego na escola as 7 da manhã e saí as 5 da tarde e em outras experiências que eu tive em outras escolas eu tinha mais esse pique de chegar em casa, de jantar e depois já ir para o computador planejar aula, planejar atividades escrever, para eventos e tudo mais e eu nunca me senti tão cansado como eu me sinto hoje... (WALTER).

O professor menciona o fato de muitas vezes surgirem outras atividades extraescolares que acabam dificultando a elaboração das aulas. Menciona que isso intensifica os desgastes e o cansaço, também dificultando a elaboração das aulas para as semanas.

Já o professor de Educação Física, Nelson, vai colocar outras questões em relação a sua disciplina específica, como, por exemplo, o fato de ser muito prática e os alunos e até mesmo os professores, por acharem que o professor de Educação Física não faz nada e que estão sempre “enrolando as aulas”, diz o professor, que voltou apenas a reafirmar o que os professores já disseram.

Então os conteúdos permanecem, mas todos os anos os alunos já sabem o que vai ser dado mesmo que seja o mesmo mas para eles entenderem que há uma progressão de aprendizagem e desenvolvimento corporal de uma turma para outra... **ai eles dizem essa atividade de novo essa mesma coisa... eu posso trabalhar o ano todo só futebol, para você que não é da área o que vem na sua cabeça, esse professor vai passar o ano todinho jogando futebol?** E não é isso (NELSON).

O professor de Educação Física coloca algumas questões que são diferentes em relação à preparação das aulas por outros professores já mencionados pois, muitas vezes, ele sente-se angustiado por muitos alunos e até colegas de trabalho, achando que o

professor de Educação Física não tem importância, fazendo sempre as mesmas todos os anos.

6.3 Principais dificuldades do trabalho docente

De acordo com o entrevistado, o professor de Biologia, Jean, as dificuldades encontradas são muitas, desde a falta de um lápis para escrever no quadro, até mesmo um data-show para poder apresentar alguma imagem que é fundamental para o aprendizado. Mas, segundo ele, o professor não pode desistir diante disso, ele passa a falar sobre a esperança que deve existir dizendo que “a tendência é que a coisa dê uma melhorada”. Menciona ainda que o ensino público é carente de tudo, desde a estrutura que começa pelo prédio da escola até mesmo outras questões que são os aspectos mais humanos da escola e da família desse alunado.

A gente encontra muitas dificuldades, começando do zero: **a questão logística, as escolas são antigas, elas não estão preparadas para essa nova modalidade de ensino, a gente percebe isso com nesta escola, trinta anos depois é que vai ter uma reforma.** Então, por exemplo, estas escolas não foram feitas com uma perspectiva de um laboratório, de uma área, por exemplo, para estudo mais aprofundado e a gente sente que é bem complicado (...) por que começa da parte logística, atravessa fatores mais complicados que são os alunos, o pessoal da rede pública é carente de tudo, inclusive acho que de atenção familiar e a gente sofre um pouquinho por conta disto, mas... é a gente não vai também (pausa na fala) abandonar a profissão por conta disso, a tendência é que a coisa dê uma melhorada, no caso aqui agora vai ser construído uma escola nova com a perspectiva de laboratório com área para os alunos extravasarem também. Então, o ensino público hoje na Paraíba como um todo principalmente é carente de estrutura que vai desde o prédio até a dinâmica na escola (JEAN).

Além dessas questões, o professor aponta outras dificuldades como é a questão da segurança na escola. Diz o professor que o prédio da escola é aberto e que não existe um muro separando o público externo, o professor questiona o fato de a escola estar aberta ao público externo. Então, ele cita a quadra como um problema.

Então, a quadra aqui é problemática, têm um pessoal que vem jogar bola aí fazer uso drogas, eu já vi pessoal ou fazendo uso de drogas do outro lado da janela dando aula e teria que fechar a janela para não vê aquilo. Então, em relação à estrutura física o problema é mais esse é um prédio que têm a tutela do Estado, mas tá praticamente entregue, porque não têm preparação do ambiente externo pessoa qualquer pessoa e entra escola (JEAN).

Além disso, o professor também aponta a falta de um laboratório adequado para desenvolver as atividades referentes às temáticas na área de Biologia. Então, segundo ele, tem na escola um kit de robótica, mas ele não usa em aulas. Fora isso, diz o professor, falta material de expediente que é o básico como: papel, caneta de quadro entre outros. “[...] é inadmissível uma escola não ter papel, de vez em quando você escuta isso de um funcionário da escola da escola a gente não tem e vai ter que xerocar e trazer de fora” (JEAN).

Nesse momento, o professor demonstra um semblante de angústia em relação a esse cotidiano que ele descreve sobre falta de recursos, e que, segundo ele, são questões tão simples, mas que fariam toda diferença. Desse modo, as dificuldades encontradas pelo professor em relação ao seu trabalho é a estrutura e alguns recursos fundamentais para a logística das aulas, ele acredita que isso deva existir em toda escola pública. “Eu até brinco com o pessoal dizendo, no dia que entrar um governador que resolver o problema da educação, esse caba tem que ser levado para o céu direto por que é muito complicado você gerir a educação” (JEAN). Outra questão colocada pelo professor trata-se da evasão, já que, segundo ele, os alunos começam a frequentar a escola no início do ano e depois “somem” e não aparecem mais na escola.

Acho que tem a ver com, possivelmente com a questão familiar, eles vem começa estudando daqui a pouco some, passa um mês, dois sem vim e depois aparece. Eu acho que a escola tem responsabilidade, assim o aluno falta demais, a escola procura saber, o que foi, porque queira ou não queira, o aluno tá matriculado. Então, tem esse canal de comunicação da matrícula do aluno em relação aos pais mas vez por outra acontece isso do nada o aluno sumir e depois reaparece e a gente tenta encaixar, vê o que pode fazer, mas é complicado (JEAN).

Já o professor Miguel, da disciplina Física, apresenta outras dificuldades como, por exemplo, o número de alunos que, segundo ele, estão na escola por estar e não “querem nada com nada”. Veja a fala desse professor sobre os alunos: “muitos estão na escola e não querem nada”. Mas, lembrado que ele é o professor o qual vai dizer que não prepara uma aula desde a graduação, como os alunos percebem este professor? Como despertar interesse de um aluno quando professor não prepara a aula? É importante repensar sobre essas posturas e somente culpar o aluno sobre o desânimo e a desmotivação.

[...] nos temos uma sala com 30 alunos, onde cinco não queriam nada, isso a cinco dez anos atrás, hoje nós temos uma inversão. **Temos uma**

sala de alunos onde cinco quer alguma coisa os demais não têm interesse nenhum, então esta é a única parte complicada, negativa da escola. Também as escolas sucateadas isso atrapalha muito não temos recursos para melhorar nossas aulas e pelo fato de precisarmos dar mais do que o dobro da nossa carga horária também as nossas aulas não saem tão bem preparadas (Miguel, grifo nosso).

Além das salas de aulas, segundo ele, cheias com poucos alunos que querem alguma coisa de verdade, as escolas ainda com poucos recursos, também dificulta o trabalho docente. Além disso, a própria carga horária também dificulta o bom desempenho do professor na elaboração das aulas. O professor ainda vai dizer que todas essas questões sobre a escola, associadas às péssimas condições sociais em que vivem os alunos, também dificultam a aprendizagem. Mais uma vez o professor dá ênfase não somente à escola sucateada, mas também as péssimas condições em que vivem os alunos.

Nossas escolas vivem de limitações é um pincel que não têm, um laboratório decente que não têm, é um material didático que também não tem, é aluno faltando livro que infelizmente tem porque a gente entrega e eles deixam em casa, então não funciona, são muitas as limitações, mas tem que trabalhar com o que temos em mãos, o que temos em mãos é insuficiente, mas é o que temos não dar para ir mais longe do que isso (MIGUEL).

Já o professor de História, Erick, apontou algumas questões que são pertinentes de serem analisadas como: a falta de recursos, a falta de funcionários qualificados (inspetores, supervisores, coordenadores) para lidar com a indisciplina e com questões mais gerais sobre a escola.

As dificuldades são imensas, uma escola se constrói com mecanografia também, uma boa mecanografia, dar a qualidade ao professor de português, na elaboração das atividades, não temos aqui uma máquina de xerox. Para xerocar é desses detalhes que se constrói uma escola. Você chega numa escola disciplina, chega na escola pública cadê os inspetores, quais são os inspetores preparados para saber enfrentar a indisciplina? **Nós temos aqui funcionários semi- analfabeto. O problema da escola pública é a questão da valorização, respeito, as coisas no Estado, na escola público tá muito, muito [...]** para dar uma satisfação (ERICK).

O professor Erick retoma um tema importante ao mencionar a precária condição da escola pública que passa por questões materiais, mas também o próprio trabalho humano que é desqualificado para o trabalho, o professor cita que falta respeito ao que é público de fato para que se melhore a qualidade. Essa fala é bastante pontual do professor, mas reflete a escola pública, uma vez que, não são apenas os alunos que tratam com

descaso, são os professores, gestores e demais funcionários. O fato de se contratar profissionais “semianalfabetos” para fazer parte da escola é um problema que merece ser analisado já que, nesse momento, concordamos com Codo (1999) ao afirmar que a equipe que faz parte da escola é também responsável pelo ato de educar.

A professora Amanda, de Língua Portuguesa, apresenta outras questões sobre o trabalho docente que merece atenção, mesmo que de alguma forma, venhamos a pensar ser um tema já bastante mencionado em outras pesquisas, como é o fato da grande lacuna existente entre o que se aprende na graduação e a prática da sala de aula. A professora vai mencionar que se sentia sempre confusa insegura e cheia de conflitos no início da prática docente, por não saber lidar com o dia a dia da escola.

Você tem o desejo de fazer o correto, mas a universidade, ela termina se perdendo quando ela não consegue induzir como fazer esse correto, e aí nas disciplinas de estágio, por exemplo, quando a gente consegue ter essa interação entre conhecimento teórico e conhecimento prático, **às vezes fica perdido por que a gente não tem um acompanhamento do professor da universidade, que era quem deveria está ali para ver a pratica e dizer**, por exemplo não essa sua conduta aqui não é tão adequada você deveria fazer de outra forma, entendeu, então termina sendo conflitante demais e ai você vai se sentindo perdido a minha estratégia foi tentar estudar mais, sempre que eu me via numa situação dessa conflitante, eu tentava ler mais para ver se eu conseguia entender como eu deveria fazer (AMANDA, grifo nosso).

Na fala dessa professora fica clara a angústia que sente sobre a discrepância entre teoria e a prática como uma das dificuldades encontradas por ela na docência. Ainda acrescenta e retoma outras questões como, por exemplo, o trabalho com o aluno de fato, a dificuldade de trabalhar com um aluno que vem de uma família, que, segundo ela, não ensina “valores mínimos”, sem “princípio moral algum”.

Eles deveriam vir de casa, só que a gente recebe alunos que não fazem noção do conceito de ética, de moral e ai o professor ele termina deixando bem... de lado a ideia de ser formador do conhecimento, digamos assim academicamente falando e a gente acaba assumindo essa responsabilidade de formar integralmente o indivíduo, levando inclusive valores e princípios que deveriam ser domésticos e que não são a gente termina ficando também a cargo do professor, então além de dar conta de tudo aquilo que deveria ser meu papel enquanto professora de língua portuguesa eu também sou responsável direta pela formação integral desses indivíduos que as vezes chegam sem o menor assim sem a menor noção de princípios morais, de princípios éticos de valores, assim sabe, quando a gente fala de valores socialmente falando

né, eles muitas vezes chegam sem nada disso e o professor termina então tendo que desempenhar esse papel (AMANDA).

A professora menciona a falta de apoio dos familiares dos alunos como uma dificuldade, como aqueles que deveriam cumprir com o papel de “promotores de valores”, para que, assim, o professor exercesse seu papel de ensinar de fato conhecimentos científicos e não ensinando ao aluno valores éticos que, segundo ela, deveriam se aprender em casa.

Quando tem pais que ver nosso trabalho, como um trabalho conjunto é mais fácil sabe, a gente já chega com alunos que tem uma certa noção, com a ideia de ética, respeito, moral de comportamento, de educação, a gente vai chamar um pouco de educação doméstica sabe, esse aluno ele já vem com alguns valores de casa e ele sabe que na escola, ele vai desenvolver habilidades na escola que ele sabe que em casa eles não conseguem desenvolver, o que seria a princípio o meu papel enquanto professor, então aí a gente tem uma perspectiva de paz, mas a gente tem também por outro lado pais que veem a escola como o lugar para o filho ficar, para não ficar perturbando em casa, aí é complicado, você trabalhar com alguém que pensa dessa forma ou então é complicado quando o pai chega e diz assim professor:- eu não sei mais o que fazer com essa criatura, resolva. Aí agente fica assim se você que é pai, que passa no mínimo 20 horas ou pelos menos 18 horas do dia da semana com essa criatura, já que na escola ela só passa 4 horas e na educação básica do fundamental e o médio a gente não tem uma manhã toda com o aluno a gente tem 45 minutos, uma hora e meia e a gente se questiona se você que passa a maior parte do tempo dele com ele e você é responsável por ele e não consegue fazer mais nada e eu como professora que jeito vou dar então é complicado (AMANDA, grifo nosso).

Desse modo, a preocupação recorrente na fala da professora, além da falta de colaboração dos pais na educação dos filhos como auxílio à docência. Questões relacionadas à violência, que passa desde a psicológica e verbal, até mesmo à física, de aluno com aluno; aluno com professor; professor com alunos, entre outros. Para tentar minimizar essas questões na escola, ela decidiu elaborar junto a outros professores um projeto na sua disciplina e que, segundo afirma, consegue ver frutos disso na escola que é a minimização de tais práticas e sempre tenta manter o projeto na ativa.

Assim que eu cheguei aqui a gente tinha muitos casos de agressão física entre alunos, de saírem no tapa mesmo, mas era bem mais comum a violência psicológica, o bullying, né a agressão verbal e em algumas situações como eu lembro bem que em 2012, quando eu cheguei aqui numa turma de nono ano tinha um menino que sofria bullying e o agressor direto dele era da turma dele então ele terminava motivando os outros colegas a praticarem o bullying com esses alunos e foi aí que no segundo semestre de 2012 eu fiz um projeto com eles que envolvia os

gêneros textuais dentro desta temáticas então a gente trabalhou com grafite, com texto teatral e com documentários, gerando em torno, eu comecei com a ideia de violência na escola, mas a ideia era conseguir chegar no bullying, e aí quando a gente fez esse trabalho com a exibição de filmes ou por eles terem praticado ou por terem sofrido algum tipo de violência na escola, a gente começou um trabalho de conscientização, tinha alguns alunos com habilidades artísticas na sala que eles fizeram alguns grafites (AMANDA).

A professora, ao mencionar seu projeto, fala com entusiasmo e diz que a direção permitiu que fosse executado o projeto na escola e que os alunos puderam se envolver participando com desenhos próprios em grafites, desenhando imagens com inúmeras temáticas pelo espaço da escola. A fala da professora nos permite compreender que a colaboração da direção é fundamental para o desenvolvimento desses projetos. Já que alguns professores relataram os inúmeros conflitos vividos pelos professores na relação entre professor e direção.

Assim, ao mencionar esse momento com os alunos, a professora se emociona e relata que, entre esse grupo de alunos, havia uma aluna que confessou ter sido violentada na infância. A professora ainda menciona outras dificuldades vivenciadas como o tráfico de drogas que também é sério e que afeta muito o trabalho docente. Segundo ela, essa talvez seja uma das grandes dificuldades a ser enfrentadas e vencidas na escola pública e o fato dos professores também saberem lidar com essas questões na execução do seu trabalho.

Aos arredores da escola a gente convive com o tráfico de drogas aqui nas as proximidades então a gente tem alguns casos de ameaça, quando o professor se dispõe com o aluno, e aí esses a gente tem que tomar conhecimento nas reuniões dos professores que terminam relatando eu já passei por isso, eu já vivenciei isso outro, mas algo do tipo é nunca bater de frente, quando a gente identifica os alunos já envolvidos com a questão do tráfico isso mais no turno da noite, são os alunos em que os professores terminam tendo que praticar a ideia da política da boa vizinhança, até pela integridade física mesmo (risos)... entendeu? Mas é o mais comum são os casos de agressão verbal, a violência verbal (AMANDA)

Além dessas questões já mencionadas pela professora de forma exaustiva, ela vai dizer que outra dificuldade que faz com que atrapalhe o desempenho do professor na escola é a quantidade de turmas e o excesso de trabalho. Segundo ela, considera que 10 turmas, com o cumprimento de 40 horas-aula semanais, seja um número muito intenso de turmas. Ela diz chegar a ter cerca de 60 horas de sala de aula junto com todas as atividades e planejamento.

Tem hora que um dos sentimentos é o de raiva sabe... você ter que por exemplo, tá elaborando uma atividade que você saber que o aluno daquela determina série ele tinha que dominar determina habilidade e você pega uma atividade e você olha e diz meu Deus essa atividade era para uma série uns dois anos anteriores, por exemplo, você esta fazendo uma atividade do nono ano e você se ver elaborando questões que deveriam ser aplicadas para um sétimo... **dar raiva, daqui a pouco da frustração também**, por que você diz meu Deus do céu eu tenho que fazer alguma coisa que esse aluno não pode sair de mim, digamos assim, não pode passar o nono ano sem pelo menos ter superado isso aqui e daí dar o sentimento de **frustração**, quando você quer fazer outras coisas da sua vida, por exemplo, **desde a minha graduação eu venho conciliando o trabalho com estudo e eu queria poder estudar mais**, eu estou começando agora um doutorado e eu ainda não consegui meu afastamento, então imagina eu estou dando 40 aulas e eu estou fazendo um doutorado é uma loucura, por que daqui a pouco você se ver não vivendo..., está só trabalhando (AMANDA).

Como percebemos, a professora apresenta inúmeras dificuldades, no que diz respeito ao trabalho, como também em lidar com os alunos que ela recebe de séries anteriores e que vêm com muitas dificuldades por não terem aprendido “o básico”. Assim como o professor Erick, que colocou inicialmente ser um “privilegiado” por trabalhar com o aluno do 3º ano do Ensino Médio, por achar os alunos do 1º ano “fracos”, a professora também menciona que sente muita dificuldade em ministrar aula para eles por chegaram no ensino básico com problemas de aprendizado sérios. Nesse caso, a professora volta a citar o relacionamento com os pais como uma das grandes dificuldades por esses não colaborarem com o papel do professor na escola. Em seguida, diz que motivar os alunos para o estudo é também um problema a ser vencido.

[...] é inadmissível você enquanto professor se imaginar passando um, dois, três anos, sem nenhuma atividade de formação continuada, de capacitação seja de qualquer nível não estou falando só de especialização, mestrado, doutorado não, mas eu digo esses cursos de capacitação, ou você poder aprender a trazer as tecnologias para sala de aula ou qualquer coisa do tipo, trabalhar com projetos e tal e a gente não tem tempo para isso, a gente não tem por exemplo é quando a secretaria oferece alguma coisa é um embate muito grande do discurso do professor com o discurso passado pela secretaria, por que ai veja bem eles colocam nós temos curso de formação do professor aí esse curso é num sábado o dia todinho, tu já trabalha de segunda a sexta feira , no sábado você tem casa, você tem que planejar atividade você tem que corrigir, aí como é que você vai conseguir fazer esse curso ou então oferece ahh um curso a distancia que é um curso que você vai ler um modulo vai responder um exercício e a interação com aquela pessoa como formador e a coisa de por em pratica aquilo que você esta aprendendo, a gente de você discutir, de você trocar ideia, experiência mas você não faz isso por que não tem tempo (AMANDA).

A professora dessa fala retoma o assunto sobre a falta de motivação dos alunos como um fator preocupante, uma vez que os alunos não veem a escola como um espaço atrativo. Essa fala da professora nos coloca a seguinte reflexão: quais são os fatores para que esses alunos não vejam a escola como atrativa? Será que a postura do professor ou até mesmo a maneira como as escolas são geridas não pode fazer dessa escola, desse espaço, um local o qual, por vezes, as diversidades não são respeitadas? É importante refletir sobre essas questões que permeiam a escola ainda na atualidade.

Parece que a escola não é tão atrativa e aí você ver que tudo recai em cima do professor cabe a mim motivar esses alunos, mas aí tem uma hora que você pergunta assim, mas quem é que me motiva, entendeu eu sou responsável por motivar as turmas e quem é que me motiva (risos) está entendendo é complicado (risos) esses são os pontos negativos (AMANDA).

Por fim, a professora Amanda coloca essas questões como pontos negativos e dificuldades em lidar com o ensino público de modo geral. Ela vai alegar sobre a necessidade de motivar o aluno, mas também retoma para o trabalho docente, ao afirmar “quem nos motiva?”.

A professora de Biologia, Maria, também menciona algumas questões que retoma a fala da professora. Amanda, como por exemplo, a função dos pais no auxílio a formação dos alunos como algo importante para a escola, o que não acontece ou mesmo que não é bom, ficando, por vezes, responsabilidades para os professores.

Eles transferem muitas responsabilidades da família para a escola. Essa transferência é o errado, porque, por exemplo, um filho que não respeita um pai, como é que ele vai respeitar um professor? Ou então eu acho um absurdo um filho respeitar mais um professor do que o pai quer dizer que em casa está faltando alguma coisa é muita responsabilidade nas costas da gente, eu já vi pai de aluno chegar e dizer professora: pelo amor de deus me diga o que eu faço com meu filho e ele está assim... assim.... assim... eu enquanto professora nem sou psicóloga para orientar ele em relação a isso e nem tenho como fazer isso... eu me sinto despreparada... eu me sinto sobrecarregada não sofro porque com o tempo de sala de aula eu aprendi a lidar com essa situações sofrimento não, no início a pessoa sofre um pouco pensando aí meu deus como é que eu vou fazer isso, tenta realmente fazer mas a gente se acostuma hoje em dia eu tento fazer assim, eu tento criar hábitos neles de educação de moral e de ética além de transferir conhecimento, eu tento se eu conseguir ótimo para mim (MARIA).

A professora remete na sua fala ao desestímulo dos alunos, à desmotivação em relação às aulas e que, aos poucos, ela, no dia a dia, foi tentando criar meios para poder lidar com essas e outras questões na escola.

Eu mudei enquanto professora dos primeiros anos até hoje por que o público mudou também, nesses 12 anos eu percebi que o desestímulo dos alunos foi crescendo eles estão a cada dia mais desestimulados e aí eu tenho que mudar minha postura para tentar reverter isso, eu acho que isso é devido a várias coisas que tem acontecido no mundo, desemprego, eles veem que os alunos de escola pública cada vez menos estão tendo acesso as universidades aos cursos superiores e começam a se sentir desvalorizados, desmotivados e incapazes, tanto é que a gente tem projetos na escola que tenta trabalhar isso a motivação deles e a gente ver que tem dado progresso a gente motivando eles a gente consegue aumentar o rendimento, por que eles se sentem como se fossem excluídos a realidade é essa, quando eles estão próximo de fazer enem eles ficam se comparando a alunos de escola particular e achando que eles tem menos chances que eles não vão conseguir, que eles não são capazes, tanto é que as vezes quando eles fazem a prova gostam eles chegam aqui professora gostei num sei que... não é um bicho de sete cabeças, eu também posso, eu também consigo e eu vi alunos de escola particular, sem saber fazer tal questão que eu consegui e isso vai deixando ele... aí eu fico orgulhosa deles por que eu vejo que eles são capazes quando eles vem com qualquer tipo de vitória por menor que seja mesmo que eles errem todas as questões mas se ele acertou uma que era muito difícil que ele achava que não poderia eu fico feliz por essa vitória por que além de eu fazer parte eu vejo que eles estão se esforçando, quando a gente ver que eles se esforçam mais a gente fica feliz por que é como se a gente tivesse vencido um preconceito que eles tem com eles... de se acharem incapazes (MARIA).

A professora retoma um fato que até o presente momento atravessa a fala também dos outros professores no que se refere à autoestima dos alunos da rede pública como uma dificuldade. Outros fatores são a violência na escola e o uso de drogas, aspectos preocupantes e que atrapalham o desempenho na escola.

Hoje em dia é a Violência verbal, bullying entre os coleguinhas, violência física já presenciei aqui mas são raras, raras, agora o uso de drogas é bem frequente nossa área é de risco nossa escola não é murada (falou em tom mais baixo sobre esses assuntos), não tem como a gente está isolado... a escola não tem muro e a quadra da escola é ponto de trafico a quadra é ponto de uso... de usuários e ponto de trafico e a polícia sabe, todo mundo sabe é aquela história todo mundo sabe e faz de conta que não sabe e a gente não pode interferir porque é perigoso porque a gente denuncia mas as autoridades competentes não fazem nada nós temos alunos de menor que entrou no mundo das drogas que a gente fica... emoção morrendo de pena... justamente por conta da convivência diária a cada dia eles estão resgatando mais digamos assim... (MARIA).

A professora Maria ainda fala de outra dificuldade que, segundo ela, é difícil de trabalhar, que são os alunos especiais, segundo ela, não se sente preparada, principalmente quando o assunto é o processo de avaliação desses alunos.

Em média tenho 30 alunos e tenho alunos especiais a escola aceita alunos especiais e temos alunos com dificuldade de comportamento também e com dificuldade de aprendizagem então é difícil unificar uma avaliação que a gente não consegue fazer isso então eu tenho que ser pela maioria, infelizmente alguém vai sair prejudicado... (MARIA).

A professora ainda retoma o fato de, mesmo diante dessas questões, se sentir em casa em uma das escolas que trabalha, já na outra não se sente e relata ser muito difícil conviver com um ambiente hostil e cheio de conflitos. Segundo a professora, o clima de trabalho é tenso e com muito mal-estar. Diante dessas questões, a desmotivação dos alunos é um fator prejudicial no ensino e, segundo a professora, essa desmotivação está atrelada a fatores emocionais, financeiros e de autoestima.

Eles se sentem inferiores eles se sentem incapazes por estudarem em escola pública e a escola da gente infelizmente ela é ainda muito mal vista, esse prédio mesmo aqui tem gente que não sabe nem que existe aula aqui pensam ser um prédio abandonado. Só que tem relatos de alunos que vieram para aqui esse ano, disseram: “professora eu não sabia que aqui era tão bom” por exemplo, a escola da qual eles vieram se tornou cidadã e muitos alunos de lá vieram para cá, por que naquela área todas viraram cidadãs, então eles vieram estudar aqui que era o lugar mais próximo e eles estavam com receio de se arrepender eles disseram professora eu não sabia que aqui era tão organizado e que os professores eram tão bons a diretora sobe todo dia para dar bom dia falar com a gente, nas outras escolas que estudei o diretor só ia lá escola dar bronca, então a imagem da escola é muito negativa ainda, infelizmente na sociedade e isso as vezes deixa eles desmotivados também e os professores também, tipo você estuda no (nome da instituição) e isso interfere no resultado deles. Porém, a gente tem conseguido fazer principalmente quando a escola começou a ter mais efetivo, a gente tem conseguido fazer uma melhoria muito grande nos números da escola apesar da gente ainda não ter atingido a meta mas a gente já subiu em relação ao ano retrasado então o aumento nos índices isso dar neles um pouco mais de ânimo e aí eles começam a ver resultados positivos quando nossos alunos foram para programas internacionais já fizeram as olimpíadas e passaram para as fases seguintes, isso vai gerando neles motivação e aí os outros vão vendo e isso vai melhorando um pouco o panorama (MARIA).

A professora, nesse momento, fala sobre os alunos reconhecerem, em parte, a importância da escola, mesmo com um prédio antigo e sem recursos. A fala dessa professora se difere da fala da professora Amanda ao dizer que, mesmo com um prédio que, de algum modo, causa “vergonha” nos alunos em relação à aparência e ao maltrato

da estrutura, os alunos se sentem felizes quando encontram professores motivados e comprometidos com o conteúdo. No entanto, o aluno fica motivado, mas, ainda assim, aponta também como uma das dificuldades a insegurança na escola.

[...] é a insegurança a gente estar numa área que é de risco que tem o tráfico de drogas e a gente não se sente seguro porque a escola não tem um porteiro, esse ano graças a deus botaram segurança armada lá em baixo, mas nós não tínhamos no ano passado a gente se sentia muito inseguro, o estado agora tá colocando segurança armada na escola que ele não intimida os meninos ele fica lá bem social na dele como se fosse um porteiro realmente que é para não criar aquele choque, mas aí a gente se sente um pouco mais seguro, é um segurança particular, a gente viu a necessidade e conseguimos então os pontos negativos é a insegurança mesmo sabe, porque a escola precisa de segurança de um muro, nossa quadra lá é com medo porque o bairro inteiro usa nossa quadra justamente por essa não ser fechada é de ponto negativo eu elenco a parte estrutural (MARIA).

A professora Maria aponta esses fatores como uma das dificuldades da escola pública, no contexto atual, que é como lidar com esse dia a dia enquanto professores. A professora ainda vai dizer que se sente mais segura com um segurança particular.

Já a professora Eva, de Inglês, afirma que, entre outras dificuldades na rede pública de ensino, o horário das aulas da noite acaba sendo um horário curto e, para ela, é mais difícil de administrar o tempo, com ajustes de conteúdos, avaliações, interações sociais, entre outros.

A questão do horário para mim não é fácil a questão de tipo **o horário da noite por ser uma aula mais curta, por ser muito apertado e as vezes a gente tem que acelerar o conteúdo para ver se dar conta sem prejudicar os alunos** por que eles são alunos do mesmo jeito e eles querem passar no ENEM, eles querem passar em concurso eles querem concluir o Ensino Médio com êxito, então essa questão do horário ele é bem complicado já no turno da manhã onde eu trabalhava na outra escola do estado a questão do comprometimento dos alunos. Eles são mais descompromissados isso faz com que eles mesmo se prejudiquem entendeu (EVA, grifo nosso).

Já a professora de Sociologia, Mariele, menciona algumas dificuldades que afetam seu trabalho na escola, entre outras coisas, faz alusão ao uso de um data-show como escasso por não ter disponível ou sempre estar com defeito. Para ela, de algum modo, isso dificulta uma aula inteligente e dinâmica.

A nossa função é formar pessoas, porém nesse contexto ser professor está muito difícil de todos os aspectos desde o físico de sala de aula, quer dizer você vai para uma aula quer usar o data show tecnologia, por mais que dia hoje dessa necessidade de usar a tecnologia aí você chega

na escola não tem um data show já pronto para você dar uma aula tem uma televisão para 12 professores se eu quiser usar tenho que gastar no mínimo dez minutos da **aula só montando aquilo ali, montando aí desligo levo para outra sala então isso faz com que eu atrase a aula eu prefiro não atrapalhar a aula, eu prefiro de certa forma, eu escolho, não gastar esse tempo na aula**, apesar de que é quando eu uso a gente tem que saber aproveitar, segundo utilizar essas novas tecnologias fica complicado para quem tem sem uma aula e vem as resistências, as resistências até mesmo dos próprios colegas dessa questão do conhecimento sociológico da criticidade de ser algo de certa forma afeta né por mais que se diga e se tenha né nas leis que a ideia é formar um cidadão crítico e questionador quando vai de fato formar esse cidadão crítico e questionador que respalda sobre a escola que ele tá muitas vezes acho que a escola fica com medo de formar essas pessoas críticas e questionadoras, para questionar a prática do professor, a escola, reivindicar por algo que esteja ali então eu me sinto assim como se eu tivesse formando alguém que a própria escola não está querendo desenvolver isso nessas pessoas existe um bloqueio aí entre em relação a esse objetivo (MARIELE).

Além disso, a professora Mariele vai dizer que a escola, em seu formato, é muito antiga e o que mudou, mudou pouco, completando com a fala de alguns alunos “a escola é uma prisão, eles os alunos me dizem direto isso”. A professora ainda menciona questões de violência física e verbal entre os alunos na escola, menciona também a violência da gestão com um aluno que queria ser chamado pelo nome social e não pode.

Os próprios colegas professores resistiam em chamar por que não conseguiam por que o nome dela era esse estava no registro esse e não conseguia chamar aquele nome a não ser que ela mudasse o nome e viesse com o novo registro, então, eu acho isso de uma violência tamanha inclusive à aluna se sente excluída né e ficava triste com relação aquilo. As brincadeiras de mal gosto né, brincando chamando de veadinho (MARIELE).

A professora apresenta esses fatos como absurdos e as principais dificuldades como formas explícitas de violência na escola. Ela ainda menciona momentos de afrontas e brigas entre alunos que, ultimamente, têm ocorrido por conta de questionamentos e posicionamentos políticos. Para a professora, a situação mais difícil que ela enfrenta na escola é o relacionamento com a gestão escolar, em tom baixo, ela vai dizer que o fato das diretoras serem indicadas tem sido ainda mais difícil e problemático.

A mais difícil é lidar com a gestão em relação a não ter gestão eleita né um fato bem preocupante do estado né eles fazem concurso para as áreas específicas e não fazem para coordenação como é que uma escola funciona sem coordenação então os que são coordenadores da escola são readaptados e estão lá para dizer que estavam e estão lá para dizer que estavam, uma escola sem coordenação, sem uma gestão organizada,

para parte pedagógica da escola acompanhar ela vai ter seríssimos problemas, inclusive tem dia que eu fico cobrando (MARIELE).

O professor Walter, da disciplina de Sociologia, também aponta questões semelhantes às da professora Mariele, como o relacionamento com a gestão e com os colegas da escola serem difíceis. Segundo o professor e pelas falas dos entrevistados até aqui, além das dificuldades com a direção da escola, estão também as cobranças da Secretaria de Educação. Ao ser questionado sobre as situações mais difíceis, ele ainda acrescenta as seguintes discussões:

Hoje... eu posso elencar né fazer uma ordem da mais difícil para a mais simples. **A primeira que eu diria é obedecer a secretaria de educação** a todo custo inclusive a projetos que você nota que são nulos é fazer uma formação sobre educação socio-emocional muitas vezes de uma empresa que está ali é superfaturando o financiamento e é só um esquema do governo para ganhar dinheiro e ter que trabalhar dentro de um programa que você não acredita certo eu diria que isso é o primeiro só depois é que vem para mim estrutura, né porque dependendo da escola você quando tem muito é um quadro e um pincel ali para escrever, depois disso é a sabotagem de colegas professores e gestores estás entendendo... aluno para mim não é o problema não... (silêncio pensativo...) (WALTER).

Como colocou o professor, os conflitos existentes que acabam prejudicando o cotidiano dos professores dizem respeito ao fato dos inúmeros problemas que ainda afetam as escolas em termos de organização e gestão escolar. Ficando muitas vezes o professor refém dos interesses da regional e da gestora da escola.

Já o professor Nelson, de Educação Física, coloca questões que são pertinentes para se refletir sobre sua área, como, por exemplo, ele cita as questões relacionadas à teoria e à prática, já que muitos professores ficam somente na prática da Educação Física e acabam esquecendo a parte teórica que é importante para a disciplina. Além disso, outras questões também devem ser levadas em consideração pelos professores da área e afirma,

O professor precisa da sala de aula no meu não eu preciso de outro espaço que é o ginásio para colocar em prática minhas aulas, como biologia precisa de um laboratório, como química precisa do seu laboratório do mesmo jeito que eles precisam que não tem ou tem pouco, tem uma sala de computação vai servir para todas as disciplinas? Talvez não.. eu posso usar sim mas imagina se eu desse só educação física e levasse os meninos para uma sala de computação era um nível de conhecimento que iria ser superado muito rápido e eles iam passar a exigir o que a minha disciplina escolar pede que é o **espaço da quadra, aqui não tem quadra** é só um espaço de terra com chão batido, no sol... tem uma árvore aí então eu não posso exigir, e outra coisa as minhas aulas práticas é conveniente no mesmo horário outra dificuldade da

falta de estrutura da escola por que para ter uma aula descente de prática, expressão corporal que você vai correr, vai suar e expor um pouco as suas habilidades (NELSON).

Diante disso, o professor ainda vai dizer que a falta de união entre os professores também é uma grande dificuldade, inclusive quando os alunos saem de uma série para outra e que os professores, muitas vezes não estão em consonância com as atividades e conteúdos, isso, segundo o professor, é uma das grandes dificuldades. Ainda cita questões relacionadas à violência verbal entre alunos como uma dificuldade que deveria ser trabalhada na escola pública a fim de ser superada.

Aqui tem muita violência verbal e a violência que eu mais combato aqui é muito a violência de destrato dos meninos para com as meninas, da questão de gênero dos meninos para com as meninas e eu digo direto porque como eu trabalho com corpo eu tenho essa liberdade de falar eu digo meninas se cuidem meninas se preservem porque eu não tenho preconceito de uma forma lúdica de uma forma que... tá vendo esse monte de cabra sem vergonha depois que explorar o corpinho de vocês vai querer o que vai casar com você vai não meu amor ele já lhe explorou de tudo e depois vai para outra e outra, porque isso é cultura machista isso é cultura do macho tem muita dessa coisa... aqui tem muita droga temos conhecimento ultimamente numa certa turma eu estou tratando de anabolizantes, eu estou tratando com dependências físicas e isso inclui drogas... **os alunos são violentos mas não aqui dentro eu sou da comunidade eu sei quem é violento sei que é uma pessoa de índole violenta além dos muros da escola como aqui tem um certo controle das regras da escola, descumprindo as regras da escola nos vamos procurar instancias outras de conselho tutelar, de polícia militar e eles se resguardam, mas aquela coisa da imposição de que se você se contrapor vai haver a violência vai... hoje independente o professor se retrai quando é aluno professor já vi relatos e relatos de professores que ele se retrai... não entra não sai da sala “ai diz eu entro e saiu da sala a hora que eu quiser... como relatos de professores que o aluno estava querendo fumar maconha dentro da sala, principalmente que a gente sabe o turnos específicos manha nem tanto, tarde é aquela parte do eu vou colocando a prova vai que cola e a noite é a autonomia do aluno ele faz o que quer, a escola é de qualquer forma refém dessa violência porque por que as autoridades se limitam a patrulha escolar andante e não a uma patrulha escolar fixa porque eu se existe um policiamento dentro da escola quando a escola é considerada de auto risco teria uma situação de caberia mais intervenção com certeza coibiria mais, com certeza seriam coibidos a certas ações, ou então não iam assistir mais aulas, mas se você vier aqui certo horário da noite eles vão saem fuma e depois voltam e termina de assistir a sua aula (NELSON, grifo nosso).**

Percebemos na fala do professor a vontade de ter um aparato dentro da escola como algo preventivo como algo que iria minimizar muitos problemas existentes nas escolas. O professor vai dizer que a questão da violência atrelada também ao baixo salário

dos professores acaba tornando o ensino público precário. Além disso, o professor vai dizer que o investimento que se faz em livros, estudos e entre outros não compensa, muitas vezes, a quantidade de trabalho que executam e o desrespeito à profissão. “O quanto nós tivemos que investir tempo conhecimento em negar, negar lazer, negar prazer, negar um pouco de vida, negar família, negar muitas coisas para estar estudando para ter o mínimo de competência para passar e está numa sala de aula” (NELSON).

Por fim, o professor Nelson vai dizer que hoje, na escola, uma das principais dificuldades enfrentadas por ele está relacionada ao fato também, assim como Walter, das inúmeras cobranças feitas, com poucos recursos oferecidos, e isso para ele tem sido um problema da rede pública de ensino.

As cobranças que são feitas e as condições que nos dão na escola, por exemplo, eu não tenho um ginásio, eu não tenho bolas, eu não tenho material algum me revoltou o aluno diz professor vamos jogar futebol, eu digo a escola não tem bola, ele diz mas você num tem as suas eu digo a eles a escola não tem e temos que cobrar juntos, eu os motivo a cobrar por que é um direito deles, eu nunca deixei de dizer vocês tem direito a aula pratica mas eu me omito a aula pratica porque é período de chuva que ali só tem lama e minha omissão não é porque você não mereça nem como castigo não é preservação da sua qualidade de vida, da sua condição física porque as meninas não vão logo que minha aula é um momento de.. que segue a grade curricular num horário normal no horário letivo imagine ir para lá e ter que voltar para sala de aula os menino jogar futebol e botar para sala de aula muitas vezes eles querem um argumento para ir embora “eu me molhei eu vou embora”, ah eu me molhei eu vou embora olha a situação professor”, então coerência, coerência mais com cobrança, não me canso de dizer a eles vocês tem direito a uma quadra, agora precisamos cobrar juntos porque minha voz não está sendo suficiente, né... (NELSON, grifo nosso).

Como notamos na fala do professor, as inúmeras dificuldades enfrentadas por falta de material, espaço para que ele possa desempenhar com qualidade suas aulas. O professor acrescenta ainda o fato das constantes trocas de gestores ultimamente na escola como um problema que acaba afetando todas as relações e interações sociais na escola.

Estou aqui acho que já fazem uns 5 anos **minha problemática a problemática que tem aqui é a inconstância em termos de gestão, porque a escola é escola de risco** e houve problemáticas administrativas de gestões que saíram que deixaram problemas para outras que não tem condições de resolver porque foi a outra que fez e essa situação quer dizer nós somos gestão da escola, você saiu fez tudo que não deveria e eu entrei apareceu problema no judicial vamos cobrar da escola, vamos cobrar da gestão, não quer saber quem é a gestora é você quem tem que pagar é você quem tem que responder, você é a gestora a pergunta é.. e com é que eu vou responder algo, ou falar de algo se eu não existia naquele momento

naquela época, nesse lugar, olhe que situação... a escola é considerada de risco pegou esse nome mais pelo bairro... (NELSON, grifo nosso).

Além dessas questões mencionadas pelo professor, ele ainda menciona o quanto se sente inseguro com a violência que ocorre nos arredores da escola e que aflige os professores, alterando, muitas vezes, o cotidiano escolar.

6.4 O lazer e as atividades fora da escola

O professor Jean, de Biologia, ao ser questionado sobre o seu lazer, diz que é com a família e que ficar em família já é uma forma de descanso. “Eu jogo esporte no final de semana de quinze em quinze dias, considero um lazer”. Ele ainda menciona outra atividade que faz e que considera lazer. Trata-se da criação de alguns animais em que ele fala com muito entusiasmo, sobre o que acaba dando palestras. Segundo ele, tem habilidades para com tais animais que é para poucos e considera ser uma atividade prazerosa.

Hoje eu associo as duas coisas, eu vou ministrar um mini-curso na semana de agronomia em Areia já, sobre as habilidades que tem em relação a criação desses animais, **então eu pretendo manter esta atividade e ensinar as pessoas de um público jovem e crianças também a lidar com estes animais, por que o pessoal geralmente não conhece**, então eu estou alinhando a minha atividade de professor, ministrando curso sobre a criação destes animais. Então, aspectos negativos da escola (ele retoma a parte inicial da entrevista) é estrutura, parte logística que isso acho que tem em todo lugar (JEAN).

O professor Miguel, ao ser questionado sobre o seu lazer fora da atividade docente, ele sorri e afirma ser complicado e alega não ter lazer. Mas, vejamos a seguir que ele tem lazer sim, e lembrando mais uma vez que ele é o mesmo professor que afirma não preparar aula e que chega cinco minutos antes e dar uma olhada no livro.

Ahhh... meu lazer... complicado... (risos) **lá em casa toda sexta feira, eu tenho um dispositivo prático em casa de relaxamento, tomo minha dose, tomo minha cervejinha relaxo, faço meus trabalhos também de pastoral, mas eu tenho minha vida social tranquila** até por que é aquela história quando fecho minha porta da sala de aula, meu problema fica da porta para dentro, da porta para fora, eu procuro não lembrar deste problema, final de semana é meu não abro mão assim para nada, nem para dar aula, só de segunda a sexta até meia noite. Então, meu lugar é atividade religiosa, esporte, **final de semana é para fazer o que dar na telha e férias também, nas férias se alguém me chamar de professor a gente vai para o braço.** É eu viajo tenho que sair de Campina mesmo né, Rio de Janeiro. Posso lhe dizer que isto é minha válvula de escape, te digo que se eu emendasse uma semana na

outra, acho que se eu fizesse isso acumulasse uma... ou mais de um mês com outro, eu iria pirar mais fácil, até por que depois de 20 anos, eu já estou com 23 anos de sala de aula, aí a gente vai aprendendo a caminhar menos, fazendo mais. Deixar de correr tanto né? Essa é minha experiência, essa é minha ideia por isso que eu estou suado. (MIGUEL).

A partir da fala desse professor, podemos compreender que algumas frases mencionadas de forma enfática por ele tratam-se do fato de que, quando ele está de férias, ninguém ouse em falar nem em escola próximo a ele. Tal sujeito, de alguma forma, demonstra sua exaustão no período das férias. Além disso, remete suas viagens de férias a uma “válvula de escape”.

Já para o professor de História, Erick, o seu lazer está nos seus jogos de futebol nos finais de semana com os colegas, alguns até professores também, da mesma escola. Esses jogos, segundo ele, são tão divertidos e acabam fazendo com que eles participem de campeonatos. Além disso, o professor diz que sair com a família para comer fora é um ato de lazer entre seus parentes. Esse professor, quando questionado sobre alguma outra atividade remunerada, menciona sua esposa e vai dizer que acaba trabalhando muito também, por ajuda-la fazendo as entregas dos bolos “aí é o dia todo fazendo as entregas, sextas e sábados, eu passo o dia entregando bolo”. Segundo ele, a renda dos bolos ajuda muito como complemento da renda em casa. “As entregas são somente nos finais de semana, no meio da semana os bolos que aparecem o pessoal vai buscar, dá uma boa renda” (ERICK).

O professor Marcelo praticamente ocupa toda sua semana ministrando aulas com aproximadamente 40 horas-aula na rede pública estadual e também mais algumas horas na rede privada de ensino de Campina Grande –PB. O professor vai dizer que, de segunda a sábado, ministra aulas, ao ser questionado sobre momentos de lazer, ele vai dizer que seus momentos de descanso são com a família “lá em casa acabou isso de trabalho no final de semana é família” (MARCELO).

Já a professora Amanda que ministra a disciplina de Língua Portuguesa, ao ser questionada sobre os momentos de lazer, vai dizer que sacrifica muitos momentos de lazer e em família para poder preparar suas aulas e acrescenta que o que mais toma seu tempo é receber um aluno que não sabe nada da sua série anterior, isso toma muito tempo.

Às vezes o colega que está ali naquela disciplina ele não tenta minimizar essa dificuldade o aluno é empurrado para série seguinte, e aí quando eu recebo um aluno, eu sou professora de língua portuguesa então eu tenho a obrigação de fazer com o que esse aluno melhore um

pouquinho naquilo ali e eu não consigo fazer isso sem planejar e eu não posso, por exemplo, uma prova, eu não aceito que você baixe uma prova da internet e traga para seu aluno responder, se eu estou trabalhando com eles em determinado conteúdo e eu sei que meu aluno tem determinada dificuldade, eu preciso elaborar aquela prova, eu preciso no mínimo sair pesquisando uma questão aqui, uma questão ali e ponderando um nível de turma que eu vou aplicar aquela atividade, por exemplo, eu tenho duas turmas de primeiro ano, mas eles tem dificuldades diferentes, eu vou trazer uma mesma dificuldade para essas duas turmas? Eu não posso, só que aí veja bem tem o lado da consciência que eu não posso fazer um trabalho de qualquer forma, eu vou está sendo medíocre, a gente vive dizer que os alunos tem que dar o seu melhor, então eu também tenho que dar o meu melhor só que isso sobrecarrega né por que aí tem uns colegas que até dizem: ahh... você trabalha demais por que quer, não precisa de você fazer tudo isso, a gente não vai conseguir mudar a situação do país aí entra a parte da frustração, por que aí tem hora que dar vontade de realmente. Ahh! Quer saber eu sou a única que estou remando contra a maré, vou seguir também, para eu poder então descansar, para eu poder então passar um final de semana de lazer e tal... (AMANDA).

A professora é ainda mais enfática no discorrer da entrevista, ao dizer que o sentimento é de raiva por estar fazendo um serviço que sabe que o aluno daquela série já deveria saber. Segundo a professora, isso frustra muito o trabalho docente e acaba sobrecarregando ainda mais o seu trabalho.

Você querer fazer alguma coisa no final de semana, você querer dormir um pouco mais tarde por que quer assistir um filme, você quer sair com seu esposo para um cinema ou para um teatro e ou qualquer coisa do tipo e você ver que para você fazer isso vai ter que sacrificar por exemplo mais nas horinhas de sono que já eram pouquíssimas, no outro dia você chega na escola arrasado por que para eu conseguir viver eu tenho que sacrificar outra coisa e outra coisa que é importante mas eu também não posso deixar de viver por que também é importante é necessário na verdade... (AMANDA).

Segundo a professora não existe essa distribuição de um momento para o lazer e o trabalho. Uma vez que seu final de semana é também reservado as atividades da escola e domésticas. Além disso, as correções de provas e planejamentos das aulas também.

Eu sempre sacrífico o lazer, é mais comum sacrificar o lazer é como se a gente deixasse por último, você vai dando prioridade, primeiro eu preciso fazer os serviços de casa já que eu passo a semana correndo e não consigo, eu preciso preparar as aulas da semana seguinte porque eu não posso chegar na sala sem **ter preparado aí depois quando obrar tempo lazer, nesse lazer é feito o que dar tempo e o que dar dinheiro... (risos)** na verdade é o que o dinheiro dar e que o tempo dar quando você consegue articular tudo isso numa forma melhor dar até para pensar em viajar fazer algo diferente, mas quando não é no máximo

um cineminha um barzinho, ou simplesmente encontrar os amigos para conversar (AMANDA).

A professora, ao ser questionada sobre alguma outra atividade remunerada fora a atividade docente, menciona que é consultora de produtos e que é nessa atividade de venda que ela encontra seu lazer. Vejamos como a fala da professora nos faz refletir sobre inúmeras questões que permeiam a escola pública na atualidade.

Não chega a ser uma atividade profissional, **assim pelo menos ao meu ver, mas eu trabalho com vendas e por incrível que pareça, é eu sou vendedora e por incrível que pareça eu encontrei nessa atividade o lazer** que eu não encontro na atividade docente, por que com a venda é.. eu gosto. Primeiro quais são os pontos que eu gosto não é a parte financeira, por que o lucro é quase nada, a alegria de comprar uma garrafinha nova, por exemplo, **mas quando você para pensar na rede de contatos que você tem e que te veem como alguém importante**, por que, por exemplo, eu tenho clientes que ligam e faz mulher estou precisando da tua ajuda para poder escolher o que eu vou colocar no meu congelador ou alguém que te manda uma foto no domingo e diz minha mesa esta arrumadinha por que você me deu uma ajuda e isso **você então escuta algo dos meus que dificilmente eu ouviria dos meus alunos**, eu vim ouvir um agradecimento do meu aluno acho que depois de uns cinco anos que ele termina, que ele se forma e vai fazer alguma coisa ele faz “professora graças a você hoje eu estou aonde estou” é algo que demora sabe reconhecer que você fez algo de importante e nas vendas não (AMANDA).

A fala da professora e a maneira como ela descreve esse tipo de atividade faz com que entendamos sua alegria nas vendas e as interações sociais que ela acaba criando com essa atividade. Mesmo que, segundo ela, não tenha um retorno financeiro que dê lucro, o que a faz feliz são as interações a amizade e até o reconhecimento das clientes dela para com o seu trabalho de consultoria. Ao compararmos o trabalho dela enquanto professora da rede pública e como vendedora, notamos que ela se sente reconhecida pela venda do produto, mas não como professora, mesmo ganhando um salário pelo seu trabalho que não deixa a desejar. Talvez por esperar um reconhecimento imediato do aluno e não ter, as escolas públicas são conhecidas por esse tipo de comportamento entre sujeitos que são chamados de “professores sacoleiros”, sempre oferecendo algum produto na hora do intervalo aos demais colegas ou mesmo aos alunos. Será que na escola particular isso acontece de forma aberta? Esse é uma das questões que merecem atenção já que podem ser um problema para a escola pública.

Você tem outra coisa em casa. Ahh vou para um aniversário estou precisando de um produto, alguém lembra de você, isso determina então dando um prazer sabe você vai construindo amizades que eu não

construiria na minha rotina normal porque eu não ia encontrar tanta gente, então levo isso como lazer, eu só me vejo assim muitas vezes ... é gratificante pare para pensar eu estou conhecendo pessoas eu termino fazendo amizades e eu ganho alguma coisa o lucro é pouquinho. Se você parar para pensar o lucro é pouco de 26 por cento então para eu conseguir ganhar 265 eu preciso vender 1.000 é muito, se tu parar para pensar vou vender 10 reais e vou ganhar 2,60, mas ai eu vou ganhar de alguma forma economizar um pouco mais e de quebra vou ter novas amizades **você não tem noção do que é no Domingo você recebe uma mensagem olha Amanda estou tão feliz com os produtos que você me vendeu menina aquilo dar uma alegria tão grande, que você esta ali corrigindo prova toda desgostosa da vida aí recebe uma mensagem dessa e para conversar 10 minutos com os clientes é ótimo, é sério... mas é verdade, enfim então eu gosto, me dar menos dor de cabeça do que dar aula**, entendeu (AMANDA, grifo nosso).

A fala dessa professora nos remete ao fato dela, primeiramente, não tendo lucro, se dedicar a vender, depois, se sentir feliz ao ser lembrada pelas suas clientes e, em seguida, afirmar o que é ainda mais preocupante “você estar ali toda desgostosa corrigindo prova” e, ao parar para dez minutos de conversa isso muda sua vida. Diante dessa fala, qual a alegria e motivação dessa professora em relação à docência? Ela representa uma grande parte dos professores? Mas que de algum modo não tiveram a coragem de expressar esse sentimento de fato na entrevista. Nesse caso, vale lembrar que, na atividade docente ela é remunerada com um salário o qual lhe sustenta, mas que não lhe dá prazer, por talvez esperar um resultado imediato e sabemos que o produto do trabalho docente é uma construção dia após dia, mas ela se sente feliz com o reconhecimento às suas vendas e afirma dar menos “dor de cabeça”. Portanto, as vendas para ela é algo gratificante, mesmo que a renda não seja a principal para a casa, sendo a renda principal a oriunda das matrículas do serviço público do Estado.

Já a professora Maria, de Biologia, vai dizer que, no final de semana, procura não fazer nada relacionado à escola, vai visitar familiares, tomar cerveja, churrasco, procura esquecer totalmente a escola.

Final de semana eu não faço nada de escola, nada... eu saí, eu vou para casa de familiares que eu não vi durante a semana a família do meu marido é de queimadas então as vezes a gente vai almoçar lá na casa dos familiares dele ontem por exemplo meu afilhado foi almoçar lá em casa e a gente toma uma cervejinha, um churrasquinho, eu esqueço escola totalmente, então o final de semana é para isso é cinema, teatro, restaurante para não ter que cozinhar por exemplo, porque eu passo a semana cozinhando... normais é da família separado geralmente não faço nada só se for uma coisa muito urgente que eu tenha que fazer na segunda senão eu vou ajeitando até a sexta para o sábado e o domingo se livrar (MARIA).

A fala da professora nos permite perceber que ela evita fazer qualquer atividade voltada às aulas nos finais de semana. Segundo ela, mesmo que tenha alguma coisa, espera para um momento livre na escola para poder fazer e não trazer para casa, além disso, a professora também menciona que, além das atividades da escola, ela também tem as atividades domésticas as quais também se ocupa.

Já a professora Eva, de Inglês, ao ser questionada sobre seus momentos de lazer, nos diz que não existem. Já que ela trabalha em tantas escolas que seu final de semana acaba sendo reservado para a elaboração das atividades também. “Risos... ahh repouso eu não tenho né meu repouso é no domingo de manhã em casa... e voa meu repouso é no domingo a maioria das vezes, mas hoje eu não repousei elaborei provas é no sábado é limpar casa e meu lazer é ir no shopping [...]” (EVA).

A professora ainda diz que trabalha em cinco escolas e que se dedica mais à rede privada devido às intensas cobranças. “Eu só leciono e trabalho em 5 escolas duas escolas públicas e três particulares e eu me dedico mais a particular por conta da cobrança por que se não fizer a gente sai” (EVA).

A professora Mariele, da disciplina de Sociologia, também vai dizer que tenta ter um certo lazer no final de semana, mas, por fim, confessa que acaba de algum modo, uma vez ou outra, usando o final de semana para corrigir atividades já que, para a Sociologia, 1 hora-aula equivale a 20 turmas e acaba acumulando atividades. Alega ser muito difícil conciliar os dois e acaba usando os finais de semana para elaborar mesmo as atividades da semana.

O lazer, o repouso e a atividade são difíceis de conciliar por que assim ou você descansa ou você vai para as festas... isso me deixa refletindo, ontem mesmo minhas amigas me chamando para festa, eu mesmo gosto de festas, de sair com os amigos barzinho, adoro viajar, viajar é algo mais é que eu gostaria de fazer mais frequente porém... final de semana eu tenho que arrumar a casa né, aí quando eu não arrumo a casa fico acumulado para outro final de semana, então eu tenho que decidir por isso que eu digo então não é algo que dar para fazer tudo ao mesmo tempo, ou você descansa, ou você arruma a casa ou você saí para se divertir no final de semana... aí quando eu quero sair.. Eu saio e deixo mesmo a outras coisas para fazer... as vezes estou sem dinheiro, por que você não pode está saindo para se divertir todo final de semana sem dinheiro, mas eu estava cansada... quando eu estou bem de saúde, quando já tem saio pagamento e você pode aí eu saio né, vou num barzinho. Mas eu tento evitar o máximo tá fazendo coisa da escola no final de semana, por que já tem outras coisas para fazer também... então eu poderia né quando está acumulado como eu disse eu pego coisas para corrigir mas nas madrugadas. Extrapola o tempo da noite por que em

vez de ir dormir está fazendo coisa de escola e está cansada (MARIELE).

Por fim, a professora vai dizer que possui uma carga horária de quase 60 horas semanais e vai pegando outras atribuições na própria escola, pelas quais ela se sente sobrecarregada, mas tudo para poder completar a remuneração e a carga horária.

Já o professor Walter, de Sociologia, vai dizer que, a partir do meio do ano já começa a sentir-se muito cansado. Inclusive tem feito uso de ansiolítico devido a esse cansaço que sente.

Eu vou dizer a você que a partir do meio do ano por que.. é o meio do ano é o momento em que você já teve, é quando falando da minha experiência você tem suas primeiras frustrações . De secretaria mandando você fazer coisa que você não acredita de você não ter apoio dos colegas de projetos que você talvez tenha planejado no início do ano então o meio do ano já é suficiente para se sentir cansado e eu tenho chegado em casa... eu sinto partes do meu corpo tremendo, minhas pálpebras tremem muito eu tenho inclusive fazendo uso de alguns remédios, chegando a esse último a ir a psicólogo e psiquiatra né então tudo isso [...](WALTER).

Após tal fala do professor, ele menciona questões relacionadas ao lazer e diz que seu lazer é com a família em casa mesmo, porém, nos coloca outras questões que merecem ser analisadas.

Tem se resumido a tomar uma cerveja e escutar música... principalmente nas sextas feiras e essa informação talvez seja importante é... eu tinha mais um dois ou três colegas que a gente **nos últimos tempos tem um bar vizinho a escola que a gente recorria muito a ele final da aula na sexta uma espécie de refúgio a gente saia direto para lá e interessante como a gente levava os assunto ali se estendiam e eu chegava em casa já....** o fato de morar relativamente perto e trabalhar juntos isso acabou com que nosso desgaste aumentasse porque nosso final de semana se a gente se encontrasse a gente ia falar de problemas da escola e mesmo que a gente não se encontrasse ia ter em alguns momentos ligação né e isso é complicado de certa forma... [...] (WALTER).

O professor vai dizer que já na sexta-feira ia até um bar próximo da escola, ele e outros colegas acabavam bebendo um pouco mais, como maneira de extravasar as questões da escola e da semana. Segundo o professor, ficou por longos períodos fazendo tal prática, deixando o hábito após procurar um médico e perceber que estava em um início de depressão. Ainda ao ser questionado sobre o fato de fora seu trabalho como professor ele exercer alguma outra função remunerada, ele vai responder da seguinte forma:

Não... não vendo nada, mas conheço muitos que vendem na escola... **existe um comércio dentro da escola né só para ficar claro... a nossa cozinheira ela vende bolo... pão quente... e tem muitos professores que tomam café na escola e muitos professores chegam e ela assava o queijo e vendia e Avon também e um outra professora vende Hinode...** outros que fazem até um artesanato em casa... sim fui obrigado a comprar um perfume da Hinode em três vezes... para ajudar a professora e engraçado... um que precisa tendo que ajudar o outro[...] (risos) (WALTER, grifo nosso)

O professor Walter, ao ser questionado se exercia alguma outra atividade remunerada extra afirma que não, que é exclusivamente professor e com apenas uma matrícula ele pega mais turmas para completar o salário. Mas apresenta algo que já falamos analisando as respostas da professora Amanda. Trata-se do comércio dentro das escolas como um complemento de renda: “assim alegam tais sujeitos”. O professor afirma ter inúmeros funcionários entre eles, professores e outros, que oferecem produtos para serem vendidos na escola e ele ainda afirma ter sido “obrigado” a comprar um perfume para ajudar um professor. A escola pública é lugar para a comercialização de produtos? Percebemos aqui mais uma vez como a coisa pública é tratada por alguns.

O professor Nelson, da disciplina de Educação Física, vai dizer que seu lazer é entre a família e que não confunde isso com as questões de escola. Passear, almoçar e viajar em família é prioridade no seu lazer. Quando está de lazer é o lazer, nada de escola, afirma o professor.

Eu dou continuidade ao que eu faço para mim, assim como eu gosto muito da parte da pratica, meu lazer é passear sair com a família. né minhas atividades físicas eu sou adepto de corridas de rua...né eu gosto muito dessa pratica de correr, do voleibol de área, diminui mais porque com o chegar da idade o corpo pede descanso... eu tiro um tempo para não fazer nada... eu tiro um tempo para pensar e buscar algo que a gente viaja que são as redes sociais, ai depois preparo alguma atividade, comer enfim... geralmente também tem que se fazer os registros de aula para o final de semana, uma programação de aula... é uma perda necessária para levar os alunos para um evento que representa uma escola [...](NELSON).

E, por fim, ao ser questionado sobre o exercício de alguma outra atividade remunerada que não seja a docência, ele vai dizer que organiza um grupo de corrida que lhe deixa com muita satisfação e prazer e acaba encarando essa atividade como um hobby.

Eu organizo corridas numa associação e recebia e rateava, mas não com intuito disso apenas... mas as vezes eu compro coisas com o dinheiro e os materiais para eu trazer para a escola pública. Um grupo funcional social nós compramos nosso próprio material... minhas únicas fontes de renda são meus dois vínculos públicos aqui no estado e no município (NELSON).

O professor menciona essa organização de corridas como um momento de prazer e lazer e ainda diz que o dinheiro que acabava recebendo investe em artigos para as aulas dele na rede pública de ensino. Já que, em vários momentos, ele disse que a escola não teria o básico para uma boa aula de Educação Física. A postura desse professor também requer análise já que a escola pública deveria ter os equipamentos de trabalho, mas será que a escola recebe recursos para comprar tais equipamentos e por quais motivos eles não existem, que tipo de cultura se tem de que a escola pública não possui recursos necessários para ter os instrumentos básicos de uma aula de Educação Física?

6.5 Alegria de ser professor na contemporaneidade

O professor Jean, de Biologia, não quis falar sobre esse tema. Ao ser questionado sobre o prazer da docência, ele disse que se sentia mais feliz com a criação dos animais, com suas palestras, porém afirma que ser professor “é viver na esperança” de uma escola ideal de um trabalho reconhecido, mas, segundo ele, um futuro ainda não atingido. Com um tom de desesperança, o professor encerra sua fala sobre ser professor.

O professor Miguel, da disciplina Física, ao ser questionado sobre seu cotidiano e sobre ser professor da rede pública estadual, diz que as condições de ser professor já foram piores e que deu uma melhorada: “mas eu gosto... infelizmente ou felizmente, eu não sei... gosto do que faço para mim tá por enquanto sendo boa, tive uma experiência errada na direção da escola, mas graças a Deus voltei e estou só em sala de aula, acho que é onde eu me realizo” (MIGUEL). O professor com 23 anos de sala de aula, afirma ser o lugar que ainda “acha” ser onde se realiza, assim como o professor Jean, em um tom de desesperança.

Para ele, ainda fica uma angústia que é o fato de não ter conquistado mais alunos para estudos, sente-se responsável por muitos alunos que não conseguiu tirar do caminho das drogas. É aquela questão, “eu plantei uns deu para colher, outros não”. Pronto, eu tenho alunos meus hoje que são pós-doutores, eu tenho alunos meus hoje que são professores de universidade, engenheiros de renome lá fora” (MIGUEL). O professor demonstra, ainda que de forma breve, a importância e a alegria que tem quando encontra um aluno que, segundo ele, conseguiu “vencer na vida”. Mesmo com um tom de desânimo, ele encontra a ressignificação docente num abraço de agradecimento que teve o sucesso esperado, mesmo sendo, como afirma ele, dez anos depois, vejamos que ser professor é saber que o que se faz hoje pelo aluno, o retorno não é imediato, leva um

tempo para que veja o resultado e, talvez muitos dos que se frustram com a docência esperam o imediato como é o caso da comparação da venda dos produtos da professora Amanda, em que recebe o carinho, afeto e reconhecimento dos seus clientes de forma imediata, o que a deixa feliz.

Já o professor Erick vai dizer que a importância e a alegria de ser professor reside no sucesso do aluno, segundo ele, recentemente não está fácil ser professor, principalmente, para quem é da área de Humanas. Sente-se frustrado por isso ao perceber que as informações que os alunos usam da internet querem entender como corretas, verdadeiras e únicas, sem dar muita credibilidade ao professor e à leitura de livros de fato.

Ser professor hoje é ser um... **é enfrentar desafios, um herói, ser professor hoje é um herói enfrentar desafios, sabe!** É ser professor é muito complexo, mas é enfrentar desafios. Porque o professor hoje ele tem uma relação diversa dentro da sala de aula, fora da sala e aula, não é fácil não ser professor hoje principalmente de humanas. Todo mundo hoje quer saber história sem estudar o livro de história. **Absorve uma informação do face, aí acha que aquilo que alguém falou é verdade! Tu leu história para saber? hoje ser professor de humanas não é fácil não, ser professor de química, matemática é mais fácil, não é questionado.** É muita gente escrevendo coisa que não sabe. E o alunado absorve isso e acha que o professor de história estar mentindo e vai ao encontro de tudo que a gente fala. **A mídia, a internet é importante só que tá dando a oportunidade para muitos imbecis escreverem o que não sabe para outros absorverem e o professor de história para o confronto, para o erro...** vá estudar pesquise. Você como estudante tem o dever de tudo que vê ouvir, pesquisar, pesquise. A pesquisa hoje tá aberta, tudo que você ver, ouve e o professor fala, vai te dar fundamento para teu conhecimento. Você vê a mídia e absorve como verdade absoluta. Pesquisar rapaz! Todo mundo hoje quer rescrever história sem ter lido dez “toin”. E o professor de história fica na sala de aula sendo questionado e não tem mais sentido, o papel do professor não é falar de político A ou B e sim de fato estabelecido (ERICK).

O professor refere-se ao ser professor na contemporaneidade como desafiador pelo fato também dos avanços da tecnologia, dos alunos que não conseguem mais assistir uma aula considerada “tradicional” ou mesmo por estarem com seus *smartphones* nas mãos comparando e repassando informações que não são científicas e acreditando apenas no senso comum. As angústias relatadas pelo professor não deixam de apontar para a satisfação de ver um aluno que passou por ele e que teve sucesso na carreira profissional como a maior alegria e fonte de prazer do professor. E afirma,

E te digo uma coisa meu privilegio enquanto professor é vê um aluno meu com boa carreira profissional, um concurso aí é orgulho é o lado prazeroso do professor, saber que o seu trabalho tá surtiu efeito, isso é

muito prazeroso não tem dinheiro que pague não, eu vejo isso e é o sustenta a minha profissão (ERICK).

Para o professor Erick, a satisfação se encontra no momento em que um aluno bem sucedido continua os estudos e isso dá muito orgulho do trabalho dele, mesmo que sejam muitos anos depois. Dessa forma, a docência resignifica o trabalho do docente quando ele percebe o sucesso do fruto do seu trabalho.

Já o professor Marcelo vai dizer que ser professor na contemporaneidade é almejar um futuro melhor para os alunos, uma vez que, segundo ele, esse é o sentido do trabalho desempenhado pelo professor.

Ser professor é almejar um futuro melhor, mediante ferramentas que temos né, e para gente o futuro é isso mesmo, são os nossos alunos. E se não for por eles, de pendendo de hoje que a gente sabe que pessoalmente a gente estar passando por um momento terrível e eu acho que a mudança parte daí dos nossos alunos: por que eles estão querendo castrar a ideia de seres pensantes né (falou em tom mais baixo), só isso mesmo (MARCELO).

Como notamos na fala do professor, o significado da docência, assim como o professor anterior, se faz mediante o futuro próspero para o seu aluno. E, ao mesmo tempo, o professor cita o contexto atual político e social como difícil para lidar com esse novo aluno, diz não estarem preparados e que a escola não prepara.

A professora Maria, de Biologia, ao ser questionada sobre ser professora nos dias atuais, vai dizer que ser professor está além de ensinar conteúdo já que acaba assumindo muitos papéis.

Você é psicólogo, você é um pouco de mãe, tem um pouco de amigo e de professor por que eles procuram a gente para desabafar, a gente ver que muitos deles tem uma carência e que ficam meio que supridos quando a gente dar um abraço, quando a gente dar atenção a gente ver esse tipo de carência, **então o trabalho da gente é muito mais do que ensinar conteúdos**, a gente quase que... como é que eu posso dizer, somos educadores na verdade, a gente consegue muitas vezes educar e criar hábitos que muitas vezes eles não tinham em casa por que as vezes a família não dar atenção, as vezes a família é desestruturada, vai além de educar o papel do professor, a gente forma opiniões, eles se espelham muito na gente em político por exemplo, ahh... vote em quem... vote em quem aqueles professores que eles gostam eles acabam tendo como exemplo então eles querem saber do que a gente gosta em quem a gente vota. Professora o que a senhora fez para chegar ao curso superior, a ser formar, eles vão se interessando por eles se espelham um pouco no trabalho da gente, não apenas num repassador de conhecimentos (MARIA).

Segundo ela, um particular do professor nos dias de hoje é essa aproximação com o aluno, se os professores tiverem empatia, diz ela, se torna muito mais fácil esse aprendizado, pelo respeito, pelo carinho e pelo afeto. Antes, a professora vai dizer, a relação entre aluno e professor era muito mais fria, o que, segundo ela, complicava esse aprendizado. A professora ainda menciona que a sua motivação para o trabalho está associada ao fato de que, quando o aluno chega a fazer uma universidade, principalmente numa pública, isso lhe deixa muito orgulhosa e se sente parte dessa conquista do aluno. Segundo ela, esse é o maior sentido que ela encontra na docência.

Resultado... resultado positivo do aluno, teve um aluno meu de EJA chegar para mim e dizer que estava fazendo biologia na UEPB, não era numa particular que é mais fácil entrar a gente sabe é numa pública e eu fiquei super feliz o que me motiva são esses resultados de um aluno que passa para fazer um curso um aluno que acha que não vai conseguir terminar o Ensino Médio e consegue isso para ele é uma conquista, então esses resultados positivos no meu trabalho vão me motivando para que eu continuar. As vezes um rostinho já tivemos alunos depressivos aqui, por exemplo e chegar ao final do ano ver que o aluno está bem que ele está melhor que a gente consegue passar para eles um apoio, uma coisa que melhorou a saúde dele, isso também vai dando animo a gente então são esses resultados positivos que as vezes é um só de uma turma inteira, mas que acaba renovando as forças da gente também (MARIA).

De forma bem mais enfática a professora afirma ter sua alegria na docência concentrada na realização do aluno já em sala de aula. Quando ela percebe que o aluno admira suas aulas, ou que ele se espelha nela enquanto docente e que escolheu a mesma disciplina que ela ministra, isso é o ápice da sua realização. A fala dessa professora se opõe às demais falas já que ela sente que o resultado do seu compromisso e dedicação gera bons frutos e reconhecimento, podendo não ser imediato, mas que ele, de alguma forma surge. Essa é uma fala que deveria perdurar entre os professores, uma vez que, o entusiasmo e o compromisso do professor refletem também no comportamento e nas escolhas do aluno.

Sem deixar de mencionar que são muitos os desafios enfrentados pelos professores da rede pública, porém, até que ponto a maneira como alguns dos professores encaram a escola pública pode refletir no descaso e na qualidade do ensino público no nosso país.

Já a professora Eva, de Inglês, vai dizer, assim como o professor Erick, que ser professor nos dias atuais não tem sido nada fácil já que, segundo ela, acaba acumulando muitas atividades extraescolares, como correção de trabalhos, provas, entre outros. Além

disso, diz que, emocionalmente, também acumula muitos papéis enquanto professora. E sua alegria reside em ver seus alunos progredirem, passando em vestibulares, concursos e trilhando um caminho de sucesso. Segundo a professora, essas são coisas que acabam resignificando o trabalho docente.

É sim, eu gosto do que e faço eu amo dar aula, eu sinto falta de quando eu não estou dentro de sala de aula, eu não sei se isso é bom ou ruim por que a gente se desgasta muito, você sabe disso, mas eu consigo trabalhar com alegria e isso é incrível porque eles falam professora a senhora vem dar aula e vem dar aula tão feliz e eu tento transmitir essa felicidade do meu trabalho da vontade de que eu tenho de dar aula, eu gosto por que eu trabalho com alegria (EVA).

Como notamos, a professora Eva, assim como a professora Maria, diz sentir prazer e vontade de continuar quando seu aluno progride em alguma área profissional na vida. Vejamos que a fala da professora Eva e a da professora Maria têm discrepâncias em relação à da professora Amanda, que prefere vender, por ver o resultado imediato do seu trabalho. Além disso, a professora atribui o segundo semestre do seu trabalho como o mais cansativo, justamente por se dedicar mais, principalmente com os alunos do 3ºs anos do Ensino Médio que estão prestes a realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os professores dão seu melhor para que sejam bem-sucedidos.

Já a professora Mariele, de Sociologia, mesmo apresentando algumas dificuldades no exercício da docência, como vimos em momentos anteriores da sua fala, vai dizer que sua principal razão e motivação nas aulas ainda são seus alunos. Afirma sentir-se feliz quando o aluno de fato aprende o que é Sociologia e a importância da disciplina para o Ensino Médio. “Com os alunos sim... agora na escola com a equipe... fica difícil eu vou pelos anos é o que ainda me estimula a ir é justamente os alunos...” (MARIELE).

O professor Walter, de Sociologia, nos aponta algumas questões pertinentes sobre a docência. Uma das questões que mais lhe deixa satisfeito no seu trabalho é a lida diária com o aluno. Essa fala do professor Walter se aproxima da colocação do professor Erick, que afirma ser o aluno a melhor parte da escola pública. Das muitas lamentações que encontramos do professor Miguel e Jean sobre o perfil do alunado, temos, de forma enfática, os elogios de Walter ao dizer que,

É por que eu consigo mesmo diante de todas estas coisas ruins que te falei até aqui experimentar coisas fantásticas... como por exemplo o projeto que criei e que surtia muitos efeitos, fui punido pela gestão não conseguir criar o projeto nessa escola a qual estou... mas vou procurando colocar outras atividades e com isso consegui junto com os alunos, pedir

reformas para escola, a participar de eventos com os alunos sobre a participação estudantil, tem até um fato curioso para fazer. Veja devido a esse projeto e como ele ganhou certa repercussão inclusive fora dos muros da escola eu fui convidado a participar de um evento numa escola municipal aqui um dia voltado para os estudantes pra discutir é poesia para que eles fizessem cordéis apresentações trabalhassem leituras e tudo mais e nesse dia eu nós conseguimos um ônibus para ir buscar os estudantes, um micro ônibus na verdade que nem cabiam todos e eu combinei com outro professor um colega parceiro eu disse olhe eu vou no meu carro sabe por que: vai que um dos meninos adoecer, sempre pode acontecer essas coisas mesmo tendo um micro-ônibus vim no meu carro e os que não couberam foram no meu carro e eu parei próximo a escola e as atividades eram voltadas não só para os alunos mas também para os professores, trabalhavam professores e alunos ao mesmo tempo e nós fizemos apresentações e tal começou as sete horas eu sai era meio dia quando eu sai de meio dia fui entrar no carro o carro estava arrombado levaram estepe, som, macaco, levaram um micro system que era do próprio grêmio dos alunos e a gente já tinha ganhado em outro evento ... **e nem por isso eu fiquei chateado culpando o evento e dizendo isso aconteceu por que eu vim para cá... não...** tu acreditas que eu não tive um sentimento de tristeza, ah eu perdi isso por que eu vim fazer isso.... **nesse dia os meninos ganharam livros saíram com três quatro obras e os meninos ficaram felizes, com o entusiasmo deles dizendo professor a apresentação foi legal e eu te digo isso sem querer romantizar os problemas da escola sim querer dizer ah mas outros professores podem ter só experiências ruins e estarem saturados e terem um discurso diferente do meu mas essa experiência foi e com os alunos é fantástica**, então em resumo o que ainda me faz motivado é experimentar coisas fantásticas inclusive com professores também no trabalho dentro da escola, fazer redesenho **curricular e deixar a carga horária mais democrática entre os professores...** isso tipo de coisa... (Walter).

O professor Walter demonstra dedicação, mas a sua insatisfação reside nas dificuldades em lidar com a gestão de ensino, uma vez que ele afirma ser o problema maior da escola pública, as gestoras indicadas por políticos, sem formação adequada, que tratam o professor com total desrespeito e que não questionam a regional de ensino quando se prescrevem as ordens para escola. Isso talvez seja um dos pontos centrais da escola pública a maneira como a escola vem sendo gerida e a influência que ainda os sujeitos da esfera política possuem. A escola acaba sendo um lugar do “cabide de empregos” e não o lugar do compromisso com o ensino, que têm professores formados em suas áreas, prontos a executar o ensino de forma democrática e não impositiva. Talvez esse seja um dos desânimos que também atravessam o ser professor da rede pública, mas ao mesmo tempo, todos esses elementos citados, tanto por Walter, como por outros professores, merecem ser problematizados diante de inúmeros professores que acabam não tendo compromisso com a chamada “coisa pública”.

Portanto, como vimos até aqui, existem perfis variados e performances variadas em relação à maneira como cada professor lida com cada temática na entrevista. O professor que ama e se dedica a atividades que não são próprias da docência; o professor que não planeja aula desde a graduação; a professora que mesmo não tendo interesse na profissão docente escolhe por “falta de opção”, mas se sente realizada com o progresso do aluno e quando a sua disciplina desperta nele o interesse pelo futuro; até mesmo a professora que se sente feliz ao realizar suas vendas, se sente reconhecida; passando pelo professor que vende bolos nos finais de semana também como complemento da renda, até os professores que veem na docência um trabalho de “formiguinha” que se faz hoje para um reconhecimento a longo prazo. Portanto, são perfis que representam uma fala, um lugar, uma trajetória, mas cada um, na sua particularidade, define um pouco do que ser professor da rede pública Estadual de Ensino em Campina Grande –PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em considerações finais remete à ideia de que a pesquisa e a temática podem ser compreendidas como um universo que é particular, mas, ao mesmo tempo, inesgotável de discussão. A princípio, o objetivo desse trabalho foi compreender as narrativas do ser professor da rede pública de ensino Estadual em Campina Grande –PB, partindo inicialmente de inúmeras questões que permeiam a escola pública e o trabalho dos professores, entretanto, esse foi apenas o ponto de partida. Para compreender o cotidiano dos professores foi preciso também entender aspectos comportamentais dos sujeitos por meio da cultura escolar. Além disso, perceber de que maneira os professores lidavam com o cotidiano e com a profissão na contemporaneidade. Essas discussões iniciais foram fundamentais para se refletir sobre várias temáticas que envolvem o trabalho do professor, a educação e até mesmo a escola. O maior desafio encontrado foi justamente esse, a variedade que o campo permite de análise, já que a escola é um composto de sujeitos que aglutina diversidades sociais e comportamentais.

Desse modo, procurando pensar sobre o trabalho docente, isso nos trouxe elementos fundamentais que antes poderiam ser encarados ou reduzidos apenas a uma vitimização do trabalho docente, em que, por vezes são vistos com descaso, mas que também acabam reproduzindo comportamentos e tratando a escola pública com descaso. Foi a partir das incursões etnográficas por meio da observação e das entrevistas que pudemos mergulhar num universo, percebendo mais de perto e levando em consideração a trajetória dos professores e o significado de ser professor da rede pública. Ao captar os múltiplos sentidos dos sujeitos da pesquisa, foi possível compreender os problemas mais complexos e outros mais pontuais que mereceram ser apresentados.

No processo de inserção no campo, com o passar dos dias, foi possível captar as impressões que muitas vezes destoavam daquilo que os professores falavam e até mesmo faziam na escola, o que nos conduzia a outros questionamentos que culminaram na realização desse trabalho. Como, por exemplo, o professor que está dando uma entrevista, mas se apressa para terminar o diálogo para poder adiantar as aulas dele e sair do ambiente escolar, mesmo afirmando em determinado momento da entrevista que é feliz dando aula.

Tendo, de fato, como pano de fundo, inicialmente, perceber apenas as angústias vividas pelos professores no ambiente escolar, foi possível também problematizar, falas e comportamentos que muitas vezes não estão de acordo com o que eles dizem e fazem.

Diante disso, foi possível também assumir uma postura crítica, levando em consideração os limites e as precariedades que a profissão docente vive, mas também apontando certos comportamentos que são estabelecidos por meio de uma cultura escolar que alimenta e reproduz um comportamento que não é adequado para a escola e o ensino.

Desse modo, foi possível tentar estabelecer a ruptura de se falar apenas dos limites e dificuldades, levando em consideração também o mau trato que a escola pública recebe tanto pelos funcionários, como pelos professores que fazem parte da instituição. Essa afirmação não desconsidera em momento algum o trabalho, arriscado e precário que os professores desempenham, embora, de algum modo, em termos de recursos financeiros e até mesmo de materiais e estrutura física, tenha-se encontrado melhorias.

Esse trabalho tentou afastar-se da perspectiva de compreender os alunos como passivos e os professores como vítimas e sim problematizar o cotidiano escolar. Foi possível notar que existe um conflito geracional entre professores e alunos em que a compressão fica comprometida e, conseqüentemente, a interação social. Talvez esse seja um dos fatores geradores ainda mais de conflitos, tensões e bullying entre os que compõem a escola. Diante disso, compreendemos que na escola há pouca sensibilidade para perceber a diversidade que nela há. Muitos professores alegam ver os inúmeros atestados nos pontos, porém, a direção não questiona e nem leva o caso a um órgão responsável para se pensar no adoecimento do professor, os motivos e como melhorar tal situação.

Além disso, notamos que os professores alegam intensos conflitos com a gestão da escola. Os diretores, assim como são chamados pelos professores, por vezes, são autoritários, conservadores, perseguidores e isso acaba sendo, segundo alguns deles, mais um dos motivos para que desânimo com as aulas. Dois dos professores que alegaram abertamente a dificuldade com esse relacionamento responderam da mesma forma ao se referir ao aluno, ao dizer que “os alunos são a melhor parte da escola pública”. Desse modo, a escola e os que a compõem, ao negar essa condição, acabam sendo negligentes e transformando o ambiente escolar em desarmonioso, alargando ainda mais as tensões e conflitos ali presentes.

O conceito de Cultura escolar foi de suma importância, pois permitiu focar no cotidiano das escolas e nas interações sociais do cotidiano dos professores, fazendo-nos vislumbrá-los sob uma ótica mais rica. A partir disso, pudemos compreender que mesmo as escolas e os professores integrados a contextos sociais mais amplos, possuem estilos, comportamentos que são próprios e desenvolvidos pelos sujeitos que compõem a escola.

Uma vez que os indivíduos participantes da ambiência escolar acabam desenvolvendo certos hábitos, valores e formas diversas de organizar e (re)significar o trabalho escolar.

Ao perceber o trabalho docente a partir de incursões etnográficas e por meio do viés da cultura escolar e das interações sociais foi possível compreender um universo que foge das demais discussões científicas no que concerne o sentido dado pelos professores à prática docente ou ao ser professor da rede pública em Campina Grande –PB.

Alguns dos professores entrevistados que reclamam da docência são praticamente os mesmos que compactuam e reproduzem um discurso da escola pública como ruim e sem qualidade. Tratando o seu trabalho docente com descaso, ou mesmo, a “coisa pública” ou que não “precisa da minha dedicação”, não se comportando da mesma forma na rede privada. Esses mesmos professores são os que acabam afetando a imagem da escola pública.

Ao nos referimos aos professores sobre o relacionamento deles com os funcionários e colegas da escola, notamos uma série de questões que merecem ser explanadas. Primeiramente, as falas referem-se aos alunos como a melhor parte da escola pública, mesmo diante de tantas dificuldades, lidar com o aluno é o mais tranquilo. No entanto, parte dos professores alega já ter trabalhado com gestores difíceis ou ainda trabalham e consideram isso como um dos maiores problemas. Muitos afirmaram existir muita perseguição, “fofocas”, autoritarismos, o que, segundo eles, afeta e atrapalha o desempenho docente. Alguns gestores interferem na didática, nos projetos e nas temáticas trabalhadas pelos professores, além disso, os professores também se referem aos professores prestadores de serviços como promotores de conflitos por serem indicados pelas diretorias ou mesmo por políticos.

Diante desses fatores mencionados, notamos ainda que os professores também desempenham comportamentos que são passíveis de críticas. Como, por exemplo, o professor que não prepara aulas, alega ter preparado apenas na graduação, mostrando o total descaso e desrespeito aos alunos. Outras performances são as dos professores que falam da escola privada como modelo, sempre alegando preparar aula para o setor privado e aplicar na pública, em seu discurso de que não fazem distinção fica clara a prioridade do professor, não recaindo essa sobre a rede pública, uma vez que, em nenhum momento ele diz preparar aula para rede pública e já usar na rede privada. A professora que se sente mais realizada nas vendas e nas suas consultorias revela que os alunos acabam não reconhecendo seu trabalho, ou seja, a professora espera dar sentido à docência de forma

imediate. Essas posturas foram fundamentais para que se pudesse construir um conceito sobre o ser professor da rede pública de Campina Grande –PB na contemporaneidade.

Talvez tais posturas dos professores entrevistados que remetem à prática docente com certo descaso esteja associada a inúmeros fatores, como a escolha profissional por falta de opção, já que muitos alegaram que as famílias não tinham condições e ser professor foi a opção para conseguir emprego mais rápido, um trabalho que eles encaram como não reconhecido ou em crise de identidade e até mesmo por ser uma escola pública que atende indivíduos da baixa renda.

Alguns professores também falam do desânimo e talvez encarem esse desânimo desenvolvendo comportamentos de resistências como: faltando às aulas, não preparando as aulas, deixando os alunos “bagunçarem”, entre outros. Essas formas de resistências podem ser encontradas desde o “refúgio” em locais mais reservados da escola como a biblioteca ou a sala dos professores; deixando o sinal tocar, esperando um tempo para que os alunos acalmem-se e eles possam ministrar aulas com tranquilidade. Como diz um dos entrevistados: “é uma tática que tem dado certo”.

Diante dessas posturas, compreendemos que o ser professor da rede pública de Campina Grande –PB está inserido num contexto de dificuldades, conflitos, violências e desânimo, como afirmam muitos deles. Mas, por inúmeros fatores que são comuns de uma cultura que alimenta o descaso e ainda acentua inúmeros conflitos no ambiente escolar, começando pelos sujeitos que gerem as escolas. Todavia, mesmo aí, existem momentos que são singulares para a profissão, como o reconhecimento por parte dos alunos para com a valorização do trabalho docente.

Durante as entrevistas realizadas, boa parte dos professores citaram que se sentiam felizes e realizados ao encontrar um aluno que obteve êxito na vida e sucesso, tendo passado em algum concurso ou que fez curso superior e reconhecem o professor e seu trabalho, alegando serem fruto desse empenho. Embora alguns dos professores reconheçam que esses elogios podem acontecer cinco ou mesmo dez anos depois, ainda assim são significativos para a continuidade da profissão.

A partir disso, compreendemos que a releitura elaborada pelos professores sobre o ser professor e seu cotidiano passa justamente pelo processo do saber lidar com os alunos, mesmo alguns aparentando comportamentos violentos, mas tirá-los do caminho das drogas e apontar um futuro melhor faz da docência um trabalho significativo. Dessa forma, mesmo vivendo as intempéries do trabalho docente, a (re)significação e o sentido da profissão acontecem no reconhecimento do aluno em relação ao seu trabalho

executado. Entendemos que o sentido atribuído pelos professores ao ato de educar como possibilidade de transformar o outro num sujeito melhor e de “futuro” lhes dá força para continuar no magistério. Esse é um fato que transparece fortemente nas entrevistas dos professores.

O reconhecimento por parte dos alunos gera satisfação e ameniza as dificuldades encontradas no cotidiano do professor como falta de material didático, de uma formação para usar adequadamente as tecnologias. Além disso, notamos que outra questão é o fato do reconhecimento do trabalho do professor por parte dos colegas de trabalho, sendo a falta dele um prejuízo para a escola, uma vez que os professores sentem-se desmotivados, a exemplo de um professor que, mesmo se esforçando, encontrava resistência na gestão da escola para fazer atividades com mais liberdade de ensino.

Ao falarem sobre a escolha da profissão, que é outro ponto relevante, seis professores, dentre os entrevistados, afirmaram que essa surgiu como alternativa possível por serem filhos de pais com baixa renda. Essa é uma fala um pouco preocupante, já que a realização e a satisfação profissional podem afetar a qualidade do trabalho desses profissionais. Então, alguns dos entrevistados mencionaram que, por falta de opção, tornaram-se professores, outros ainda alegaram “missão” ou mesmo vocação. Amanda, Maria, Mariele e Miguel pareciam ter interesse em outras profissões, mas, como não foi possível ingressarem em outras áreas, migraram para uma formação que pudesse levá-los ao mercado de trabalho mais rapidamente, devido às condições financeiras da família.

O professor Miguel foi um desses informantes que disse usar uma “tática”: ministrar aula e deixar os alunos bagunçarem por cerca de quinze minutos, ou até mesmo saindo da sala para que eles se sintam mais à vontade. Lembrando uma vez mais que foi esse professor que alegou não preparar aula desde a graduação, estando na rede pública há vinte três anos. Seria essa postura de descaso para com a docência? Então, o ser professor para ele foi um “acaso do destino”, tinha parentes que eram professores e assim acabou seguindo essa carreira.

Nesse contexto, das cinco categorias abordadas na pesquisa da tese, algumas questões merecem ser pontuadas como inspiração para futuras pesquisas sobre a docência na cidade em questão. Mesmo tratando-se de temáticas que atravessam as literaturas científicas, é importante percebê-las através das incursões etnográficas e a partir do cotidiano desses professores. Os professores vendedores compõem uma dessas temáticas. Eles entregam seus cartões personalizados com vendas de produtos variados, com o argumento de que o salário do professor “não paga nada”, ou seja, realizam o comércio

simultâneo nas escolas. Além disso, compreender o sentido da docência para a figura feminina, dando ênfase a sua luta diária em relação ao acúmulo de atividades como professora e com as atividades domésticas - “ser mãe, professora e esposa, não é tarefa fácil” -, como menciona a professora em relação à exaustão do trabalho.

Assim, espera-se que esse trabalho possa inspirar outras questões que permeiam a escola, a educação e o trabalho docente, como contribuição sociológica em busca de uma escola pública de qualidade e com professores realizados, uma vez que falar sobre a função da escola, da educação e sobre o papel do docente sempre nos leva por caminhos amplos e inesgotáveis.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANTUNES, Ricardo Antunes. Algumas teses sobre o presente (e o futuro) do trabalho. *In:* DOWBOR, Ladislau (Org.). **Desafios do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ANTUNES, Celso. **Professores e Professauros**: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2013.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- ASSUNÇÃO, Maria Madalena S. de. **Magistério primário e Cotidiano Escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade. *In:* BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas (Orgs.) **A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
- BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral**. Tradução de Luiz Roberto Malta. São Paulo; Imaginário: IEL: Nu-Sol, 2001.
- BIZARRO, R.; BRAGA, F. Ser professor em época de mal-estar docente: Qual papel da Universidade? **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. 22, p. 17-27, 2005.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Trad. Carlos Nelson Coutinho - Nova ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BONGIOVANI, Anair. **Entre o Prazer e a Dor, o (des)encanto da Profissão Docente**. 1ª Ed. Curitiba: Appris, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In:* BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Petropolis-RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CAMPINA GRANDE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Campina_Grande&oldid=57514874>. Acesso em: 22 out. 2019.

CANÁRIO, RUI. **O que é a Escola?** Um “olhar” sociológico. Porto: Porto Editora, 2005.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://educarparaomundo.files.wordpress.com/2016/07/vera-maria-candau-ser-professora-hoje-novos-confrontos-entre-saberes-culturas-e-praticas.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

CANDIDO, Antônio. A estrutura da escola. *In*: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1974.

CANDIDO, Antônio. A estrutura da escola. *In*: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e sociedade**. Rio de Janeiro: Nacional, 1979.

CARA, Daniel; GAUTO, Maitê. Juventude Percepções e Exposição à Violência. *In*: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

CODO, W. et. al. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COVER, Maciel. **Comentários sobre Etnografia em Ciências Sociais**. *In*: SILVA, Vanderlan *et al.* (org.). **Campos e Fronteiras Etnográficas nas Pesquisas em Escolas e Prisões**. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2017.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, n 5-6, p. 222-231, maio/dez. 1997.

DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Petrópolis: Vozes, 2002.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

- ENGUIITA, Mariano Fernández. **Educar em Tempos Incertos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ESTEVE, José Manuel. **O Mal-Estar Docente: A sala de Aula e a Saúde dos Professores**. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. Uma descrição do Modo de Subsistência e das Instituições Políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- FERREIRA, Denise C.; NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Maria Lacerda de Moura: Mulher que formulou um novo pensar social feminino**. Relatório de pesquisa. Campina Grande: PIBIC/CNPq/UFCG, 2007.
- FERREIRA, Denise C. **Educação e Sociedade: Lições de Pedagogia de Maria Lacerda de Moura (1997-1945)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.
- FANFANI, Emilio Tenti. **La condición docente: análisis comparado de la Argentina, Brasil, Perú y Uruguay**. Argentina: Siglo XXI, 2005.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- GOLDENBERG, Miriam. **Infiel: Notas de Uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de Perto**. Belo Horizonte, MG, Mazza, Edições, 1995.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil**. 2017. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil**. 2010. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- JOMINI, Maria Célia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**. Editora: Pontes, 1990.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, p. 9-44, 2001.
- KROPOTKIN, Pedro. Trabalho Cerebral e Braçal. *In*: MORION, F.G. (Org). **Educação Libertária** (Coletânea). Rio Grande do Sul: Artmed, 1989.
- KASSICK, Clóvis Nicanor *et al.* **Esboço para uma história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **A outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 9, n. 2, p.4-27, 2011.
- LARAIA, Roque. **Cultura**: Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LISTA DE BAIRROS E DISTRITOS DE CAMPINA GRANDE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_bairros_e_distritos_de_Campina_Grande&oldid=57046989>. Acesso em: 26 dez. 2019.
- MOURA, Maria Lacerda de. **Lições de Pedagogia**. São Paulo: Paulista, 1925.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1984.
- MARX, Karl. **O capital** – crítica da economia política. 13º ed. Livro I: O processo de produção do capital (Vol I). São Paulo: Difel, 1989.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Indisciplina**: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais/Políticas. São Paulo: PUC/SP, 2006.

NEVES, Eloiza Dias. **Entre o “quintal”, a “casa” e a “rua”, o ofício docente em contexto rural: um estudo de caso.** 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação.** Lisboa, Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação.** Lisboa, Dom Quixote, 1999.

OLIVEIRA, Lindamir Cardoso Vieira. Cultura escolar: revisando conceitos. **RBP**, v.19, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/viewFile/25445/14788>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Revista de educação e sociedade**, Campinas, v. 25, n.89, p. 1127-1144, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ORTIZ, Renato. As ciências sociais e a cultura. *Tempo Social*; **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 19-32, maio 2002.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe Revista do núcleo de Antropologia urbana da USP**, 2007. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1203>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

POCHMANN, Marcio. Juventude em Busca de Novos Caminhos no Brasil. *In*: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

RAMOS, Mozart Neves. **Valorização do Professor.** Publicado no Anuário Brasileiro da Educação Básica 2013. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/17-valorizacao-professor/analises/os-desafios-da-formacao-de-professores>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Cultura e Educação Brasileiras.** 4ª Ed. Petropolis-RJ: Vozes, 1976.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, Editora: UFPR, 2006.

SILVA, Vanderlan Francisco da. **Fazendo Etnografia em Campo Minado: Reflexões Sobre os Desafios da Pesquisa Antropológica em situações de Risco.** *In*: SILVA, Vanderlan *et al.* (org.). **Campos e Fronteiras Etnográficas nas Pesquisas em Escolas e Prisões.** Campina Grande-PB: EDUFCEG, 2017.

SILVA, Benedicto (coord.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

STIRNER, Max. **O Falso Princípio de Nossa Educação**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5ª. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WEBER, Max. A ciência como vocação. *In*: GERTH, Hans Heinrich.; MILLS, Charles Wright (Org.). **Max Weber**: ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

APÊNDICE – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Introdução: Eu gostaria de desenvolver um diálogo com o senhor(a) sobre “Ser professor da rede pública estadual”, além disso, compreender seu cotidiano e trabalho como professor nesta escola, a coleta dos dados servirá para uma pesquisa em nível de doutoramento. Os dados aqui coletados serão mantidos em sigilo e no anonimato, sendo usados apenas com fins científicos.

Disciplina:

Número de Turmas:

- 1- O que levou você a se tornar professor? (Escolha profissional/disciplina/vocação/trajetória)?
- 2- Como a atividade real se compara ao que você imaginava quando se formou?
- 3- Na sua opinião, qual é o papel do professor nos dias de hoje?
 - 3.1 - E antigamente?
 - 3.2 - Na sua opinião, como os pais veem a escola?
 - 3.3 - Qual o grau de violência nessa escola?
 - 3.4 - Gostaria que você falasse também sobre os seguintes itens em seu trabalho:
 - Carga horária e turno de trabalho (trabalha em outros lugares);
 - Remuneração (não precisa descrever valores é para apresentar se acha que é bem pago pelo trabalho que executa);
 - Ritmo de trabalho
 - Quantidade de tarefas;
- 4- Em que medida você participa do planejamento de suas tarefas?
- 5- Como é a sua relação com a diretoria e supervisão (Inspetores/ funcionários da Escola)?
- 6- Como você avalia as relações sociais entre os colegas da escola (Professores)?
- 7- Que situações são mais difíceis de enfrentar no seu trabalho como professor?
- 8- O que você acha do clima de trabalho na sua escola?
- 9- Quanto aos alunos, destaque pontos positivos e negativos em suas relações com eles.
- 10- Qual a sua principal motivação para o trabalho?
- 11- Você acha possível trabalhar com alegria?
- 12- Você se sente cansado fale sobre isso (Em que período do ano em que momentos descreva)?
- 13- Como você distribui seu tempo entre lazer, repouso e atividades profissionais?
- 14- Exerce alguma outra atividade profissional que seja de remuneração (Qual e como é esse trabalho, descreva)?